«DL»-LITERÁRIO: PANORAMA DAS ARTES E DAS LETRAS

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 22 DE JULHO DE 1971 N.º 17 450 ANO 51.º PREÇO 1$50

TAPETES
CARPETES
Carpélio
UM PRODUTO DA
CARPELIO MALHAS, S.A.R.L.-TROFA
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
ELIO AMORIM & FILHO, LDA.

O MUNICÍPIO ESTÁ CONTRA A UNIFORMIDADE DE HORÁRIOS DO COMÉRCIO DE LISBOA

VÃO SER ESTABELECIDOS HORÁRIOS DE CARGAS E DESCARGAS PARA CAMIONETAS E DADO O NOME DO PROF. SOUSA DA CÂMARA A UM ARRUAMENTO DA CIDADE

«Há que ter presente que o comércio retalhista, em qualquer cidade, faz parte do seu equipamento como orgão indispensável ao abastecimento publico e é esta qualidade que legitima a sua existência. Assim, tem desde logo de aceitar-se que os seus horários de funcionamento deverão corresponder aos períodos do dia em que as diversas camadas d consumidores não estão, por sua vez, forçadamente impedidos de abastecer-se pelo imperativo dos seus próprios horários de trabalho. O argumento de que quem se ocupa em serviços publicos ou similares, tem uma pequena margem no período anterior ao almoço e ao fim da tarde, é muito parcial e limitado. E todos quantos se ocupam na actividade comercial retalhista, não são também consumidores gerais? O problema existe e nada resolve fingir que não ou adiá-lo com argumentos especiosos» — afirmou o presidente da Camara Municipal de Lisboa, eng.º Santos e Castro, esta manhã, na reunião mensal.

E prosseguiu:

«A verdade é que, hoje — e cada vez mais para o futuro —, com o crescente emprego feminino (já lá vai o tempo em que as compras eram para as senhoras e que estas tinham livre todo o tempo para fazê-las) cada vez menos serve o horário actual e a prova está na maior procura que encontram os estabelecimentos de moderna concepção que todos e na crise que estão naturgraram horários mais adequa-

(Continua na 13ª pagina)

«CONVERSA EM FAMÍLIA» DO PRESIDENTE DO CONSELHO

Amanhã, às 22 horas, através da Rádio e da Radiotelevisão Portuguesa, será apresentada mais uma das habituais «conversas em familia» do Presidente do Conselho, sr. prof. dr. Marcello Caetano.

TUDO PURO, TUDO BRANCO. Foi assim que se casaram Alan Whitehead, do conjunto «Marmelade», e Lena Skoog, actriz sueca especializada em filmes «sexy». Ei-los à saída de uma igreja londrina, já em cima da «charrette» que os levou a local desconhecido. Até os cavalos eram brancos...

À BRASEIRA DO SOL

O sol (tão elogiado pela propaganda turística) é um prazer para alguns — os que vão diàriamente à praia. Mas para quantos trabalham ao ar livre sob os seus escaldantes raios, pode transformar-se em pesado fardo. Sobre esse quase-martírio de trabalhar à braseira do sol algumas considerações se fazem numa série de artigos que começamos a publicar hoje na página central.

HOJE 28 PAGS. VISADO PELA CENSURA

MÁQUINAS AUTOMÁTICAS PARA VENDER BILHETES NA LINHA DO ESTORIL

A revisão de bilhetes nos combóios passa a fazer-se por amostragem

Máquinas automáticas para vender bilhetes vão ser instaladas nas dez estações mais importantes da linha do Estoril até ao fim de Maio de 1972. Além disso, serão colocadas marcadoras automáticas em todas as estações da linha (unica excepção: Estádio), devendo a empresa receber as

(Continua na página seguinte)

DE ONTEM PARA HOJE

O APROVEITAMENTO DOS RIOS FRONTEIRIÇOS

Uma nota oficiosa do Ministério dos Negócios Estrangeiros informa: «A Comissão Luso-Espanhola para regular o uso e o aproveitamento dos rios internacionais nas suas zonas fronteiriças, cujas actividades se iniciaram, em 1927, limitadas ao rio Douro, e se estenderam, por força do Convénio de 1968, à totalidade dos rios fronteiriços, acaba de celebrar a sua reunião anual. Este ano, a reunião teve lugar em Lisboa, e no próximo ano será em Madrid, conforme dispõem os Convenios que regulam o funcionamento da Comissão. No decurso da reunião, foram examinados os assuntos pendentes e, em particular, os relativos à construção de um viaduto sobre a albufeira do rio Salas, à aprovação do projecto do empreendimento de Cedillo e aos possíveis trabalhos para a regularização do leito do rio Caia, cujo desvio poderia afectar a normal utilização de uma estrada nacional portuguesa que passa junto ao rio. Quanto ao aproveitamento do troço internacional do rio Minho, foram examinadas as questões legais relacionadas com a preparação de trabalhos eventuais, cujo estudo está confiado a um grupo de trabalho luso-espanhol que continua em funcionamento. Foram ainda examinados diversos assuntos correntes. As conversações tiveram lugar num clima da melhor harmonia e compreensão.»

CADETES AMERICANOS, BELGAS E INGLESES

Cadetes das aviações dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Bélgica, encontram-se de visita a Portugal, organizada a viagem pela Civil Air Patrol. Ontem estiveram a apresentar cumprimentos ao sr. Presidente da Republica e, depois, aos srs. secretários de Estado das Comunicações e Transportes e da Aeronáutica.

DENTRO DO POÇO

Desaparecera no domingo de casa de seus pais o pequeno António Manuel da Silva Mestre, de 11 anos, de S. Marcos de Tabueira, perto de Beja. Buscas e mais buscas e ontem a bicicleta do pequeno foi encontrada num barranco, e o corpo apareceu num poço a 2 quilómetros da casa dos pais. Está a G. N. R. a proceder a investigações.

DEBAIXO DO CAMIÃO

Trabalhava numa fábrica de ceramica o sr. Serafim Nunes Barbeiro, de 40 anos, morador em Cristelo, perto de Albergaria-a-Velha. Ontem achava-se num monte da liga de barro e escorregou para debaixo dum camião carregado com essa mesma liga. Apanhado em cheio, ainda vieram os bombeiros para o levar ao hospital, mas inutil. Tinha morrido.

«CAVALARIA A CAVALO»

O ministro da Defesa foi a Santarém presidir ás cerimónias do «Dia da Cavalaria» e no seu discurso, em dada altura, disse: «Ás outras Armas e Serviços comemoram tambem, nas datas próprias, os seus «dias». Penso, no entanto, que deverá estabelecer-se também a comemoração do Dia do Exército em paralelo com o que se passa na Marinha e na Força Aérea. Foi feita aqui uma referência ao restabelecimento do nosso Exército das unidades a cavalo, dado o seu emprego presentemente no Ultramar. Tive ocasião, há uns meses, de assistir, em Angola, ao trabalho de pelotões de cavalaria a cavalo e não deixo de encarar com interesse a criação de unidades desta natureza possivelmente em outras já existentes e que permitam o recrutamento e instrução para as tropas a cavalo do Ultramar. Isto não será voltar atrás, mas sim caminhar conforme as necessidades dos tempos actuais».

DEVE SER HOJE SENTENCIADO O AUTOR CONFESSO DA MORTE DO COSTUREIRO DE CASCAIS

«Fiz aquilo sem pensar» — afirmou o autor confesso da morte do costureiro Francisco Costa Simão, de 42 anos, natural do Crato, proprietário de uma «boutique» em Cascais, na primeira sessão do julgamento, ontem iniciado.

O criminoso, Manuel Sereno Rodrigues, de 17 anos, natural de Chão das Maias, Serra — Tomar, prosseguiu:

«Não tinha jantado e por isso aceitei ir ao restaurante a Sintra. Quando o conheci não sabia o que ele era. Prometeu-me 100 escudos mas não mos deu. No outro dia recusou-se a pagar. Tentei meter-lhe medo com o canivete. Foi quando o amarrei que tirei as coisas, que depois abandonei na Parede. Nunca pensei que ele morresse, nem nunca tive a intenção de o matar».

O caso, ocorrido em 9 de Março ultimo, foi largamente referido no «Diário de Lisboa». O Manuel Sereno só veio a ser preso três semanas depois do crime. Já tivera uma condenação por furto.

O tribunal é constituido pelo corregedor José Augusto Pacheco e Melo Franco, tendo como adjuntos os juizes drs. José da Cruz Rodrigues e Jorge Manuel Morado Vale. Promotor de Justiça o dr. Joaquim Manuel dos Santos Barata. Defensor oficioso o dr. José Pimenta.

Após a declaração do réu atrás transcrita, o juiz corregedor chamou-lhe a atenção para o género de divida que ia cobrar a casa da vitima, pois «*se tivesse vergonha não teria lá ido*».

Instado, seguidamente, pelo promotor de Justiça, o réu afirmou que já tivera anteriormente uma experiência idêntica á que se deu com o costureiro Simão.

Não há testemunhas de defesa, sendo apenas ouvidas dez testemunhas de acusação, entre as quais o dono e o empregado de um bar contiguo á «boutique» e a proprietária e dois empregados do restaurante onde o costureiro foi jantar com o Sereno.

O defensor oficioso procurou atenuar a situação do carpinteiro, afirmando que o réu fora arrastado para o crime, não teve intenção de matar e que era manifesto o seu arrependimento. Procurou a seguir, situar o crime não como homicídio mas como ofensas corporais de que resultaram a morte.

O acórdão deve ser lido ainda hoje.

A revisão de bilhetes na linha do Estoril será feita por novo sistema a partir de 2 de Agosto

(Continuação da pág. anterior)

máquinas até ao fim deste ano.

Estas e outras revelações foram feitas pelo eng.º Duarte Belo, director de Exploração da Sociedade Estoril, no decorrer de uma conferência de Imprensa realizada esta manhã. O eng.º Duarte Belo referiu-se aos sistemas de revisão e disse que as máquinas automáticas para venda de bilhetes (*«foram já encomendadas 28 modernissimas unidades para guarnecer as nossas 10 estações mais importantes»*) *«permitem a requisição de todos os tipos de bilhetes inteiros de simples ida, por introdução da quantia certa em moedas de $50, 1$00, 2$50 e 5$00, em qualquer combinação possível.»*

Acentuou:

«Estas máquinas, que deverão estar ao serviço até ao fim de Maio de 1972, emitem bilhetes com a indicação da data, hora e minuto da emissão já validados, portanto, automáticamente. Tem ainda como característica interessante a de, ao premir-se a tecla correspondente ao bilhete escolhido ficar indicado em numeros luminosos o montante a pagar. O valor de cada moeda inserida na fenda é deduzido no montante indicado, de modo que o passageiro saiba sempre quanto lhe falta inserir para obter o bilhete desejado.»

Os bilhetes têm de ser validados

Referindo-se á marcação dos bilhetes, o eng.º Duarte Belo assinalou que as marcadoras automáticas efectuam nos bilhetes que se introduzem numa fenda nelas existente a impressão da data, hora e minuto desta validação, com indicação adicional da estação em que é feita.

Esta marcação passará a ser feita logo que as marcadoras estejam instaladas, pelos próprios passageiros. Segundo o eng.º Duarte Belo, a marcação permite as seguintes vantagens: as séries de 20 bilhetes com validade de 10 semanas são substituídas por séries de um numero qualquer de bilhetes, com validade limitada apenas á validade da tarifa; assim o passageiro adquire na bilheteira o numero de bilhetes que desejar e apenas valida na marcadora o bilhtte que vai utilizar nessa ocasião; da mesma forma, um bilhete de volta pode ser utilizado quando se desejar, apenas tendo de ser validado na marcadora quando se iniciar essa viagem de regresso; é claro que os bilhetes adquiridos mas não validados préviamente nas marcadoras não têm qualquer validade, como se compreenderá.

Revisão por amostragem

O eng.º Duarte Belo referiu-se ainda aos sistemas de revisão de bilhetes que pode ser realizado nas estações ou em trânsito, sendo esta a que a Sociedade tem utilizado normalmente. Quanto á frequência, a revisão pode ser sistemática (a todos os passageiros de todos os combóios) ou por amostragem (a alguns passageiros de todos os combóios ou a todos os passageiros de alguns combóios).

A revisão sistemática é muito dispendiosa e incomoda mais os passageiros. Estes são os motivos que levam a Sociedade a adoptar o sistema de revisão de bilhetes por amostragem, sistema que, como acentuou o eng.º Duarte Belo, *«exige do publico determinados actos conscientes e responsáveis, como seja o uso das miquinas automáticas, actos esses que não lhes poderiam ser exigidos há alguns anos atrás.»*

O novo sistema baseia-se nas seguintes características fundamentais:

A revisão de bilhetes é feita pelo revisor-condutor de cada comboio e, além disso, por brigadas especiais que inspeccionam os combóios, de uma forma não previsível e não anunciada préviamente.

Estas brigadas, enquanto esperam nas estações por outros combóios, ocupam o seu tempo a fazer a revisão de bilhetes nos cais de embarque.

A permanência nos cais de embarque — que vão ter nos seus acessos dísticos esclarecedores do facto — passa a ser permitida a penas aos passageiros munidos de bilhete ou assinatura válidos ou, ainda, de bilhete de gare.

Acentua-se, porém, que os bilhetes terão validade limitada, verificável pela aposição da hora da emissão. Assim os bilhetes ordinários adquiridos nas bilheteiras passam a ter uma validade de utilização de duas horas e os bilhetes de gare, de uma hora.

Aos passageiros encontrados, quer nos combóios, quer em cais de embarque, sem bilhete ou assinatura válidos para essa ocasião, ou para o percurso ou classe em que se encontrarem, será cobrado o respectivo bilhete, com um mínimo de cobrança de *20$00*, que lhe dará direito de completar a sua viagem.

O sistema de revisão de bilhetes por amostragem começa já no dia 2 de Agosto. No entanto, para permitir a adaptação do público ao novo sistema de revisão, só uma semana depois entrará em vigor a cobrança efectiva da «multa» de 20$00.

Durante essa semana de tolerância, os passageiros serão apenas advertidos, sendo-lhes cobrado o bilhete ou mudança de classe em falta, com o preço anterior da tarifa geral, acrescido de 20 por cento, com um mínimo de 5 escudos.

Em resumo: a alteração essencial do sistema é a de que a entrada nos cais de embarque ou nos combóios obriga os passageiros a estarem munidos de bilhete válido.

Vai a Odemira o ministro das Obras Públicas

O eng. Rui Sanches ministro das Obras Públicas e das Comunicações, desloca-se amanhã em visita de trabalho ao concelho de Odemira, acompanhado de vários técnicos dos seus departamentos governativos.

De parte da manhã, começará por visitar os blocos de Telhares, em exploração, e de Santa Clara-a-Velha e de Sabóia (rede de rega em construção), seguindo depois para a vila, a caminho da qual observará o viaduto da Estrada Nacional 123, próximo da estação.

Pelas 11 e 15, terá uma reunião nos Paços do Concelho, dedicada á apreciação de vários problemas relacionados com empreendimentos e pretenções de melhoramentos locais, visitando depois as escolas primárias e o quartel da G. N. R.

À tarde visitará sucessivamente o canal de Milfontes e a respectiva rede secundária de rega, ao longo da Estrada Nacional 393, até ao extremo; a fábrica Cooperarativa do Mira; a área regada da zona, até ás proximidades do Cabo Sardão; a Central da Bagulheira e o reservatório de Odeceixe e o canal de Odeceixe e a respectiva zona de rega, ao longo da Estrada Nacional 120.

O secretário de Estado Silva Pinto visita Coimbra

Desloca-se amanhã a Coimbra, em visita de trabalho, o secretário de Estado dr. Silva Pinto que imediatamente após a chegada áquela cidade se reunirá na delegação do I. N. T. P. com os delegados dos seis distritos integrados na Região Plano do Centro. A seguir, e ainda naquele organismo, efctuar-se-á, com a presença do governador civil, eng.º Cunha Matos, o encontro mensal dos responsáveis locais dos diversos serviços dependentes do Ministério dasç Corporaçções e Previdência Social.

À noite o secretário de Estado trabalhará com os representantes dos vários organismos corporativos do distrito de Coimbra.

FORD ESCORT

O PEQUENO GRANDE CARRO

2 ou 4 PORTAS E ESTATE CAR

STAND MODERNO

RUA JOÃO SARAIVA, 15 — LISBOA — (Alvalade)

Telef. 71 10 65 (10 linhas)

Salão de Exposição: Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A

CONCESSIONARIOS Ford em LISBOA e nos concelhos de: CASCAIS — LOURES — OEIRAS — SINTRA — VILA FRANCA DE XIRA

RECTANGULOS da VIDA

História sem palavras

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Desço a rua, entro no metropolitano, estendo á menina muda as moedas necessárias, aceito o rectangulozinho que ela me fornece em troca, desço a escada, espero, paciente, que se aproxime o olho mágico da carruagem subterrânea. Ela chega, pára, parte. Lá dentro, o silêncio do mar encapelado, isto é, o de toda aquela ferragem barulhenta, som de não dizer nada. Na minha paragem saio, subo as escadas do formigueiro ou do túnel de toupeiras por onde andei. E sigo pela rua fora — outra rua —, entro numa loja. De cesto metálico na mão (estamos na era do metal) escolho caixas, latas e latinhas, sacos. Tudo aquilo é bonito, bem arranjado, atraente, higiénico, impessoal. A menina da máquina registadora recebe a nota, dá-me o troco. Ausente, abstracta. Verá sequer as caras que desfilam diante de si? Apetece-me dizer qualquer coisa, que o troco não está certo, por exemplo. Que me deu dinheiro a mais. Ou a menos. Mas não digo nada. As máquinas sabem o que fazem. As meninas das máquinas também.

Tenho, de repente, saudades do bilhete de não sei quantos tostões que dentro de alguns anos deixará de se pedir em eléctricos e autocarros a um funcionário com cara de poucos amigos, do merceeiro que não nos perguntará mais como estamos nós de saúde, e a família, pois claro. Saudades do tempo das palavras, ás vezes insignificativas, de acordo, mas palavras.

Volto a casa com as minhas compras, higiénicas, atraentes e silenciosas. Sinto-me no futuro. Não gosto.

AUSTIN
200J4
250JU

SÕLIDAMENTE CONSTRUÍDAS PARA OS MAIS VARIADOS USOS

NAS VERSÕES FURGÃO, MISTAS DE 5 OU 9 LUGARES E GALERA, OS VEÍCULOS COMERCIAIS AUSTIN GARANTEM UM BAIXO CUSTO OPERACIONAL.

	200J4	250JU
CARGA ÚTIL (FURGÃO)	1013 KG.	1315 KG.
CAPACIDADE DA CAIXA DE CARGA (-)	5,1 m3	7 m3

DISTRIBUIDORES GERAIS: J. J. GONÇALVES, SUCRS. S.A.R.L. LISBOA • PORTO ÉVORA • BRAGA • SANTARÉM • MATOSINHOS • AG. EM TODOS OS DISTRITOS

Externato Sebastião da Gama

INFANTIL PRIMÁRIO

CICLO PREPARATÓRIO — LICEU (5.º e 7.º completos)

AULAS DIURNAS E NOCTURNAS

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

Av. Almirante Reis, 106, 1.º — Telefs. 822776/823531 (Frente à Cervejaria Portugália)

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 95023.2

Informamos os nossos Ex.mos Clientes que, depois de amanhã, sábado, dia 24, a nossa Sala COZINHA VELHA se encontra reservada para um LANCHE DE CASAMENTO, servindo-se no entanto os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares, na SALA DE BANQUETES.

A DIRECÇÃO

NOTA do dia

NASCER, VIVER, MORRER

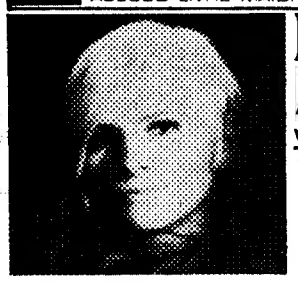
FOI UMA FIGURA à parte o prof. Câmara agora falecido e sepultado, figura à parte no nosso meio, pelo que fez, pelo que ensinou, a atitude no estudo, a atitude perante a vida. Foi sobretudo uma figura exemplar, desenhando no nosso acanhado meio a silhueta ainda hoje rara do investigador científico, o homem que se dá ao estudo e à observação dos fenómenos do mundo da sua especialidade, o ver, o interpretar, o tentar entender. Filho de um professor distinto de ciências agronómicas, foi por aí que António Sousa da Câmara abriu o seu caminho, podendo dizer-se que esse caminho não o abriu apenas para si, mas para toda a coorte de jovens agrónomos que na sua influência se formaram e muitos são espalhados hoje por diversos serviços e dependências. No nosso pequeno mundo científico contemporâneo, sem experiência, sem tradição, podem apontar-se neste instante os nomes de Egas Moniz, de Flávio Resende, de Vieira Natividade, agora o de António Câmara, todos presentes apenas na lembrança das amizades vivas e no testemunho de trabalho que legaram, além desse vivo e vivaz Aurélio Quintanilha, da geração anterior, à qual, aliás, ele próprio influenciou como geneticistas. Um cientista, um professor, que mais pode deixar-nos que os resultados do seu trabalho, o seu exemplo de trabalho, o pequeno batalhão dos discípulos continuadores do seu trabalho? Isto identifica a personalidade do prof. Câmara. Quantos são os da especialidade que nele ficam a louvar-se?

DE UM INVESTIGADOR se passa a outro investigador. Das Ciências agronómicas se passa às Ciências humanas, para anotar o prémio que a Academia conferiu e hoje entregou ao Prof. Jorge Dias, pelo seu trabalho extraordinário, em colaboração com Margot Dias, sobre «Os Macondes de Moçambique na Vida Social e Ritual». O Prof. Jorge Dias, que os nossos leitores conhecem, através do «Diário de Lisboa», muito melhor pela sua rara e preciosa colaboração do que por tudo quanto sobre ele se possa escrever, é de facto um investigador de eleição, cujo nome galgou todas as fronteiras para se engrandecer no prestígio do pequeno universo onde é uma grande autoridade. A Etnologia, a que os anglo-saxónicos chamam Antropologia cultural, é uma arma poderosa no combate aos segredos da evolução da vida social. Para além do lugar que lhe cabe nos quadros estatísticos, para além do entendimento que dele se faça na hierarquia dos seres vivos, o «homo sapiens» é uma entidade diferente, o construtor de civilizações. Jorge Dias sabe penetrar nesse mundo através de canais interpretativos que a sua argúcia vislumbra e sabe explorar, extraindo conclusões que o habilitam a traçar quadros interpretativos como esse, verdadeiramente prodigioso, sobre os Macondes, que a Academia quis assinalar com a marca de não ter escapado à sua atenção.

E AGORA DE UM LIVRO se passa a outro livro, das Ciências se passa para a observação da actualidade, da Etnologia para a Política. No momento em que a Assembleia Nacional vai abrir o debate para legislar o regime a que ficarão sujeitas as actividades da Imprensa, teria talvez o sabor amargo da injustiça não referenciar para a atenção de quem lê o preciosíssimo e oportuno documentário que dois jovens estudiosos, Alberto de Carvalho e Monteiro Cardoso, organizaram e publicaram precisamente sob o título de «Da Liberdade de Imprensa». Chamar-lhe preciosíssimo e oportuno documentário não é exagero. Quase parece pouco, pois mais apeteceria chamar-lhe exaustivo. É um estudo situado numa ampla perspectiva histórica e actual com a panorâmica aberta sobre as modalidades que em tal instituto têm sido e são adoptadas nas diferentes épocas, nos diferentes países, sob os diferentes regimes políticos. Na hora do debate que vai travar-se, eis um livro que não pode estar ausente de quem o quiser seguir e nele ponha alguma razão de interesse. E dá satisfação verificar que foi de dois jovens que partiu a iniciativa de tão importante contributo para o esclarecimento de um problema verdadeiramente essencial para todos nós.

novo casino estoril

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS



LIZA MARTIN
vedeta da canção e da TV inglesa

THE CLEMENTIS
FAMOSA ATRACÇÃO MUNDIAL
odete mendes

BLUEBELL GIRLS' SHOW

Shegundo Galarza e seu Conjunto
Jirina's Combo Ferrer Trindade e sua Orquestra

BELA BALALAYKA
SÓ NO WONDER BAR
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE, ÀS 23,30 H.
Grupo D — 18 anos
NO WONDER BAR, À 1,0 H. — Maiores de 21 anos
Telefone 26 45 21

novo casino estoril

TRINDADE
F. N. A. T.
APRESENTA
HOJE, ás 21.15
ÚLTIMA RÉCITA
Grupo B — 10 Anos
BARBEIRO DE SEVILHA
de ROSSINI
Maestro: Silva Pereira
Encenador: Carlo Pasquali
ELENCO
Elisette Bayan, Conceição Ramos, Hugo Casais, Carlos Fonseca, Luís França, Armando Guerreiro, João Pessanha, Costa e Silva.
AMANHÃ, 3.ª Récita, da «BOÉMIA»

gostoso Tartex
MANTEM A LINHA

PASSAPORTES
WASTEELS EXPRESSO
Av. António Augusto de Aguiar, 88 - C — Lisboa
Tel. 868588
Rua Caminhos de Ferro, n.º 62 - C — Lisboa — — Tel. 42185

LICENCIADO EM HISTÓRIA OU FILOSOFIA
Em História ou Filosofia, recém-formado ou em vias de concluir o curso, livre das obrigações militares, admite empresa para o seu serviço de pessoal.
Resposta a este jornal ao n.º 864.

A «FARSA DE INÊS PEREIRA» NO CASTELO DE S. JORGE

As Festas de Verão de Lisboa prosseguem amanhã, á noite, no Castelo de S. Jorge, com um sarau vicentino em que será representada a «Farsa de Inês Pereira» pela companhia de António Manuel Couto Viana, com a participação de um grupo de bailarinos dirigidos por Jorge Trincheiras. É, para a noite ser de festa á maneira medieval, será assado um boi e oferecido a dois mil populares, assim como pão, vinho e doce.

A Camara Municipal chamou a si uma inovação na Volta a Portugal em Bicicleta, cujo início se verifica ao princípio da noite de sábado no Estádio José Alvalade. A prova vem até junto do grande publico, pois parte do contra-relógio está integrado nas Festas, ou seja o percurso em que os corredores darão a volta ao Campo Grande.

Ainda na mesma noite, com início ás 21 e 45, haverá provas de natação na piscina dos Olivais para os adultos mais classificados dos clubes da especialidade, assim como saltos e numeros humorísticos e competições entre selecções de nadadores do centro de Portugal e de Castela.

Na tarde de domingo, a população da cidade será brindada com o cortejo de viaturas de bombeiros voluntários e municipais, com material de todas as épocas, no total de mais de cem carros. Sairá das Ruas Barata Salgueiro e Castilho, percorrendo a Avenida da Liberdade, Rossio, Rua do Ouro, Terreiro do Paço, Ribeira das Naus, Avenida 24 de Julho e Avenida da Índia até á Praça do Império.

«Uma cama para toda a gente»: estreia amanhã no Monumental

Mantendo a tradição (que tem mais de 20 anos) de apresentar espectáculos em época estival, Vasco Morgado apresenta amanhã, em estreia a comédia francesa de Jean Létraz, numa tradução de Julio Martins, «Uma cama para toda a gente».

Esta peça estreou-se em 1947 no Teatro Palais Royal de Paris e foi dirigida pelo seu autor constituindo um dos grandes êxitos do teatro de «boulevard» da capital francesa. Presentemente, e desde Janeiro, é o alegre e divertido cartaz do Teatro Reina Vitoria, onde com o título «Esta noche en su casa... señora» alcança um grande triunfo em Madrid.

«Uma cama para toda a gente» tem desempenho de Camilo de Oliveira, Armando Cortez, Canto e Castro, com Linda Silva e Fernanda Franco e a colaboração especial de Milu e Irene Isidro.

VIU O FESTIVAL DA GUARDA?
GOSTOU DA CANÇÃO «MADRUGAR»?

Vote em Fernando Lito
artista exclusivo da
etiqueta RAPSÓDIA

TEATRO NA ERICEIRA

ERICEIRA, 22 — Após uma ausência de longos anos a Companhia Rafael de Oliveira (Teatro Desmontável) vai apresentar na Ericeira algumas peças do seu reportório. A estreia está prevista para fins deste mês. «Deus lhe pague», «Danubio Azul», «Está lá fora um inspector», «A muralha», «Frei Luís de Sousa», «O gato», «A calunia», «Três em lua de mel», «Amor de Perdição», são algumas das peças a apresentar.

A companhia estreia na Ericeira com «O homem que fazia chover» e «Histórias para serem contadas».

FEIRA POPULAR DE LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
PEQUENO GRANDE MUNDO DE ATRACÇÕES E ALEGRIA SEDUZ O POVO DE LISBOA E TODOS OS QUE VISITAM A CIDADE
EXPOSIÇÕES ABERTAS AO PÚBLICO EM MAJESTOSOS PAVILHÕES E LINDOS «STANDS», ONDE HÁ MUITO QUE VER E APRENDER
UM GRANDE LUNA-PARQUE DE CATEGORIA INTERNACIONAL DE TUDO PARA COMER E PARA BEBER
ABERTURA ÀS 19 HORAS

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Belém, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

VIDA MUSICAL

Concurso Internacional Eisenberg

O prestígio da Costa do Sol como centro de cultura musical constitui, sem dúvida, um dos factores mais significativos desta zona do turismo português. Além dos Cursos Musicais Internacionais de Férias, os Concursos Internacionais, também promovidos pela Junta de Turismo da Costa do Sol, atraem numerosos artistas estrangeiros. Este ano, a par dos X Cursos Internacionais, que começam em 23 de Agosto, realiza-se o III Concurso Internacional Maurice Eisenberg para violoncelistas (1 a 7 de Setembro).

Os prémios são bastante atraentes: vinte mil escudos para o 1.º prémio; quinze mil para o segundo e dez mil para o terceiro. A Pro-Arte institui, como nos anos anteriores, um prémio de cinco mil escudos para o artistas português melhor classificado no concurso.

O regulamento e quaisquer outras informações podem ser solicitadas à secretaria da Junta de Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Parque-Estoril) ou pelo telefone 260113.

DOIS ESPECTÁCULOS MUSICAIS POR GRUPOS ESTRANGEIROS

Voltam a Lisboa os estudantes americanos da All Ohio Youth Choir, na sua viagem anual pela Europa. E tornam, como sempre têm feito, a proporcionar ao público da cidade, um espectáculo coral, marcado para a noite de amanhã na Estufa Fria.

Outro conjunto, a American Symphony Chamber Orchestra and Singers, também quis proporcionar á gente da capital uma noite preenchida por musica. Trata-se de uma orquestra de camara valorizada com a presença de solistas, a qual se exibe, na noite de sábado, no Pavilhão dos Desportos, interpretando diversos trechos de autores modernos em voga, principalmente nos Estados Unidos.

Para ambas as audições, foram estabelecidos preços módicos, ao custo de 10$00 e 5$00, com venda nos Restauradores, das 18 ás 20 horas, a partir de hoje e á entradas dos recintos referidos, nas noites dos espectáculos, depois das 21 horas.

Cinema no Terraço do Capitólio

O terraço do Capitólio, depois de vários melhoramentos, volta a dar cinema durante o Verão, a preços acessíveis. Para reabertura daquele agradável recinto está programado um Festival Internacional de Cinema (dois filmes por noite).

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

CONCERTOS

ESTUFA FRIA

Dia 23, às 21.45 h., com a colaboração de ALL OHIO YOUTH CHOIR

PAVILHÃO DOS DESPORTOS

Dia 24, às 21.30 h., com a colaboração de AMERICAN COMMUNITY SYMPHONY CHAMBER ORCHESTRA AND SINGERS

Bilhetes a 10$00 e 5$00 à venda na P. dos Restauradores, das 18 às 20 h., a partir do dia 22 e, à entrada das respectivas salas, no próprio dia do espectáculo, depois das 21 h.

Grupo A/6 anos

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO

para a concessão da exploração da

LOJA N.º 7-D da R. da Margem no Bairro do Grilo

Prestam-se informações na Repartição do Património, nos Paços do Concelho.

MONUMENTAL DE CASCAIS

DOMINGO, 25 DE JULHO ÀS 17.30 H. — M/ 6 ANOS

Imponente corrida de Toiros a favor da Santa Casa da Misericórdia de Cascais com a presença de S. Ex.ª o Sr. Presidente da República

CONCURSO DE GANADARIAS

6 PODEROSOS E LINDOS TOIROS

de Francisco Palha Van-Zeller, Francisco de Goes, Manuel e Mário Vinhas, Ernesto de Castro, Conde de Murça, António J. Teixeira

Serão lidados pelos 3 ases do toureio a cavalo

MANUEL CONDE — MESTRE BAPTISTA

LUÍS MIGUEL DA VEIGA

FORCADOS AMADORES DE ÉVORA

CABO NUNES PATINHAS

BILHETEIRAS: Agência ABEP — Restauradores e em Cascais nos locais do costume. Pelas 17 horas, desfile na arena dos Ranchos Folclóricos

TEATRO GIL VICENTE

CASCAIS TEL. 280919

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

IVONNE princesse de Bourgogne de WITOLD GOMBROWICZ

HOJE E TODAS AS NOITES ÀS 22 HORAS

Amanhã: não há espectáculo

Adultos

MELHOR SOM MAIS LUZ PILHAS GATO BRANCO

A PARTIR DE AMANHÃ ÀS 21,45 H. ESTREIA

LISBOA

VAI DIVERTIR-SE À GRANDE e à FRANCESA!

Tradução de Júlio Martins
Cenas e figurinos ARTUR CASAIS

SÁBADO: 2 SESSÕES 21 e 23 H.

teatro MONUMENTAL tel 55 51 33

VASCO MORGADO APRESENTA

CAMILO DE OLIVEIRA

numa atrevida e divertida comédia de JEAN DE LÉTRAZ

uma cama para toda a gente

Grupo D - para maiores de 13 anos

Uma encenação de ANTÓNIO DE CABO

No elenco

ARMANDO CORTEZ * CANTO E CASTRO * LINDA SILVA * FERNANDA FRANCO

e a colaboração de MILÚ e IRENE ISIDRO

Artes plásticas

Exposição de pintura na Costa da Caparica

Na sede do Grupo Amigos da Costa, na Costa da Caparica, está patente ao publico e tem sido muito visitada uma exposição de pintura da artista Angela Vimonte, que ali expõe os seus trabalhos pela primeira vez.

No acto inaugural, usaram da palavra o presidente da referida agremiação e o sr. António Correia, director do jornal «Praia do Sol», que elogiou as actividades do grupo e salientou a importancia do ciclo de exposições nas Festas da Caparica, as quais se prolongam até Setembro. Falou, também, o comissário das exposições, o pintor António Carvalho, que assinalou a acção da colectividade em prol da difusão das artes, valorizando aquela zona de crescente interesse turistico. Felicitaram a artista, cuja exposição constitui novo êxito.

PARA DEBELAR A CRISE

Encerramento ou concentração

de cerca de 50 fábricas de conservas de peixe

Através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, recebemos da Secretaria de Estado do Comércio o seguinte comunicado:

«Atravessando a industria de conservas de peixe uma situação de crise que punha em perigo a própria sobrevivência da actividade, de larga projecção na economia nacional, foi decidido, ao mesmo tempo que se tomavam diversas medidas de aplicação imediata, encarregar um grupo de trabalho de proceder ao estudo das causas profundas daquela situação e das providências que a mesma reclamava.

A apreciação do referido relatório, oportunamente elaborado, permitiu concluir que ás condições de concorrência cada vez mais duras nos mercados externos se opõe uma redução, da produção, como consequência da baixa de capturas em especial de sardinha. Paralelamente tem vindo a elevar-se substancialmente os custos quer das matérias-primas necessárias á fabricação das conservas, quer os encargos com a mão-de-obra. Esta situação tem sido agravada, ainda, pelo facto de muitas unidades fabris serem de fraca dimensão.

Perante a situação descrita, impunha-se criar as condições necessárias para se obterem custos de produção mais baixos nomeadamente pela redução do numero de estabelecimentos industriais, concentrando a produção naqueles que oferecessem melhores condições técnicas e económicas.

Resolveu, portanto, o Governo, numa primeira fase, e de acordo, na sua generalidade, com a proposta formulada pelos grémios de industriais, aceitar um esquema de extinção voluntária de estabelecimentos fabris com compensação financeira a suportar pelo Fundo Corporativo, formado por contribuições dos industriais.

Por outro lado não foram esquecidas as consequências sociais ligadas ao despedimento de pessoal ocasionado pelo encerramento das unidades fabris, facultando-se aos trabalhadores despedidos um esquema especial de subsídios ao abrigo de regime previsto no Decreto-Lei n.º 44 506, de 10 de Agosto de 1962.

Encontram-se concluídos os trabalhos indispensáveis á concretização desta primeira fase, a qual deverá envolver o encerramento ou concentração de cerca de meia centena de unidades representando cerca de vinte por cento da capacidade instalada e vai iniciar-se o pagamento das indemnizações que competirem a cada uma delas e a solução dos casos derivados dos despedimentos colectivos, envolvendo um dispendio total da ordem da centena de milhar de contos, 70 mil dos quais provenientes do fundo corporativo da industria.

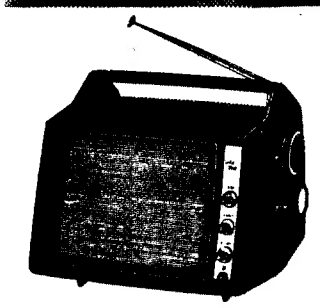
Do mesmo modo estão estudadas as directrizes relativas á concentração de empresas, com e sem extinção de unidades industriais, e aos agrupamentos para a comercialização das conservas dos respectivos associados e que constarão de diploma legal a publicar brevemente.

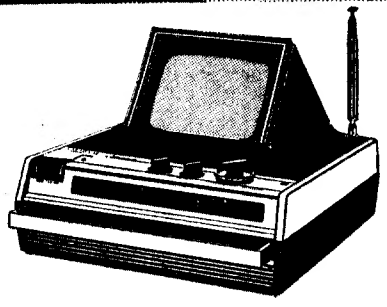
Não podendo esquecer-se que a crise da industria de conservas de peixe deriva em larga medida da insuficiência do abastecimento da sua principal matéria-prima, procede-se neste momento ao estudo de novas formas de assegurar esse abastecimento em condições de maior regularidade e equidade.

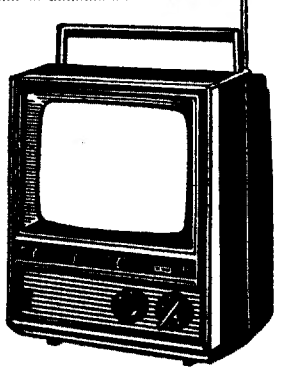
Simultaneamente há que adaptar a organica corporativa actual ás possibilidades do sector e á nova dimensão que vai resultar da reconversão da actividade, pelo que, não se justificando a manutenção de cinco grémios de industriais, se estuda, em ligação com o Ministério das Corporações, a sua fusão num grémio unico, de ambito nacional.

O Instituto Português de Conservas de Peixe continuará a acompanhar e a apoiar a resolução dos problemas relativos á industria de conservas de peixe, devendo, porém, a reforma, em curso, dos organismos de coordenação económica permitir-lhe uma acção mais eficaz e dinamica ao serviço do sector.»

conhece realmente o meu portátil?







Se conhece o meu televisor NATIONAL portátil, pois óptimo! Está portanto, tão contente como eu e confiante de ter feito uma boa escolha. Melhor, pode confirmar como eu as vantagens da técnica avançada dos nossos televisores e da excelente qualidade dos produtos NATIONAL.
Não conhece? Pois pode ter a certeza de que, entre vários modelos NATIONAL há, sem dúvida, pelo menos mais do que um que corresponde àquilo que V. entende por um «BOM TELEVISOR». É exigente? Também nós!... daí a razão da nossa preferência.

NATIONAL

sonipol LISBOA—PORTO

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

CONCURSO PÚBLICO N.º 7/71

PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE «CONSTRUÇÃO CIVIL, ELECTRICIDADE E AR COMPRIMIDO, DA GARAGEM E OFICINAS DO AEROPORTO DE FARO»

Depósito provisório: 52 900$00.

Prazo de apresentação das propostas: 30 dias.

Alvarás exigidos aos concorrentes: I Categoria ou 1.ª Subcategoria da I Categoria e Classe correspondente ao valor da proposta.

Locais de consulta do processo: Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa; Direcção do Serviço de Obras — 3.ª Repartição: Edifício n.º 4 do Arruamento B do Aeroporto de Lisboa; e Aeroporto de Faro.

Local do acto público do concurso: Sede — Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa.

Anuncia-se que se encontra aberto o concurso público acima identificado, sendo o prazo de apresentação das propostas contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo».

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 10 horas no primeiro dia util que se seguir ao termo do prazo de trinta dias fixado neste anúncio.

Nos locais de consulta do processo, em todos os dias úteis e nas horas de expediente, podem os concorrentes solicitar cópias dos elementos patentes a concurso.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 20 de Julho de 1971.

O ADJUNTO DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

Ó DA GUARDA!

O interesse do publico pelo cançonetismo produziu uma intensa emulação, primeiro internacional e ao depois nacional. Quiseram todas as nações possuir o seu festivaleco; querem-no agora as cidades; vão querê-lo amanhã vilas e aldeias. Legítimo, pois ou há moralidade ou cantam todos. Não morrerei ainda sem assistir pela televisão portuguesa ao Grande Prémio da Canção da Aldeia Nova da Serra. Uma certeza: não será pior do que o da Guarda. Por uma simples razão: porque é impossível ser pior do que aquilo.

Todos viram: desde ontem, Guarda entrou no rol das cidades com festival. Acendeu uma profusão de luzes, criou uma euforia de verbena do Carcavelinhos que Deus haja. Nos seus mil e cinquenta e seis metros de altitude recebeu a incumbência de levar a todo o País a mais negra baixitude. Descortinam-se mal os objectivos da iniciativa. Ninguém acredita na promoção da cantiga, assim cantigada; ninguém acredita que daí virá qualquer enriquecimento para a cidade que, em antiguidades pré-históricas, tem que baste. E se alguém acha que, para o Turismo, isto é bom, desiluda-se. Rações deterioradas nunca deram bom nome ao restaurante.

Ai Guarda cidade tão alta que tão baixo desceste...

ASSOEM-SE A ESTE GUARDA... NAPO

Primeiro veio a Maria da Fé entoar uma coisa incaracterística onde se convidava um menino a fazer bolinhas de sabão. A longa ausência da fadista que chegou a ser dada como sucessora de Amália não merecia ser quebrada deste modo. Se Maria da Fé quer retirar-se, porque não retirar-se de vez? Porque há-de andar assim a morrer aos poucos nos dentes acerados da falta de qualidade?

Com José Manuel entrámos no domínio das imitações. Não se pode imitar melhor o Tony de Matos. *Caminhando, caminhando*, José Manuel não sai não sairá nunca) do mesmo lugar. Depois, com mil diabos, Tonys já nos basta um!

O Duo Orfeu com uma canção medíocre não marcou com uma nova pedra o seu caminho. Escusa de fingir balanço: ali nada pode salvar do inferno. Duo Orfeu vibrou ontem forte machadada nas suas intenções de qualidade.

Cheta cantou uma das piores musicas da noite. De Sequeira Afonso era de esperar outro poema mas de Cheta não era de esperar outra «musica», nem outra interpretação. Na repetição exaustiva da letra houve falta de memória ou qualquer outra falta?

Ninguém será capaz de me pedir que fale do conjunto António Mafra. Há coisas que não se pedem a ninguém.

Tal como ninguém será capaz de me pedir que fale do Fernando Lito, da Corina, das *Elas*, do Luís Romão, da Florência. Não há duvida. Estou a perder qualidades. Antigamente era capaz de ficar para aqui a falar, a falar deste e daquele, a copiar pedacinhos das letras, a gozar, enfim. Hoje não sou capaz. Um desencanto, um cansaço, uma desistência... Deixo cair os braços sem saber o que dizer. Uma vontade de agarrar no casaco, de bater com a porta, de gritar: «governem-se!»

Agarro-me pela gola, *calma! Vamos, escreve aí o que está bem e o que está mal, os positivos e os negativos, o bom e o mau...*

Mas qual bom? Qual positivo? Apenas na canção «Daremos as mãos», com poesia de Isabel Pires, musica de Nuno Gomes dos Santos e interpretação de Carlos Moniz, apenas aí aconteceu o mínimo, aquele mínimo de equilíbrio sem o que a canção, derrotado nos seus multiplos elementos, socobra no caos. Ainda aí porém, tudo não faz mais do que ficar enunciado: a melodia afasta-se do circuito banal-nacional-tradicional sem contudo optar por uma via definida; a letra afasta-se do suporífero individualista do costume para cair numa vaga e evangélica ambiência social; a interpretação denota o esforço de Carlos Moniz por encontrar o seu estilo cujas linhas mestras, contudo, ainda não se definem.

Fora isso, debatemo-nos com o convencionalismo mais exacerbado. O festival da Guarda foi um fruto inutil pela pior das razões: porque foi um fruto podre.

EM GUARDA!

Aceita-se (que remédio!) a mediocridade sem classificação do festival. Aceita-se (que remédio!) que ainda entre nós haja quem componha e quem interprete assim. Já não pode aceitar-se que a televisão portuguesa se preste a um jogo que não a prestigia nem concorre em nada para o fomento saudável da canção ligeira, mesmo a destinada ao publico menos exigente. É certo que a televisão portuguesa lava daí as suas mãos: limita-se a dar a antena. Nessa colaboração, porém, existe a maior responsabilidade, pois transforma uma doença local numa epidemia generalizada. Acontecer na Guarda, já é mau; acontecer no País todo, já é pior. Facilitar «um plebiscito nacional» á volta de canções como as de ontem é mais do que um escandalo: é uma insensatez.

Ainda aqui não haveria importancia decisiva se se tratasse apenas de um caso isolado, ou impensado. Tudo leva a crer, no entanto, que estamos na presença do fortalecimento de uma linha de conduta já bem visível.

Por outro lado, a musica ligeira «tradicional» passa ao ataque e grita: «Em Guarda!» ajudada pelo mais poderoso meio de divulgação e de penetrção nas massas — e nas mossas. O festival de ontem, com a competente tele-visão, foi mais um elo na cadeia de iniciativas tendentes a fazer valer os direitos da cançoneta empalhada, irresponsável, caixote de serviço para o bichano domesticado.

Estejamos certos de que nada conseguirá. A mediocridade nem a golpes de inspiração nem de organização conseguira jamais fazer rodar ao contrário os ponteiros do relógio. Pode, quando muito, dar uma ilusão disso. Viva de ilusões quem quiser. Quem da realidade não pode viver.

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da juventude; 17 e 30: «Falua», programa para adolescentes, por Ana Maria; 18 e 05: O convidado de hoje: Joe South; 18 e 20: Espectáculo — Teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Música popular portuguesa; 19 e 10: Selecção da zarzuela: «El húsar de la guardia»; 19 e 45: Melodias por orquestras; 20: Diário sonoro; 20 e 20: O conjunto: «The Guess Who»; 20 e 30: 6.º episódio do folhetim: «Mathias Sandorf»; 20 e 50: Melodias pela orquestra James Last; 21: Momento 71; 21 e 20: Música, só música; 21 e 50: Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Fados, por Ana Hortense e Eurico Paiva; 22 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 23 e 05: Música latino-americana; 24: Fecho.

2.º Programa metropolitano — Às 16: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão; 18: Música portuguesa; 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Concerto por um duo de flauta e harpa, constituído por José Esteves Duarte e Fausto Dias; 20 e 40: A orquestra «Collegium Musicum», de Paris, dirigida por Roland Douarte; 21: Bailado da ópera «Idomeneo» (Mozart) Orquestra Sinfónica de Viena, dirigida por Meinhard von Zallinger; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Música sinfónica; 22: Teatro de todos os tempos, pelo dr. Eurico Lisboa (Filho) «A boa guarda» de Lope de Vega; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 04: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens biblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Das 16 e 04 às 3 e 02: Programas variados.

Emissor de Miramar — 383, 6 mc/s — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânia; 19 e 20: Robvialac; 19 e 35: Estúdio 64; das 20 e 10 às 23 e 04: Programas variados.

Rádio Renascença — 233,2 m — 286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Acerte connosco; 18 e 20: Boletim litúrgico; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; das 20 e 58: às 23: Programas variados.

Estação do Porto — 256,6 m 1169 kc/s — A Radiorama; 18: Tangos; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires em Lisboa; das 19 e 05 às 23: Programas variados.

CABELOS BRANCOS!...

SEMPRE JOVEM COM

água de colónia RECUPERAÇÃO

RESTITUI AOS CABELOS BRANCOS A SUA PRIMITIVA COR

À VENDA NAS DROGARIAS E FARMÁCIAS

DISTRIBUIDORES:
J. C. CRESPO, LDA.
Rua da Madalena, 183-197 LISBOA

AGENTE NO NORTE:
BARBOT COSTA
Rua Fernandes Tomás, 748 PORTO

TV dia a dia

HOJE PODE VER

I Programa — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 14 e 15: Logo á noite; e 14 e 20: Fecho. *2.º período:* 19: Abertura e série juvenil 19 e 30: Telejornal; 22: Transmissão directa do Campo Pequeno; 0 e 5: Meditação e fecho. II Programa — Às 20 e 31: Desenhos animados; 20 e 45: O livro á procura do leitor: 21: Série filmada; 21 e 30: Telejornal. 3.ª edição; 22: «O Maioral»; 23 e 20: Fecho.

SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série; 13 e 45: Telejornal; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo á noite; 14 e 20: Fecho. *2.º período* — Às 19: Abertura; 19 e 1: TV Juvenil; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Filme infantil; 20: Programa feminino; 20 e 25: Série comédia; 20 e 55: Cartaz TV; 21 e 0: Telejornal; 22 e 5: Série policial; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Desenhos animados; 20 e 40: Minidecoração; 21: Filme de série; 21 e 30: Telejornal; 22: Correspondentes de guerra; 22 e 40: Dopia Copia, programa de variedades! 23 e 25: Fecho.

O ASSALTO AO BANCO DA AV. DE ROMA ESTEVE PARA SER NA CHAMUSCA

— REVELOU ESTA MANHÃ A POLÍCIA JUDICIÁRIA

Uma agência bancária da Chamusca foi o alvo primitivamente escolhido pelos «cérebros» do assalto efectuado há um mês, á dependência da Avenida de Roma, mas, além dos irmãos Ormonde, os executante do «hold-up» seriam outros — revelou esta manhã, a Polícia Judiciária.

A tentativa de assalto deu-se em Novembro do ano passado, tendo por objectivo a agência do Banco Totta & Açores naquela vila ribatejana, mas não resultou por temor do «sector executivo», constituído por cinco indivíduos dos quais um manifestou receio, acabando por influenciar os outros, quando se encontravam já no local da acção

A polícia apenas revelou que um dos candidatos a assaltante foi Amilcar Augusto de Oliveira Dias, actualmente residente em Luanda, onde o chefe Machado foi buscar, trazendo-o a Lisboa para averiguações, sendo mais tarde posto em liberdade.

Quanto aos outros, o inspector dr. Leão Trigo — que fez esta comunicação á Imprensa, na presença do subdirector da P. J., dr. Araujo e Sá, e do inspector Pereira da Graça e do referido chefe de brigada — manifestou relutancia em identificá-los, «por razões deontológicas», uma vez que não chegaram a consumar qualquer acção legalmente punível.

Segundo a Polícia Judiciária, o «instrumental» a utilizar na acção da Chamusca era o mesmo que acabou por ser utilizado na Avenida de Roma. Ligaduras de tipo medicinal, sacos de pão, e até as duas armas efectivamente exibidas em Lisboa, eram objectos já previstos para a Agência do Banco Totta & Açores.

Quanto a antecedentes dos irmãos Ormonde, o inspector dr. Leão Trigo disse que o mais velho, José João, tinha contra ele uma queixa, sob a acusação de burla no montante de 447 contos, e que o mais novo, João Manuel, teria tentado extorquir mil contos a um industrial da construção civil.

Promessas de emprego, além da divisão em partes iguais do produto do assalto, parece terem decidido os executantes, que foram cuidadosamente industriados, actuando de forma quase automática. No decorrer dos interrogatórios, soube-se que os participantes na acção não recearam ser enganados pelo portador do dinheiro roubado, pois esperavam que o respectivo montante fosse comunicado á Imprensa. A partir daí dividiriam o dinheiro equitativamente.

Outro pormenor curioso prende-se com o facto de não ter sido possível cumprir integralmente o plano traçado, devido ao adiamento do assalto de sexta-feira para segunda-feira (21 de Junho). É que, entretanto, os irmãos Ormonde haviam entregue á porteira a chave do apartamento do prédio da Rua do Conde de Sabugosa, em virtude da pressão dos outros inquilinos e do senhorio, a quem não agradavam as «festas» que lá faziam frequentemente.

Na opinião da P. J., teria sido João Manuel Ormonde o elemento que acção mais decisiva desempenhou no assalto, embora não seja de desprezar a actividade do José João e, evidentemente, dos executantes da «tarefa»

Segundo foi afirmado na reunião desta manhã, a Polícia Judiciária já dispunha de elementos referentes ao assalto malogrado, mas nada lhe permitia actuar

Um aspecto importante, salientado pelo dr. Araújo e Sá, consiste na impossibilidade, que advém da Constituição, de um indivíduo ser *preso* para esclarecimentos.

«A Polícia não prende para esclarecer. Só pode prender depois de possuir elementos seguros e sólidos que justifiquem a prisão dentro da lei» — rematou o subdirector da P. J., que respondia a um jornalista preocupado em saber por que razão não havia aquela corporação detido imediatamente os elementos cujas identidades já conhecia.

Outro jornalista preocupou-se em saber se «não andaria ali o dedo do Palma Inácio».

«Não» — respondeu categóricamente o dr. Leão Trigo.

O edifício da rua Carvalho Araújo onde está instalado desde hoje a maior parte dos serviços médico-sociais da Previdência

Novo esquema de educação física

Por despacho do subsecretário de Estado da Juventude e Desportos o Ministério da Educação Nacional determinou que fossem duplicadas as horas consagradas ás aulas de educação física nos estabelecimentos de ensino secundário, instituindo simultaneamente o meio-dia desportivo.

Este novo esquema alarga para duas horas as duas aulas semanais de educação física, que até agora se limitavam a uma hora por sessão e consagra a prática desportiva «meio-dia» por semana num período de 4 horas seguidas.

O estudo das novas instruções para as aulas de educação física e para a utilização dos meios-dias desportivos deverá estar concluído de forma a entrar em vigor no começo do próximo ano lectivo, nos estabelecimentos de ensino equipados com as condições materiais necessárias.

INAUGURADO O MAIOR POSTO MÉDICO-SOCIAL DA PREVIDÊNCIA

O dr. Baltazar Rebelo de Sousa, titular da pasta das Corporações e da Saúde e Assistência, inaugurou hoje, de manhã, o posto clínico da Alameda, que é presentemente a maior e a mais completa unidade médico-social da Previdência existente em todo o País.

Situado na Rua Carvalho Aràújo, com uma das frentes para a Alameda D. Afonso Henriques, em edifício adquirido e adaptado segundo os mais modernos requisitos, o novo posto possui 25 gabinetes para as consultas das diferentes especialidades, além de grande número de salas de tratamentos.

A nova unidade médico-social funciona das 8 às 20 e 30, nela trabalhando cerca de 250 pessoas, uma centena das quais pertencentes à classe médica. Está apta a atender diàriamente mais de 1500 beneficiários.

HOMENAGEM AO DR. JUSTINO MENDES DE ALMEIDA

Com um jantar, hoje, em Benavente, o dr. Justino Mendes de Almeida, antigo subsecretário de Estado da Administração Escolar, vai ser homenageado pelos seus conterraneos.

À homenagem associam-se amigos e admiradores daquele antigo membro do Governo, que exerce, actualmente, as funções de presidente da Junta de Investigações do Ultramar.

motor

SAIU HOJE

- COMPLETA REPORTAGEM DO X CIRCUITO DE MONTES CLAROS
  (Avelãs Coelho, Augusto Vilela, Nuno Coutinho, Adriano Cerqueira, Maria do Céu, José Pinto e José Pedro Ribeiro)
- OS SPORT-PROTÓTIPOS EM 1972
  (Philippe Toussaint)
- GRANDE PRÉMIO DE INGLATERRA
- KARTING
  (Herlander Garcia)
- MOTONÁUTICA
- MOTOR-ENSAIO — FORD TAUNUS 1600 e 2000
  Por Philippe Toussaint do Serviço de Reportagem de «Motor» no estrangeiro

28 PÁGINAS 2$50

BOM APETITE

A CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

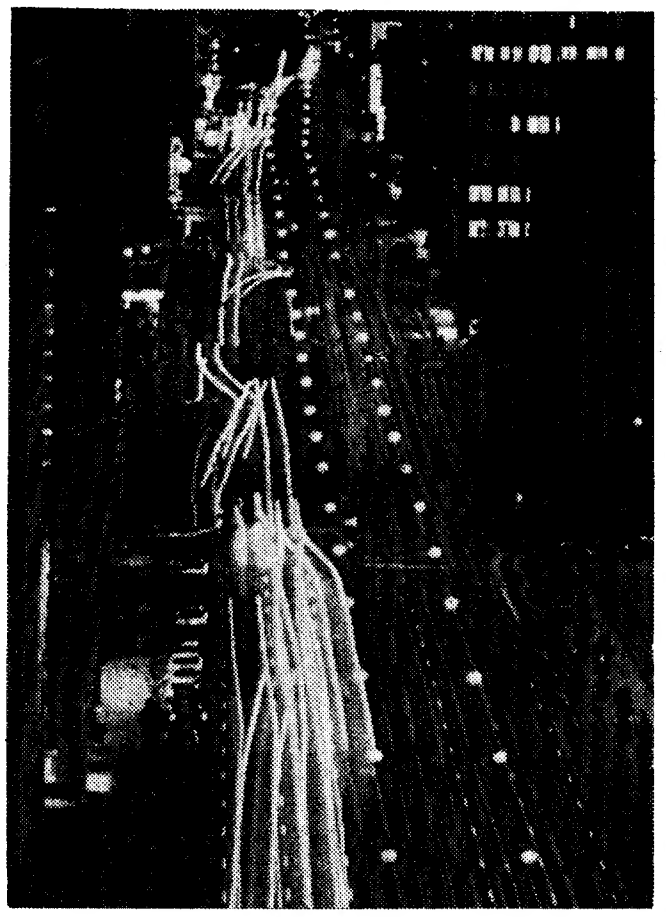
a furna
almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

CHURRASCO
ABERTO ATÉ ÀS 8.30 H.
Rua dos Portas St.º Antão, 83
Telef. 323059

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144 — Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I. (Maiores de 15 anos)

PROGRAMAÇÃO IBM UNIVAC
INTRODUÇÃO AOS ORDENADORES
INICIO: 26 DE JULHO
— PRÁTICA EM COMPUTADORES IBM/360
— ESTÁGIOS REMUNERADOS
Informações e inscrições:
INESME — Instituto de Estudos Mecanográficos
Rua Castilho, 61, 4.º Dt.º Tel 56 10 68/0/9

AINDA PODE HABILITAR-SE AOS PRÉMIOS COMPLETANDO A COLECÇÃO DE «CABEÇALHOS»



Aspecto nocturno de uma das artérias de maior movimento de Montreal, grande cidade canadiana servida pelos modernissimos aviões da CP-Air. A estadia no Canadá, oferecida a leitores do «Diário de Lisboa», envolve também a visita a Toronto e às famosas Cataratas do Niagara

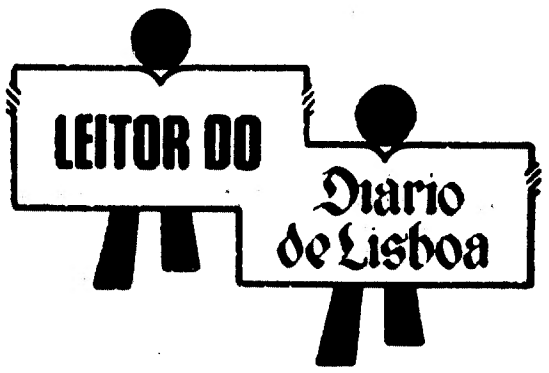
Pode ainda habilitar-se aos prémios (magníficos) instituídos para a segunda fase da iniciatva com que o «Diário de Lisboa» assinala a comemoração do seu cinquentenário. Basta completar a colecção de cabeçalhos necessários — exactamente os que se compreendem no período de 7 de Abril findo a 7 de Julho corrente, com uma margem de faltas de cinco exemplares por cada mês de publicação.

É, pois, da maior conveniência conferir a colecção de «cabeçalhos» porque está anda a tempo de poder assegurar a compra dos exemplares que não conseguiu adquirir oportunamente. Os leitores de Lisboa não têm mais que dirigir-se aos nossos serviços: Rua Castilho, 185-1.º ou Rua Luz Soriano, 17. Os leitores da província devem fazê-lo por escrito para o serviço de assinaturas do «Diário de Lisboa»: Rua Castilho, 185-1.º — Lisboa, enviando a importância total dos exemplares solicitados em cheque, vale ou selos de correio, à razão de 1$50 por exemplar.

O sorteio está marcado para a próxima segunda-feira, às 18 horas, e realiza-se nos nossos serviços: Rua Castilho, 185-4.º. Pouco falta, portanto, para sabermos quem serão os felizes contemplados com os magníficos prémios instituídos nesta segunda fase da grande iniciativa que o «Diáro de Lisboa» está a promover. Recordamos que para entrar na posse dos prémios que lhe forem atribuídos em sorteio, os contemplados terão de provar ser leitores regulares do nosso jornal, exibindo a colecção de «cabeçalhos» (título e data da primeira página) correspondentes ao período de 7 de Abril findo a 7 de Julho corrente, com uma margem de faltas autorizada de cinco exemplares por cada mês de publicação.

Verifique bem a sua colecção de «cabeçalhos». A simples falta de um exemplar (além dos que são autorizados pelo regulamento) fará com que o prémio que venha a ser-lhe atribuído fique ao alcance do suplente, para o efeito também apurado.

Está ainda a tempo de poder habilitar-se a prémios magníficos. Basta completar a sua colecção de «cabeçalhos».



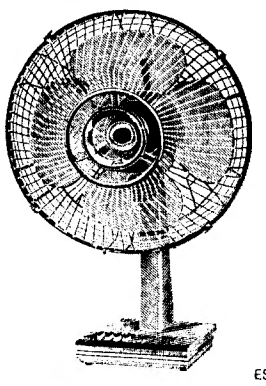
JORNAIS ATRASADOS

- **Os leitores, residentes em Lisboa, que pretendam jornais atrasados e não os consigam nos vendedores habituais, podem adquiri-los na Rua Castilho, 185, 1.º e na Rua Luz Soriano, 17, das 9 e 30 às 12 e 30 e das 14 e 30 às 18 e 30, excepto aos sábados, em que o horário é das 9 e 30 às 13.**
- **Os leitores que morem fora de Lisboa podem dirigir-se por carta à Rua Castilho, 185, 1.º, enviando o valor dos jornais desejados, pelo correio, podendo fazê-lo por cheque, selos ou vale do correio.**

VENTOINHAS Toshiba

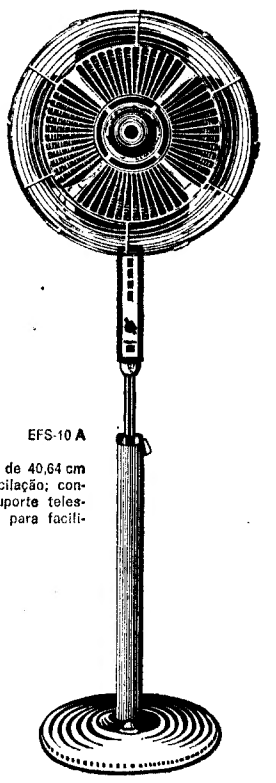
TOSHIBA VALE POR 4

Ventoinhas de tecto, de secretária, de chão e de automóvel
UMA LINHA COMPLETA



ES-47 C

Ventoinha de mesa, 4 pás de 40,64 cm, de estilo elegante. Um trabalhar fácil e silencioso. 4 Teclas de controlo e pás desmontáveis. Pode também ser utilizada como ventoinha de parede.



EFS-10 A

4 botões de controlo e 4 pás de 40,64 cm desmontáveis, e de dupla oscilação; controlo de oscilação frontal, suporte telescópico. Montada sobre rodas para facilidade de deslocação.

Ambiente TOSHIBA

Toshiba VENTOINHAS
QUALIDADE DESDE 1875

À venda em todos os bons estabelecimentos e nos Agentes Toshiba

[redacted] o fado e o folclore — restaurantes típicos [redacted]

VIELA

Cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis. **Consumo mínimo, 60$00 ✲ Rua dos Taipas 14 ✲ Tel. 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Maria da Nazaré. Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga Tocam: Fontes Rocha, José Luís, Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo, 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Tel. 860816.**

TIMPANAS

Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín., 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 676655 e 672431.**

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto, Francisco Martins e Alcindo Carvalho .Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef. 328307 ✲ Consumo mínimo: 60$00 ✲ Encerra aos domingos.**

ADEGA MACHADO

Cantam: Maria Portugal, Tino Ferreira, Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Fados de Coimbra por Loubét Bravo. Tocam: **Liberto** Conde Américo Silva e Victor Ferreira Fandango pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Os Arautos **Encerra ás 2.ªs-feiras. Consumo mínimo: 70$00. Rua do Norte, 91. Tel. 30095-28713.**

[redacted] restaurantes, bares, «boites» e «dancings» [redacted]

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs.: 264521-264526-264596-264621-264946**

ADAGIO

A presença de JOSÉ LETRIA Pop-Soul e Undergroung ✲ Sempre os últimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695**

TAMILA

Marão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Musica constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 ✲ Telef 667264.

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente. **Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA —LISBOA—Tel 861633**

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira ✲ Aberto até ás 5 da madrugada ✲ Rua da Trindade, 9—Telef. 327109 ✲ Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa— Musica constante ✲ **Av. Marechal Carmona ✲ Tel. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.**

[redacted]VIME

Conjunto6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Shov» turstico ✲ Variedades Internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerra aos domingos.

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(a duque de loulé)

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

CONJUNTO OLIVER ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

BATACLAM
BAR DISCOTECA

Rua Ramalho Ortigão, 39-A Telef. 560430

BAR: Aberto das 19.00 ás 3.30 h. DISC.: Aberto das 22.00 ás 3.30 h. NOITES DE PARIS EM LISBOA

ENCERRADO AOS DOMINGOS

Iamos no eléctrico quando o entrevistámos. José Antunes, de seu nome, 20 anos, tem o gosto pela sua profissão de boletineiro, que considera desportiva

À BRASEIRA DO SOL — 1

QUANDO SE TRABALHA CO NEM SEMPRE SE FICA FR

O sol também nasce para Lisboa. Nasce e aquece. Ás vezes, é uma brasa. Uma boa brasa para quem vai até á praia e fica com o mar ali aos pés. Outros, porém, «beneficiam» do sol mesmo no pino, durante as horas de trabalho.

Um sol pouco desejado, a aumentar a sede, o cansaço, a sugar mais as energias de quem moureja ao ar livre. Que a sombra quase não aparece no local de trabalho.

Reportagem de JOSÉ A. SALVADOR

Por isso, um chapéu pode ser importante. Um chapéu como o do sr. Francisco Machado, jardineiro de profissão, e funcionário da C. M. L.

Há oito anos em Lisboa

Fomos encontrá-lo diante do Cais do Sodré a dar de beber á relva do jardim. De cigarro entre dentes, sorriso mal definido, o sr. Francisco foi-nos dizendo:

— Trabalho das 8 ás 5 da tarde. Trabalho oito horas por dia.

— Trabalhar é até morrer. Para ganhar o pão tem de ser até morrer.

Ao sol ou à chuva. Mas agora é tempo de rega, e o sr. Francisco não regateia água às flores da cidade. Enquanto fala não pára a sua actividade. Enquanto viver não deixará de trabalhar. Que não há reforma que satisfaça necessidades.

Quando se trabalha ao sol um chapéu pode ser importante, e a água ainda mais. Para o sr. Francisco, jardineiro da cidade, o chapéu é mesmo importante, e a água imprescindível para o seu trabalho

— Então, tem uma hora de descanso?

— A hora do almoço.

— Quanto ganha por dia?

— Cinquenta e quatro escudos — e acompanha a resposta com um olhar sobre a água que vai saindo da mangueira.

— Tem mais algum trabalho?

— Não. Não tenho mais trabalho que este.

Assim vive um homem com 1620$00 por mês (se ganhar aos domingos). Um homem e sua família, em Lisboa, em 1971.

— Está contente com o seu trabalho? Em jeito afirmativo o sr. Francisco abanava a cabeça para logo adiantar:

— A gente não sabe mais nada.

Veio do sol do Baixo Alentejo para o sol de Lisboa, há oito anos. Este sol que abafa quando chega o pino do Verão.

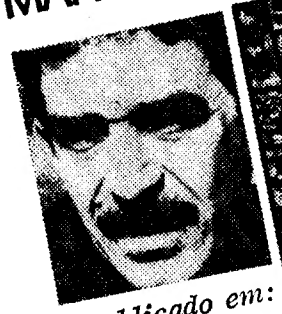
— No Alentejo também o senhor tem deste sol?

— É sempre — e no riso aberto que desenhou o sr. Francisco Machado recorda, por momentos, a planície alentejana. Cinquenta e seis anos de idade, quase outros tantos de trabalho ao sol. Mas o jardineiro da cidade pensa mourejar até ao fim da vida!

Um h
boa.
Deus
Um
mens
—
traba
um
que,
serve
de
praça
Fran
cutor
7 às
ras)
te as
eléctr
destin
Por
agulh
nem
sol. E
com
ao so
Era
uma
C. R.
vinha
duma
não
seu f
cetes
ça,
gesto
ao so
Qua
de pa
duta
—
água
lhar
um d
to ap
fora
tar a
motor
novo
enrol
puxav
midos

cem anos de solidão

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ



Nós, os editores de "Livros de Bolso Europa-América", Love Story, A Fauna, sugerimos-lhe que

leia este livro

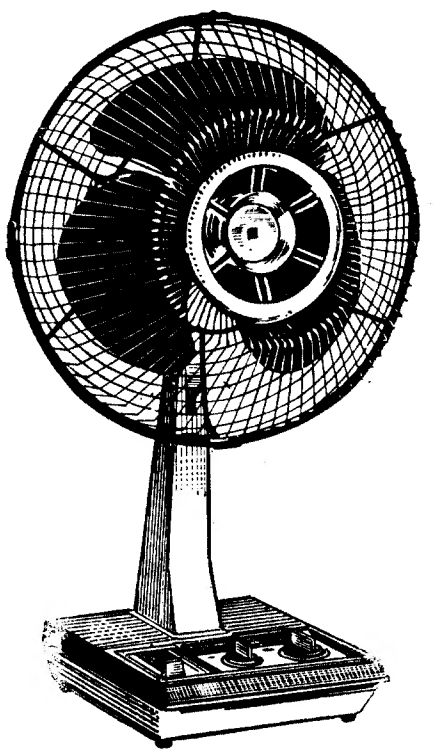
Publicado em: Alemanha, Argentina, Brasil, Cuba, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Rússia

publicações europa-américa

PAGAMENTOS NAS TESOURARIAS DA FAZENDA PÚBLICA

A Direcção do Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias chama a atenção dos Snrs. Contribuintes para as vantagens concedidas pelo Decreto-Lei n.º 233/71 que, com excepção da aquisição de valores selados e impressos, permite que os pagamentos nas Tesourarias da Fazenda Pública se passem a efectuar por meio de simples cheques, dispensando-se, assim, a necessidade de estes serem visados pelos estabelecimentos bancários.

ambiente ma



NATIONAL
trónica que
e aparelhos
agora uso
produzir mi
darão maio

A mai
Ventoí
revoluc

2

S

COM ÁGUA FRESCO...

Um homem trabalha ao sol, 54$00 diários. Em Lisboa. No ano da graça de Deus de 1971.

Um homem e outros homens.

— **É o segundo dia neste trabalho** — declarou-nos um funcionário da Carris que, com a categoria de servente, exercia as funções de agulheiro. Na mesma praça, quase à beira do sr. Francisco, o nosso interlocutor durante 8 horas (das 7 às 12, e das 14 às 17 horas) mudava sucessivamente as agulhas para que os eléctricos seguissem os seus destinos.

Por 89$20 diários o novel agulheiro, atento, rápido, nem se preocupava com o sol. Estava até contente com o trabalho. E quanto ao sol...

Era problema maior para uma equipa de operários da C. R. G. E. Pelo menos, adivinhava-se. Quatro á volta duma pequena moto-bomba não deixavam de tentar o seu funcionamento. Capacetes de protecção na cabeça, mangas arregaçadas, gestos decididos, trabalho ao sol mesmo a «aquecer».

Quatro homens na cidade para repararem a conduta do gás.

— **É preciso esgotar a água para se poder trabalhar lá dentro** — disse-nos um dos operários, enquanto apontava a cova que fora aberta para se detectar a fuga. Entretanto, o motor estremecia para de novo silenciar. O operário enrolava outra vez a corda, puxava-a, o motor dava «gemidos», o sol queimava, queimava, queimava. E a água que era preciso tirar da cova não estava para frescuras...

Profissão desportiva

É em Lisboa banhada de sol. Pela cidade que calcorreámos, também ao sol, sucedeu o encontro com um jovem boletineiro dos CTT. A pedalar, depois aproveitando uma boleia dum carro eléctrico, ele foi-nos dizendo:

— **Há três anos que sou boletineiro.**

— Cansa muito trabalhar ao sol?

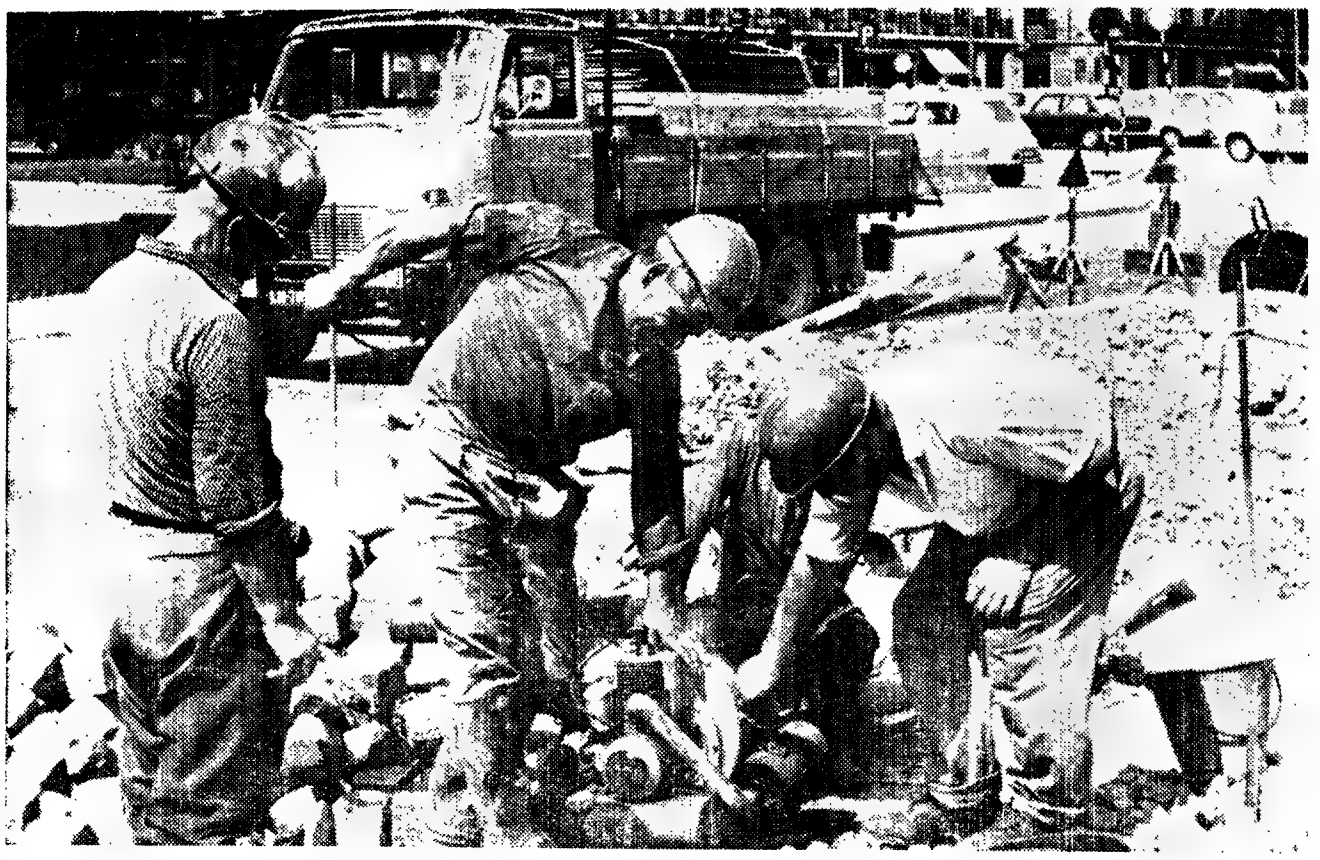
— **Cansa um bocado. É um desgaste físico muito grande.**

Por isso uma boleia não é nada má. Agarrado ao estribo do eléctrico, José Antunes, de 20 anos, oriundo da Beira Baixa, domina com segurança a bicicleta, e adianta:

— **Gosto muito da minha profissão. É muito desportiva.**

Oito horas de trabalho por dia, 1750$00 de ordenado mensal, um entre cerca de 300 boletineiros, José Antunes, um ciclista em potência («gosto de ciclismo»), não se zanga com o sol. E vai daí não perde um telegrama, não se esquece duma rua, vai dando ao pedal quando é caso disso, até porque mesmo ao sol a sua profissão é desportiva. Coisa que não acontece a toda a gente, como se verá, pois, trabalhar ao ar livre nem sempre é uma delícia.

A SEGUIR: **Há sempre um local desconhecido para trabalhar ao sol (conclusão)**



Quatro operários à volta duma moto-bomba que teimava em não pegar. Mas para reparação da conduta do gás era essencial tirar toda a água da cova. Por isso, mesmo ao sol, os homens não desistiam

Gastou mais de 130 mil contos (de Janeiro a Junho) o Fundo de Turismo

A acção financiadora do Fundo de Turismo no primeiro semestre deste ano atingiu volume global de escudos 211 012 202$10, dos quais 130 864 202$10 constituiram auxílio directamente prestado através dos seguintes financiamentos: empréstimos à indústria hoteleira e similares, 110 008 000$00; empréstimos a outras realizações de interesse turístico, 1 466 000$00; financiamentos, não reembolsáveis, para promoção turística, 8 514 490$70; financiamentos, não reembolsáveis, destinados a outras realizações de fomento turístico, 10 875 711$10.

Englobam-se na acção financiadora total acima indicada as finanças prestadas a empréstimos concedidos, através da Caixa Geral de Depósitos, à indústria hoteleira e similares no montante de esc. 80 148 000$00, constituindo também auxílio financeiro indirectamente prestado as despesas de administração financeira, traduzidas pela substituição dos mutuários na satisfação de obrigações por créditos concebidos escudos (25 788 979$00) e pelos encargos com a obtenção de recursos extraordinários para a concessão de financiamentos (17 204 589$00).

No sector da indústria hoteleira e similares foram financiados empreendimentos localizados nos distritos de Angra do Heroísmo, Braga, Bragança, Faro, Funchal, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo e Viseu. Foram financiadas outras realizações de interesse turístico nos distritos de Faro, Lisboa e Porto.

Em promoção turística foram financiadas campanhas no estrangeiro, nomeadamente no Brasil, na Escandinávia, na Alemanha, em Espanha, no Benélux, na Dinamarca, na Itália, na Suíça e no Canadá, independentemente das realizadas nos Estados Unidos, Inglaterra e França pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo e financiada a edição de guias, folhetos e desdobráveis diversos.

As outras realizações de fomento turístico beneficiadas foram, nomeadamente, as instalações do Clube Náutico da Praia de Mira, a valorização do Cabo Espichel, o Teleférico da Serra da Estrela, o Museu do Automóvel do Caramulo, a Piscina da Praia da Granja, o Centro Recreativo de Caldelas, o Barco-Bar da Praia da Torreira, o Fretamento de um barco para ligações fluviais e as seguintes festividades: Espectáculos de Ópera Ligeira em Ponta Delgada, Cursos Internacionais de Piano, Mercado da Primavera - 1971, Festas da Semana Santa em Braga, Festival de Folclore (Feira de Santarém), Festas de S. João em Braga, XV Festival de Folclore da Meadela, Cursos Musicais Internacionais de Férias da Costa do Sol, diversas festividades na região da Serra da Arrábida, Festas da Cidade da Guarda, IV Exposição Feira Agro-Pecuária do Norte, III Regatas Internacionais do Porto, Concurso Mundial das «Teen-Agers»-1971 XV Festival Internacional de Sintra, XVIII Circuito Internacional de Vila Real, XII Concurso Internacional de Pesca Despostiva do Rio Lis, VII Concurso Intenacional de Pesca Desportiva de Abrantes, Concurso Internacional de Pesca Desportiva de Rio Inter-Nações e III Campeonato Aberto de Golf do Algarve.

As despesas de administração corrente para suporte da acção acima referida limitaram-se durante o período à reduzida importância de esc. 966 552$50.

nais fresco

TIONAL – Utilizando os seus vastos conhecimentos em electrónica que em princípio foram concebidos para rádios, televisores e aparelhos electrónicos bastante complexos, a NATIONAL, faz agora uso dos seus muitos anos de experiência para idealizar e produzir milhões de ventoínhas com circuitos especiais, que lhe dão maior conforto e frescura.

mais completa gama de ventoínhas com características revolucionárias:

Paragem Automática
Protecção Completamente fechada para uma maior segurança
Oscilação Dupla
Luz Nocturna
Comando redutor de velocidade
Regulador Automático de Tempo
e muitas outras, e ainda

2 anos de garantia

National NATIONAL

sonipol

LISBOA - PORTO

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS

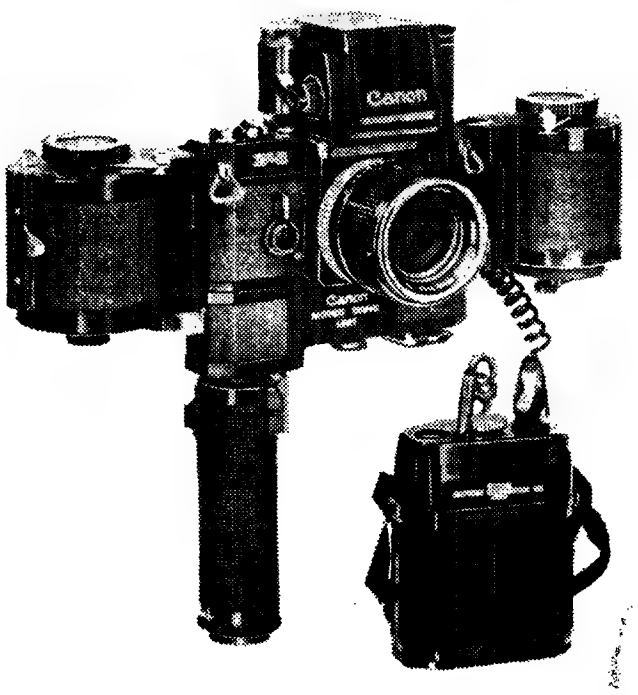
Compramos pelo mais alto preço

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

Canon F-1

ALGO DE DIFERENTE NA ARTE DE FOTOGRAFAR



CANON F1, altamente controlada no seu rendimento, precisão e resistência, é sem dúvida uma máquina de qualidade superior. As suas excepcionais características possibilitam a sua aplicação nos mais vastos campos – desde a fotografia normal; fotografia de osciloscópio e fotocópia até à macrofotografia; microfotografia e astrofotografia.
CANON F1 é a única máquina no mundo que oferece a possibilidade de trabalhar automaticamente sem a intervenção humana; podendo ser accionada à distância ou controlada electronicamente.
A CANON F1 tem ainda pose automática e diafragmas comandados por célula foto-eléctrica.
A CANON F1 é constituída por cerca de 10.000 componentes ela é um maravilhoso produto da ciência e da técnica do nosso tempo.

CANON F1 – UMA GARANTIA DE SUPER QUALIDADE E DURAÇÃO.
CANON – UMA GAMA COMPLETA DE MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS E DE CINEMA.

Informe-se nos bons estabelecimentos da especialidade

Canon F-1

sonipol • LISBOA – PORTO

OS PEANUTS

CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Julho de 1941 publicava:

«BERLIM, 22 — Oficialmente se comunica que Jakob, filho da primeira mulher de Estaline, foi feito prisioneiro pelas tropas alemãs na frente germano-russa.

«O prisioneiro foi levado para o Quartel General das forças alemãs em campanha, onde a sua identificação foi devidamente comprovada, não restando a menor duvida de que se trata realmente de Jakob Estaline».

«DIÁRIO DE LISBOA»

— Recebemos um amável ofício, subscrito pelo sr. tenente-coronel do Estado-Maior Pires Tavares, em nome do comandante da Região Militar de Coimbra, sr. brigadeiro Luís Mário do Nascimento, agradecendo a colaboração do «Diário de Lisboa» das comemorações ali do «Dia de Portugal».

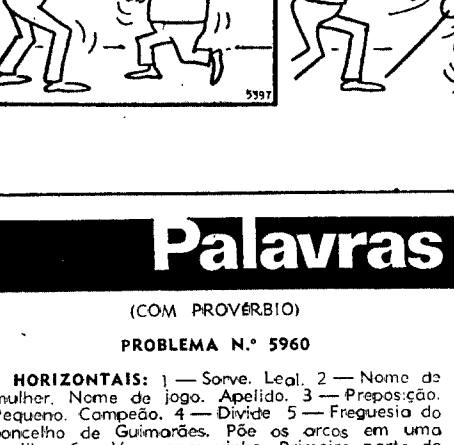
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5960

HORIZONTAIS: 1 — Sorve. Leal. 2 — Nome de mulher. Nome de jogo. Apelido. 3 — Preposição. Pequeno. Compeão. 4 — Divide 5 — Freguesia do concelho de Guimarães. Põe os arcos em uma vasilha. 6 — Vaso para vinho. Primeira parte do nome de uma cidade de Tonquim (Vietname). 7 — Curte por meio de crómio. Procedera. 8 — Avistais. 9 — Estrépito de desmoronamento. Fechara as asas para descer mais depressa. Segundo. 10 — O mesmo que três. Mulher chinesa da classe baixa. Rio de França. 11 — Freguesia do concelho de Barcelos. Tecido de lã, linho ou algodão.

VERTICAIS: 1 — Saudável. De pouca duração (fem.). 2 — Liga. Grande quantidade. Cantão da Suíça. 3 — Gálio (s. q.). Aparelho automático que pode executar operações muito diversas sob a direcção dum cérebro electromagnético. Érbio (s. q.). 4 — Consideramos (fig.). 5 — A parte do chapéu que cobre a cabeça. Uma das partes do Mundo. 6 — Áspera (fig.). Protecção (fig.). 7 — O mesmo que cara. Ilha do Pequeno Belt. 8 — Dor de ouvidos. 9 — Seguia. Comprais garrotes de um ano para revender daí a dois anos para exportação. Nota musical 10 — Época. Coragem. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. 11 — Rol. Abono



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5959

HORIZONTAIS: 1 — Avisa Caída. 2 — Mirar. Impôs. 3 — Ado. Asa. Ois. 4 — Da. Sa. 5 — Socorra. Saíra. Oásis. 7 — Recosidas. 8 — Er. OD. 9 — Sal. Pag. Pai. 10 — Tiiaro. Araçá. 11 — Arau. Poros.

VERTICAIS: 1 — Amadas. ESTA. 2 — VIDA. Arraia. 3 — Iró. Sie. Lar. 4 — Sa. Morca. Rá. 5 — Ara. Cão. Pau. 6 — SÃO Soa. 7 — Cia. Rói. Gap. 8 — Am. Grada. Ro 9 — Ipo. Asa. Par. 10 — DOIS. Iscaço. 11 — Assais. DIAS.

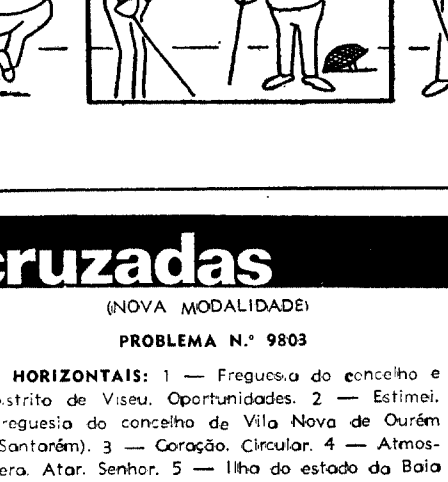
Provérbio: ESTA VIDA SÃO DOIS DIAS.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9803

HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho e distrito de Viseu. Oportunidades. 2 — Estimei. Freguesia do concelho de Vila Nova de Ourém (Santarém). 3 — Coração. Circular. 4 — Atmosfera. Atar. Senhor. 5 — Ilha do estado da Baia (Bras.) Macios. 6 — Manto real. Nome de astro. 7 — Frutas da mango, árvores de Calecut. Pronome pessoal. 8 — Cálcio (s. q.). Elevação da voz ou do tom (pl.). Livro de versos de António Nobre. 9 — Partida. Prende. 10 — Guita. Cidade da Roménia 11 — Empunhara. Escrevo em prosa.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho e distrito de Aveiro. Termina. 2 — Torna tépido. Faldas. 3 — Perscrutar. Sopé Apelido. 4 — Quinhentos e um em romano. Meter em mala. 5 — Humilde. Cavidade. 6 — Canastras, em forma de selhas. 7 — Feiticeiras. Preposição. 8 — Arremessas, Atmosfera. 9 — Troçar. Ruído. Anel. 10 — Aves pernaltas. Catálogos. 11 — Rio de França e da Alemanha. O resto do caldo, no fundo da malga, com pão migado (Prov.).



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9802

HORIZONTAIS: 1 — Becos. Cisma. 2 — Rios. Fáon. 3 — Ora. Goa. Crá 4 — Torar. Feras. 5 — Adaga. Irada. 6 — Im. Ni. 7 — Irá. Ana. 8 — Aam. Sul. Sôr. 9 — Anas. Enna. 10 — Lonas Amado. 11 — Asais. Lesas.

VERTICAIS: 1 — Brota Caala. 2 — Eirado Anos. 3 — Coara. Imana. 4 — Os. Agir. Sai. 5 — Gramas. SS. 6 — To. Um. 7 — Afinal. Al. 8 — If. Erin. Eme. 9 — Sacra Asnas. 10 — Morada. Onda. 11 — Anosa Araós.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram, em combate, na Província de Moçambique, os seguintes militares: o soldado do recrutamento da Província, n.º 70961870, Daniel Mussa Naicale, natural de Lápi; o furriel miliciano n.º 15117869, António João Lopes Soeiro, natural do Montijo, filho de Avelino José Soeiro e de Maria da Glória Lopes Baptista e o soldado n.º 18183569, António Morgado Barbosa, natural de Viana do Castelo, filho de João Pereira Barbosa e de Beatriz de Sousa Morgado.

CASA MAX
Frigoríficos
Electrodomésticos
TUDO PARA VOSSA CASA
APARELHOS PARA SOM, MÚSICA E GRAVAÇÃO NA
CASA MAX
COMPRA MAIS COM MENOS DINHEIRO
VISITE OS NOSSOS 4 ESTABELECIMENTOS
2, Av. Praia da Vitória, 2-C e Rua de D. Estefânia, 293

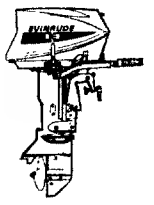
PEANUTS
EDIÇÃO INGLESA
26 títulos publicados
2 NOVOS
Dist. — QUADRANTE

PRONTO A VESTIR
Fatos leves, Casacos e calças de linho, Vestuário para campo e praia e as ultimas novidades em malhas, camisas e calções de banho
VERÍSSIMOS
Av. Guerra Junqueiro, 8-C
— Telef. 72 73 35 —

LUSTRES
Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica, Av 5 de Outubro, 203, r/c. esq. (Ao Campo Pequeno) — Telefone 771639.
VENDA AO PÚBLICO

CAMISAS POR MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

SUPER-ACELERAÇÃO NA PRÁTICA DO 'SKI'



Especialmente recomendado na prática do "ski", o EVINRUDE 25 HP possue um carburador de grande diâmetro que se torna num grande intensificador de potência.

MUITOS ANOS DE USO • ALTO VALOR DE TROCA
EVINRUDE
O PODER DA EXPERIÊNCIA
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
AV. 24 DE JULHO, 52 A/G - LISBOA - TELEF. 66 77 94
ETP-EV-5A

A Central Térmica do Carregado produziu em 1970 mais de 700 milhões de kWh

O Chefe do Estado observou os trabalhos de montagem do terceiro grupo de 125 000 kwh – que será ligado à rede eléctrica ainda este ano

A Central Térmica do Carregado deu galhardamente as suas provas de maturidade ao produzir, no ano civil de 1970, mais de 700 milhões de kWh — sublinhou o eng.º Machado Vaz, presidente do conselho de administração da Companhia Portuguesa de Electricidade, ao saudar o Presidente da República, que esta manhã visitou aquele centro produtor de energia eléctrica.

O orador assinalou que a visita do Chefe do Estado não coincide com qualquer acto ou ideia de inauguração, porque se está muito afastado do estúdio final dos trabalhos. De facto, embora sendo já a mais potente central eléctrica da metrópole, com os 250 kW correspondentes aos dois primeiros grupos em exploração, a Central do Carregado foi inicialmente concebida com 4 grupos de 125 kW e posteriormente projectada para ampliação com mais dois grupos de igual potência.

Os dois primeiros grupos entraram em serviço em 1968 e 1969; o terceiro e o quarto grupos encontram-se em montagem, prevendo-se que ainda este ano aquele seja ligado á rede eléctrica. Dentro do programa em curso, o sexto grupo entrará em serviço em 1976, já na vigência do 4. plano de fomento, actualmente em preparação. Os dois grupos em montagem fazem parte do conjunto de obras previstas no 3.º plano, concessionadas á Companhia Portuguesa de Electricidade, juntamente com os aproveitamentos hidroeléctricos de Carrapatelo, Régua e Valeira (no rio Douro), Vilarinho das Furnas (no rio Homem), Aguieira (no rio Mondego) e Fratel (no rio Tejo), além de subestações e linhas de transporte, formando um conjunto de empreendimentos com um investimento global próximo de 10 milhões de contos.

Depois de justificar sumáriamente a escolha do local para a instalação da Central do Carregado, fundamentando-se na proximidade de Lisboa como centro de consumo, na industrialização do vale do Tejo, na abundância de água, na facilidade do transporte de combustíveis, e nas características climáticas, o sr. eng.º Machado Vaz da C.P.E. agradeceu a presença do Chefe do Estado e dos ministros do Interior, das Obras Públicas e Comunicações, e do secretário de Estado da Indústria, que também participaram na visita.

Usou depois da palavra o presidente do conselho de gerência, sr. eng.º Ivo Gonçalves, que fez uma exposição sobre a concepção geral da central e a orientação, seguida na execução da sua primeira fase. Referiu, em primeiro lugar, as características da dimensão da central que lhe conferem já a categoria da central nacional de maior potência com 250 000 kW nos 2 grupos em exploração, que, dentro de anos atingirá o valor final de 750 000 kW com 6 grupos. Em seguida, enumerou as razões justificativas da introdução e desenvolvimento da componente térmica na nossa rede, designadamente de ordem energética, financeira e económica de ordem nacional, esta através da coordenação, no sector da energia, com a expansão das refinarias nacionais que produzem o fuel-óleo consumido na central. Referiu-se por fim á orientação administrativa seguida na realização da central que procurou obter, embora com equipamento de alta eficiência, a maior simplicidade e a economia nas instalações, conferindo á central características nitidamente industriais.

O VIADUTO DE ALCÂNTARA FUNCIONARÁ NO FIM DE AGOSTO

(Continuação da 1.ª página)

ralmente a sentir os que se mantêm dentro duma concepção clássica de funcionamento. Por outro lado, o cosmopolitismo crescente de Lisboa também deve beneficiar o comércio. As vantagens económicas do turismo não podem limitar-se, apenas, á industria hoteleira e á de diversões. Antes, parece que deveriamos ter feito tudo já, para levar os estrangeiros que nos visitam a comprar quanto fosse susceptível de interessá-los e muita coisa estaria ou poderia estar nestas condições. Como, porém com a uniformidade — quase diria burocrática — dos nossos horários? Já que, tantas vezes, se invoca o «lá fora», porque não reflectir, nesta matéria, sobre o que ali se passa e como resulta? Cabe, porém, perguntar porque razão afinal nos mantemos neste horário — insisto, rigorosamente uniforme, das 9 ás 13 horas, das 15 ás 19 horas — ou quais as dificuldades que se levantam á sua modificação?»

O eng.º Santos e Castro voltou a apontar as vantagens de não concentrar excessivamente as horas de ponta no tráfego geral da cidade e nos transportes colectivos e á consequente necessidade de se alcançar um deferimento no horário de funcionamento dos estabelecimentos comerciais de venda a retalho; e focou, mais uma vez, a impossibilidade de qualquer sistema de transportes colectivos ser capaz de servir eficientemente toda a população activa da cidade, em duas horas por dia, uma de manhã, outra á tarde.

Na sua alocução antes do período da ordem do dia, o presidente do Município clarificou a sua opinião sobre o problema da uniformidade dos horários do comércio, classificando de errada a ideia generalizada de que é moral, como condição de concorrência, impor a todos os estabelecimentos o mesmo horário, até quando pratiquem ramos distintos de comércio.

«E o sentimento geral a este respeito vai ao ponto de encontrar como dificuldade o simples facto de existirem alguns estabelecimentos polivalentes e de não ocorrer sequer o estudo do que, para cada ramo ou para cada estabelecimento, poderia ser o período mais rentável do seu funcionamento. Ficam as consciências tranquilas desde que todos cumpram o mesmo horário e as dificuldades que sentem apenas resultam das regras de transito!... Pois, se até o rigor destas resulta precisamente da coincidência de horários com todas as outras actividades! Já se pensou, por exemplo, relativamente ás zonas elegantes da Baixa, como ao congestionamento de tráfego de veículos e peões das 19 ás 19.30 horas, se sucede, apenas uma hora depois, o quase deserto a partir das 20.30 horas?» — acabou por perguntar o eng.º Santos e Castro, que classificou de errada uma posição que contraria as necessidades dos habitantes e visitantes da cidade. Especificou, em seguida, que o horário de abertura dos estabelecimentos nada tem a ver com os horários de trabalho (numero de horas e trabalho diário) — confusão que está desfeita em todos os países civilizados. Além disso, conforme apontou, *«um diferimento de horários iria oferecer aos que trabalham no comércio retalhista um campo de escolha muito mais vasto»*.

COMPETE À CAMARA A FIXAÇÃO DOS HORÁRIOS

O eng.º Santos e Castro referiu, mais adiante, que, têm-se verificado alterações nos horários dos estabelecimentos, sem que a Camara fosse formalmente ouvida pelas entidades patronais, embora seja da sua competência, legalmente, a fixação desses horários. E terminou por dizer: *«E as perguntas que ficam no ar são apenas estas: será legítimo na Lisboa de hoje, que não queremos congestionada três ou quatro horas por dia e comercialmente morta em todas as outras, a rígida e comum imposição de horários de funcionamento? Estaremos a servir o progresso económico — unico processo que conduz ás regalias gerais — com horários que não correspondem, afinal aos períodos de maior procura e rentabilidade? Creio, sinceramente que não. Mais: isso não serve a intuição comercial dos empresários, nem os interesses de quem nos estabelecimentos trabalha. Prosseguiremos nesta reflexão. Num ponto, porém, teremos de convir: a Camara não poderá continuar por muito tempo indiferente ao que se está passando á margem do que constitui matéria do interesse geral e da sua intervenção.*

O eng.º Santos e Castro, ainda antes do período da ordem do dia, apontou a necessidade de se estabelecerem horários para cargas e descargas, sobretudo nas zonas antigas da cidade.

No período da ordem do dia, o chefe da edilidade anunciou que até ao fim de Agosto entrará em funcionamento o viaduto de Alcantara e será restabelecido o transito á superfície; ali prosseguirão os trabalhos de conclusão da passagem subterranea para peões, com acessos á via publica de ambos os lados da via férrea e ás duas gares, instalações sanitárias e pequenas lojas; vai construir-se outro viaduto, cuja construção foi adjudicada ontem, passando por cima da Av Gulbenkian («desencadeou do processo financeiro e urbanístico do prolongamento da Av. da Liberdade»); anunciou que seria posto em hasta publica, brevemente, outro terreno em regime de concessão de direito de superfície

Anunciou ainda que será perpetuada a memória do prof. António Sousa da Camara num dos novos arruamentos da cidade.

Nos primeiros dias de Agosto, será feita a concessão da empreitada de construção de dois parques de estacionamento (Restauradores e Alameda Afonso Henriques). Se as empresas acorrerem satisfatóriamente, outro concurso será aberto para mais dois parques: um no Largo de Camões e outro, periférico, na Av. Sidónio Pais.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ Para apressar os trabalhos — que vão muito atrasados em relação ao previsto — a Assembleia Nacional reuniu-se ontem de manhã e á tarde. De manhã com 66 deputados e á tarde com 79. A ordem do dia continuou a ser a liberdade religiosa.

★ *De manhã foram aprovadas, segundo a proposta governamental, como se previa as seguintes bases, depois do deputado Sá Carneiro retirar as suas propostas de alteração:*

«BASE IV — 1. Ninguém será obrigado a declarar se tem ou não religião, nem qual a religião que professa, a não ser, com carácter confidencial, em inquérito estatístico ordenado por lei.

2. Ninguém pode ser perseguido, nem privado de um direito ou isento de um dever, por causa das suas convicções religiosas; e nenhuma discriminação se fará, por motivo delas, no acesso aos cargos publicos ou na atribuição de quaisquer honras ou dignidades oficiais.»

«BASE V — 1. É lícita a reunião das pessoas para a prática comunitária do culto ou para outros fins específicos da vida religiosa.

2. Não dependem de autorização oficial nem de participação ás autoridades civis as reuniões com as finalidades indicadas no n.º 1 promovidas pelas confissões religiosas reconhecidas, desde que se realizem dentro dos templos ou lugares a elas especialmente destinados, bem como a celebração dos ritos próprios dos actos funebres dentro dos cemitérios.»

«BASE VI — 1. A assistência a actos de culto religioso, ainda que celebrados em unidades militares ou em estabelecimentos publicos, é facultativa.

2. Podem, todavia, os actos de culto religioso ser prescritos em estabelecimentos educativos ou de formação, ou em instituições penitenciárias ou de reeducação, com carácter obrigatório para os menores cujos pais ou tutores não hajam pedido isenção.»

★ Antes da ordem do dia, o deputado Malato Beliz fez a evocação do prof. António Camara, reforçando assim as considerações feitas na véspera pelo seu colega Alarcão e Silva.

★ *Na reunião da tarde continuou a discutir-se a base VII, intervindo numerosos deputados (tal como de manhã já sucedeu), sobre assunto tão apaixonante como este do ensino religioso nas escolas. A redacção aprovada foi a seguinte:*

«BASE VII — 1. O ensino ministrado pelo Estado será orientado pelos princípios da doutrina e moral cristãs, tradicionais do País.

2. O ensino da religião e moral nos estabelecimentos de ensino será ministrado aos alunos cujos pais ou quem suas vezes fizer não tiverem feito pedido de isenção.

3. Os alunos maiores de 18 anos poderão fazer eles próprios o pedido de isenção.

4. Para o efeito, no acto de inscrição em qualquer estabelecimento em que se ministre o ensino de religião e moral aquele a quem competir declarará se o quer ou não.

5. A inscrição em estabelecimentos de ensino mantidos por entidades religiosas implica a presunção da aceitação do ensino da religião e moral da respectiva confissão, salvo declaração publica em contrário dos respectivos dirigentes.»

★ A base VIII foi aprovada com a seguinte redacção:

«1 A ninguém será lícito invocar a liberdade religiosa para a prática de actos que sejam incompatíveis com a vida, a integridade física ou a dignidade das pessoas, os bons costumes, os princípios fundamentais da ordem constitucional ou os interesses da soberania portuguesa.

2. Não são consideradas religiosas as actividades relacionadas com os fenómenos metapsíquicos ou parapsíquicos.»

★ *A aprovação desta base foi feita depois de rejeitada uma alteração proposta para o n.º 1, pelos deputados Sá Carneiro, Pinto Machado e Pinto Balsemão.*

★ Foi depois aprovada a base IX, com a seguinte redacção:

«1. As confissões religiosas podem obter reconhecimento que envolverá a atribuição de personalidade jurídica á organização correspondente ao conjunto dos respectivos fiéis.

2. O reconhecimento será pedido ao Governo, em requerimento subscrito por um numero não inferior a 500 fiéis, devidamente identificados, maiores e domiciliados em território português.

3. Do requerimento devem constar os documentos necessários á prova da existência da confissão em território nacional, incluindo os princípios essenciais da sua doutrina, o nome da confissão, a descrição geral dos actos de culto, as regras de disciplina e hierarquia da organização, a identidade dos dirigentes e a duração da sua prática no País; na falta de indicações suficientes, a entidade competente fixará o prazo dentro do qual o requerimento haja de ser completado.

4. Se a organização tiver estatuto estrangeiro ou depender de outra com estatuto estrangeiro, poderá o Governo exigir não só os meios de prova necessários ao pleno conhecimento do regime a que ela fica sujeita, como a subscrição do requerimento por parte das entidades responsáveis.

5. O Governo pode ordenar os inquéritos que julgue indispensáveis á prova, tanto da existência da confissão, como da prática efectiva do seu culto em território nacional, e pode dispensar a prova de qualquer destes requisitos quanto ás confissões há mais tempo radicadas em território português.

6. O reconhecimento será recusado:

a) Se a doutrina, as normas ou o culto da confissão contrariarem o disposto na base VIII;

b) Se o requerimento não obedecer aos requisitos exigidos nesta base ou as suas indicações não forem verdadeiras.»

★ *Antes fora rejeitada uma emenda proposta pelos deputados Sá Carneiro e outros ao numero 2, que baixava para 50 o numero de fiéis necessário para requerer o reconhecimento de uma confissão religiosa.*

★ Hoje, com a mesma ordem do dia, haverá sessões de manhã e á tarde.

Actualidade internacional

FORÇADO A ATERRAR NA LÍBIA O AVIÃO QUE TRANSPORTAVA O NOVO «LEADER» SUDANÊS

LONDRES, 22 — (R.) — A companhia de aviação *Boac* afirmou hoje que o avião que transportava o novo Chefe do Estado do Sudão tenente-coronel Babiker El-Nur, de regresso a Kartum, fez uma paragem imprevista em Benghazi, na Líbia, onde o tenente-coronel desembarcou.

A companhia comunicou que o avião, um *VC*-10, recebera ordens das autoridades da Líbia para aterrar. Logo a seguir o tenente-coronel El-Nur e o major Mohamed Mahgoub desembarcaram com as respectivas bagagens.

O tenente-coronel El-Nur que se encontrava em Londres em tratamento por ocasião do golpe de Estado que o colocou á testa do novo regime do Sudão declarou ontem durante uma entrevista dada á Reuter que tencionava estabelecer um governo democrático esquerdista no Sudão.

O comunicado feito hoje pela *Boac* era o seguinte:

O avião *VC*-10 da British Overseas Aircraft Corporation fez uma aterragem imprevista no aeroporto Benina de Benghazi ás 3 e 30 da manhã de hoje, hora de Londres, por insistência das autoridades da Líbia. Foram desembarcados dois passageiros e descarregada a respectiva bagagem. Os passageiros eram o tenente-coronel Babiker El-Nur e o major Mohamed Mahgoub. O avião partiu de Banghazi ás 5 e 15 e regressou a Londres para render a tripulação.

O avião efectuava o voo *BA*-045 de Londres e antes de aterrar em Benghazi tinha tocado em Roma. Dai deveria ter seguido para Kartum, Nairobi e Dar-Es-Salaam.

Embaixadas cercadas

BEIRUTE, 22 — (R.) — A agência noticiosa do Iraque INA anunciou hoje que as tropas sudanesas cercaram as embaixadas da Republica Árabe Unida, Líbia e Síria em Kartum.

Piquenique na Lua

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON (Texas), 22 — (A. N. I.) — Os astronautas da Apollo-15 — David Scott e James Irwin — levam refeição ligeira para comerem quando andarem de carro no solo da Lua.

Cada um dos passeantes lunares terá uma barra alimentar de damasco, com o valor energético de 107 calorias posta no interior do anel de protecção do pescoço dos seus capacetes.

Estarão assim em condições de dar uma dentada, quando tiverem apetite. Essa barra tem o comprimento de 228 milímetros e é feita de damasco seco envolvido em galantina, tudo coberto com uma película de amido comestível. Também dispõem de nove decilitros e meio de uma bebida com sabor a fruta, que podem beber com o capacete instalado.

POR 226$50 MENSAIS PODE ADQUIRIR A EDIÇÃO MONUMENTAL DA

HISTÓRIA DE PORTUGAL

Edição Monumental louvada pelo Ministério da Instrução Pública e recomendada pelo Subsecretário das Corporações e pelo Ministério da Educação Nacional. Colaborada pelos mais eminentes historiadores portugueses

DIRECÇÃO LITERÁRIA DO

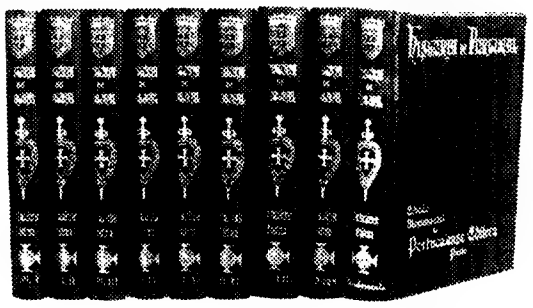
DOUTOR DAMIÃO PERES

Professor da Universidade de Coimbra

5916 páginas de texto que abrangem todos os aspectos da história nacional desde as origens até 1934, 5000 gravuras, 132 cromos e mapas coloridos

9 elegantes volumes magnificamente encadernados, no formato 22×30 cm

—Obra completa, 9 vols., encadernada em balacuir—Esc. 4530$00



Entrega imediata da obra contra o primeiro pagamento

O interessado deverá solicitar um impresso-proposta à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO ou à FILIAL EM LISBOA

AV. ALMIRANTE REIS, 102, R/C., DT.º—LISBOA-1—TEL. 58798

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Alberto Aires de Gouveia, 27

PORTO

D. L. — Agradeço que me enviem um impresso-proposta para aquisição da História de Portugal na modalidade de PAGAMENTOS SUAVES:

NOME (Bem legível) .....

.....

ENDEREÇO .....

.....

— AJUSTADORES
— CARPINTEIROS DE CONSTRUÇÃO CIVIL
— CARPINTEIROS DE COFRAGENS E ARMADURAS
— CARPINTEIROS DE MOLDES
— FRESADORES
— FUNDIDORES — MOLDADORES MANUAIS
— MARCENEIROS
— MECÂNICOS-AUTO
— REPARADORES DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS
— SERRALHEIROS CIVIS
— TORNEIROS

—Se tem bons conhecimentos da sua profissão
—Se gosta de ensinar
—Se quer iniciar uma carreira atraente

O Serviço de Formação Profissional tem para si um lugar de **MONITOR.**

Para um total esclarecimento das condições de admissão, natureza da actividade, programa de concurso, vencimentos, etc., contacte até ao próximo dia 4 de Agosto qualquer dos Centros das Divisões Regionais do Serviço Nacional de Emprego espalhados pelo País.

CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA

ENGENHEIRO CIVIL

A Câmara Municipal de Bragança pretende contratar Engenheiro Civil e, ou Agente Técnico do mesmo ramo para perfazer quadro. Remunerações de 1.ª classe.

Os interessados devem dirigir-se directamente à dita Câmara.

SAO PEDRO É ALIADO DE BRANDT, afirmam os opositores do chanceler alemão ocidental. Como é já tradicional, Willy Brandt convidou, para uma festa ao ar livre, 1500 pessoas por ocasião do início das férias parlamentares. Pouco antes da função começar, a chuva, que caía abundantemente, parou repentinamente. Na foto vemos Brandt dançando com uma convidada

VACINADAS EM ESPANHA CONTRA A CÓLERA 400 MIL PESSOAS

MADRID, 22. — (R.) — Vinte postos de vacinação foram montados na cidade de Saragoça, no norte da Espanha, a seguir ao aparecimento de sete casos suspeitos de cólera.

Um funcionário dos Serviços de Saude espanhois declarou que cerca de 400 000 pessoas daquela província tinham sido vacinadas. O dr. Jesus Garcia Orcoyen, director-geral dos Serviços de Saude, apareceria na televisão espanhola para informar sobre as medidas de precaução tomadas contra a doença.

O surto suspeito de cólera regista-se em pequenas vilas e aldeias do vale de Jalon, perto de Saragoça, longe dos principais centros de turismo de Espanha. Fontes bem informadas disseram ontem que seis pessoas idosas tinham morrido após sofrerem de uma espécie de diarreia de Verão.

O mesmo funcionário afirmou que cientistas espanhois realizaram ontem ensaios bactereológicos num laboratório de Madrid, com o auxílio de um perito da Organização Mundial de Saude, de Genebra, para se determinar se se tratava de cólera.

«Não haverá senão amanhã (hoje) um diagnóstico certo. O que é surpreendente é a natureza multíssimo benigna da doença» — acrescentou.

CASCAIS

António Luís Pereira Cardoso

FALECEU

Seu pai, irmãos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, às 16 h., saindo da capela do Hospital de Cascais para o cemitério da Guia.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 28 00 22

SERAFIM MARTINS DURÃO

FALECEU

Maria da Silva Borges de Almeida e Jaime Borges de Almeida, participam que foi Deus servido chamar à sua divina presença, o seu saudoso amigo e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 h. da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para jazigo em cemitério a determinar.

Escreve um jornalista sueco:

Marcello Caetano é a chave da política portuguesa

ESTOCOLMO, 22 — (A.N.I.) — «O que concede grande força a Marcello Caetano, e que faz dele, sem duvida, o homem-chave da actual política portuguesa, é a não existência, nesta altura, de nenhuma outra alternativa: ele ou a revolução, a guerra e o caos» — escreve o jornalista sueco Gunnar Unger, no influente diário de Estocolmo «Svenska Dagbladet», ao comentar posteriormente a sua entrevista pessoal e exclusiva (a primeira de um jornalista sueco) com o chefe do Governo português, a qual foi há dias publicada.

No seu artigo, a toda a largura da página, intitulado «Encontro com Marcello Caetano», Gunnar Unger considera-o, um tradicionalista e um patriota de altos pensamentos, ardorosamente convicto da missão civilizadora da sua Pátria.

«É um homem aberto, muito acessível, de linguagem directa e com um humor que domina as observações mesmo mais insinuativas do entrevistador..» — observa Unger ao relatar o seu encontro com o primeiro-ministro português, em São Bento, um palácio cujas enormes salas o jornalista considera deselegantes, mal decoradas, frias e deprimentes como local de trabalho do responsável pelo Governo de uma nação.

AS DEZ MAIS BELAS EM FATO DE BANHO

MIAMI BEACH (FLORIDA), 22 — (A.N.I.) — Dez das concorrentes ás eleições de «Miss Universo», a realizar no sábado, foram ontem à noite designadas «as mais belas em fato de banho». São elas: «Miss Austrália», Toni Suzanne Rayward, «Miss Brasil», Eliane Parreira Guimarães. «Miss Inglaterra», Marilyn Ward. «Miss Finlândia», Pierjot Laitila, «Miss Israel», Esther «Etty» Orgad, «Miss Japão», Xigeco Taketomia. «Miss Líbano», Georgina Rizk, «Miss Porto Rico», Beba Franco, «Miss Estados Unidos», Michele McDonald e «Miss Ilhas Virgens», Cheri Raphaelis Creque.

«Miss México», Maria Luisa Lopez Orzo, ganhou o prémio para o melhor trajo, uma bonita peça de estilo índio que ela própria desenhou.

«Miss Filipinas», Vida Doria, foi eleita pelos fotógrafos «Miss Fotogénica».

GANHOU O «TOTOBOLA» INGLÊS, MAS NÃO É FELIZ. John Mazur, um cozinheiro, apesar da fortuna — dividida com os dois cavalheiros que o ladeiam — que lhe veio das apostas, não poderá realizar o seu grande sonho: rever a mulher que vive na Polónia há 32 anos

O «MEIN KAMPF» PROIBIDO NO BRASIL

BRASÍLIA, 22 — (R.) — O ministro brasileiro da Justiça, Alfredo Bulaid, assinou a noite passada um decreto proibindo a impressão, circulação, distribuição e venda do livro de Adolf Hitler, Mein Kampf.

A proibição, que foi a resposta do ministro a um pedido do director-geral da Polícia sobre se deveria permitir uma nova edição do livro a ser preparada, determina, também, a confiscação de quaisquer exemplares encontrados no alemão original ou em qualquer outra língua.

O ministro afirmou que o livro provoca ódio contra o povo judaico, cria discriminação racial e a doutrina que prega causou a eclosão da Segunda Guerra Mundial, dando lugar ao genocídio, o que é contra a constituição brasileira.

Holden Roberto contra o comité de libertação da OUA

KINSHASA, 22 — (F. P.) — O presidente do Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE), Holden Robert, declarou ontem que a decisão do Conselho de Ministros da OUA, que retirou ao GRAE o reconhecimento da organização, «não traz absolutamente nada de novo».

Holden acentuou o facto de a OUA, práticamente, nunca ter ajudado o seu movimento no passado e que os países que o tem feito continuarão a fazê-lo, visto que a OUA não tem «qualquer influência sobre eles»

Holden Roberto atacou, em seguida, os países revolucionários africanos que, segundo ele, ditam agora a lei no Comité de Libertação da OUA. Esse Comité «dedica mais importância á cor política dos movimentos de libertação do que á verdadeira eficácia» — acrescentou Holden, dando como exemplo o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), segundo ele «de tendência comunista». O chefe rebelde acentuou, depois, que «apenas a luta armada era válida» para obter a independência de Angola».

EXCURSÃO DA CP

Dia 25 de Julho
«MARAVILHOSO VALE DO VOUGA»

Um dia entre uma das regiões mais bonitas de Portugal — o Vale do Vouga. Viagem de comboio (rápido, 1.ª classe) até Coimbra-B; *almoço regional na Pousada de Serém, nas margens do rio;* e percurso de autocarro através de vales, encostas, rios e cenários de verde. Oliveira de Frades, Vouzela, e Termas de S. Pedro do Sul são os pontos culminantes deste belo passeio que também inclui Viseu e várias vilas da Beira Alta.

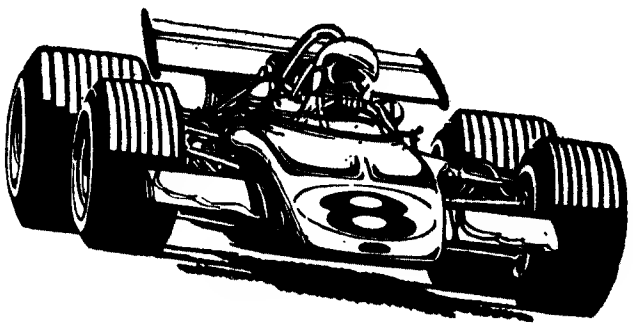
Preço (tudo incluído) 295$00
Informações telefónicas (Telefone 36 75 29).

Distribuição de programas descritivos, informações e inscrições:

Estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia); Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa; E. G. T. Rua do Arsenal, 124; e demais Agências de Viagens.

SOCIEDADE «ESTORIL»
VENDA DE BILHETES

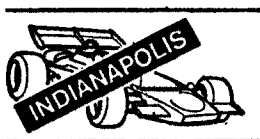
Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 ás 22 horas.



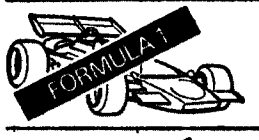
Firestone

o maior nome da competição

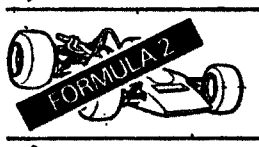
alguns triunfos na época de 71



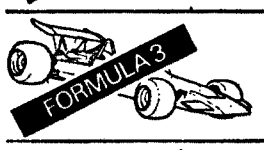
AL UNSER



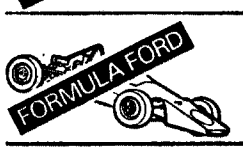
CLAY REGAZZONI - Corrida dos Campeões
MÁRIO ANDRETTI - G.P. África do Sul
JACKIE ICKX - G.P. Holanda



GRAHAM HILL - Thruxton



ROGER WILLIAMSON - Mallory Park



MO HARNESS - Zandvoort

JO SIFFERT - DEREK BELL - 1000 Kms. de Buenos Aires
PEDRO RODRIGUEZ - JACKIE OLIVER - 1000 Kms. de Monza
PEDRO RODRIGUEZ - JACKIE OLIVER - 1000 Kms. da Áustria

71

Vila Real
FÓRMULA FORD - Ernesto Neves
TURISMO ESPECIAL - Príncipe Jorge de Bragation
TURISMO DE SÉRIE - Ernesto Neves

AGORA EM

Montes Claros
TURISMO DE SÉRIE - 1º, 2º, 3º
TURISMO ESPECIAL - 1º, 2º
FÓRMULA FORD - 1º, 2º, 3º
GT, DESPORTO E PROTÓTIPOS - 2º, 3º
CORRIDA DATSUN - 1º, 2º, 3º, 4º, 5º e 6º

a experiência das pistas para segurança nas estradas

METAIS FERROSOS E NÃO FERROSOS

VENDEDOR

Novo, muito activo, com o serviço militar cumprido e com carta de condução, precisa firma bem introduzida no mercado. São condições de preferência ter um curso industrial e saber francês e/ ou inglês. Resposta ao n.º 162, Rua Nova do Almada, 68.

ABRIU AO PÚBLICO EM CASCAIS A VIII FEIRA DO ARTESANATO

Está desde hoje patente ao público, em Cascais, logo á entrada da vila, a VIII Feira do Artesanato Português que, como havitualmente, é promovdia pela Junta de Turismo da Costa do Sol e, este ano teve o patrocínio do nosso prezado colega «Diário de Notícias».

A semelhançça dos anos anteriores, a Feira compreende barracas com artigos de madeira, de cobre e de ferro; bordados e rendas; tecelagem, mantas e tapetes; palha, palma, vime e linho; filigranas; tartaruga e madrepérola; latoeiro, cordoeldro e canteiro; esteiras e cestaria; cerâmica, bonecos de barro e de trapos; mobiliádio rústico, quiquilharias, etc. noosál. ETAOIN ETAOINO

N ãofaltam, também, barracas da Madeira, dos Açcores e das províncias Ultramarinas, onde estão expostos interessantes artigos. Também não faltam os restaurantes, música e folclore.

A inauguraçção oficial decorrerá depois de amanhã. A Feira estará aberta das 16 horas á 1 da madrugada.

VIDA SOCIAL

REV. CÓNEGO JOAQUIM DA CRUZ VAZ

Em visita à família, encontra-se na Murtosa o rev. cónego Joaquim da Cruz Vaz, da diocese de Lourenço Marques, ex-capelão chefe das Forças Armadas na província de Moçambique.

O TEMPO

Segundo o Boletim Meteorológico para a Agricultura, é esta a antevisão das condições meteorológicas médias no Continente até 5 de Agosto: céu geralmente pouco nublado ou limpo com períodos de muito nublado nas regiões do litoral a norte do Cabo da Roca; possibilidade de trovoada nas regiões do interior; condições favoráveis á ocorrência de neblina ou nevoeiro matinais; vento fraco a moderado do quadrante norte, podendo soprar em regime de nortada durante a tarde na faixa costeira ocidental; temperatura média do ar próxima dos valores normais na época.

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Na 159.ª audiência do caso da Herança Sommer, que está a correr no 1.º Juizo Criminal da Boa Hora, continuou a ser instada a testemunha sr. Ernesto Fernandes Venancio. O adjunto do procurador da Republica, dr. Antero Dinis, leu á testemunha a ultima parte das suas declarações exaradas na acta da sessão anterior. Concluida a leitura e depois de breve troca de impressões, o dr. Antero Dinis prosseguiu o seu interrogatório com pedidos de esclarecimentos acerca do livro de actas das assembleias gerais da Transformal. Sobre esta matéria foi então esclarecido: «Na sequência das afirmações que fiz, em audiências anteriores, posso acrescentar que as actas das assembleias gerais em que eram tratados assuntos diversos dos de apresentação de balanços não foram por mim minutadas; essas actas foram escrituradas no livro respectivo, com base em minutas que me eram entregues pelo gerente Henrique Champalimaud, minutas essas já dactilografadas e que julgo terem sido preparadas no contencioso da E. C. L., isto, porque na Transformal, depois da saída do dr. Octávio de Brito, não havia ninguém com formação jurídica.

Ainda sobre a matéria, disse, depois. «As actas constantes do respectivo livro, foram nele escrituradas sensivelmente nas datas que delas constam, sendo após a sua elaboração enviado o livro por mim, ou por minha ordem, para os escritórios da E. C. L. a fim de ser assinado por António Champalimaud, facto que, na realidade, sempre sucedeu à medida que as actas iam sendo elaboradas.»

Mais adiante, ainda sobre a mesma matéria, afirmou: «Em 1952, segundo julgo, fui eu próprio a casa do então gerente Fernando Sommer, para que o mesmo, nessa qualidade, e com a firma da Casa Sommer, assinasse as actas. Dessa vez, o gerente Fernando Sommer assinou por atacado seis actas.»

Ainda sobre este problema, o dr. Antero Dinis, informou a testemunha de que a folhas 1684-v., o réu António Champalimaud referiu, a propósito das assinaturas por ele apostas no livro de actas de assembleias da Transformal, expressamente — «Sabe também que quando já da luta iniciada por Carlos Champalimaud, seu irmão Henrique lhe foi pedir a ele, António Champalimau, para assinar um lote de actas da Transformal.»

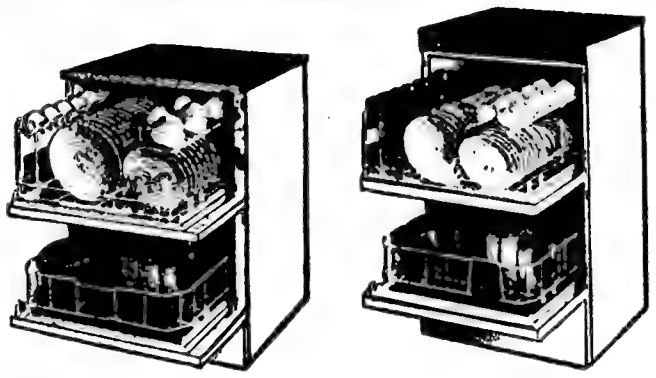
Em seguida, o adjunto do procurador da República, pediu à testemunha para dar a sua opinião sobre a afirmação produzida pelo réu revel. Em resposta, foi afirmado: «Confirmo, inteiramente, todas as minhas declarações prestadas sobre esta matéria, filiando as declarações de António Champalimaud, de que agora tive conhecimento, em confusão omissão ou má fé.»

Após breve interrupção, foi dada a palavra ao dr. Antero Dinis, para prosseguir a sua instância Na altura, porém, o adjunto do procurador da República, declarou ter terminado o seu interrogatório.

Em face das declarações do dr. Antero Dinis, foi então dada a palavra, pelo corregedor dr. Bernardino de Sousa, ao advogado do réu ausente António Champalimaud.

No uso do direito que lhe foi concedido, o dr. Manuel João da Palma Carlos, pediu à testemunha uma série de esclarecimentos relacionados com o fundamento das afirmações que proferiu, quando da instância do adjunto do procurador da República.

Entretanto, o corregedor dr. Bernardino de Sousa deu conhecimento às partes, de que o Tribunal tinha recebido um ofício do director da Cadeia de Caxias, relacionado com o pedido de informação solicitado sobre o estado de saúde do réu Henrique Champalimaud. A informação, assinada pelo director-clínico da Cadeia Hospital de S. João de Deus, dr. Mário Marques, é do seguinte teor: «Penso que não haverá risco de maior desde que se evitem reacções emocionais intensas».



BRAVA 8/4 STIPOMATIC 10/5

Candy lavadoras de louça — pratos e utensílios de cozinha, em compartimentos separados — com total aproveitamento de espaço e vários programas incluindo a secagem.

Diversos modelos de lavadoras para roupa, super-automáticas, de linhas proporcionadas, de comprovada eficiência de funcionamento e lavagem, e dispondo das mais recentes inovações técnicas: economizador, lavagem biológica, programa especial para «pura lã virgem», indicador automático de colocação do detergente, recipiente para aditivos especiais (perfumador — amaciador) e para branqueador. Veja os modelos SA68T-SA68BIO-SA-98, e escolha! Entre estes está a lavadora que lhe convém

Candy

concepção e experiência

(Corte este cupão pelo picotado e envie para Apartado 2096 — LISBOA 2)

MÁQ. DE LAVAR CANDY — Para obtenção de informações detalhadas queiram enviar-me catálogos.

NOME _____

MORADA _____ TELEFONE _____

LICEU

E CIC. PREPARATÓRIO
Diurno e nocturno
Ext. N.ª 6r.ª do Saúde
L. CONDE DE POMBEIRO, 12
Tel. 57048 (aos Anjos)

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

TAÇA «RIBEIRO DOS REIS»

O BENFICA LÁ GANHOU MAS A «COISA» NÃO FOI FÁCIL

• BARREIRENSE: 1-0 SOBRE A ACADÉMICA

Apesar de tudo e contra tudo ontem á noite, no Restelo, ainda tivemos futebol oficial da época 1970-71.

Apostados em deixar os adeptos do desporto-rei bem servidos, pelo menos em quantidade, Benfica e Braga ainda presentearam o publico com um prolongamento. E, assim, todos quantos vão ficar, sem saber que fazer até ao dia 31 (e a coisa já vem de trás), acabaram por sair deliciados com o ultimo episódio da época. Além disso, para que o «prato» fosse ainda mais substancial, foi servido com dois «menus»: Académica - Barreirense (para o 3.º e 4.º lugares) e a «final» entre Benfica e Spt. Braga, para apurar o vencedor da taça «Ribeiro dos Reis».

Estudantes e barreirenses entretiveram-se durante 90 minutos a ver o que «aquilo» dava até que chegaram á conclusão que seria melhor resolverem-se — ou um ou o outro. Mais incisivos e práticos, os barreirenses resolveram ser eles a solucionar a coisa. A vitória dos homens de além-Tejo foi justa — se atendermos, sobretudo, ao maior empenho e frescura física que patentearam na maior parte das jogadas.

*

Para que a «final» fosse ainda mais «final», a Comissão Central até convidou o sr. Fernando Leite a deslocar-se do Porto para apitar o encontro, transmitindo automáticamente á «cerimónia» um ar muito mais... cosmopolita.

O Benfica fez, pode-se dizer como que a festa de despedida de um punhado de jogadores — e deu a ideia que ganhava quando quisesse. Não porque a réplica bracarense tivesse sido menos determinada, mas porque, na realidade, eles é que eram as «estrelas» da noite das quais se exigia e se esperava e se pensava e por aí fora. Mas acabou por ser difícil.

Tal como Pelé, também Torres se quis despedir com o seu golito. Lutou, jogou e acabou por ser ele justamente a abrir a contagem, como prémio merecido do seu labor. Enfim, vitória certa da equipa-mais-equipa. Mas que deve quer tudo. Até mais tempo do que aquele que se esperava.

Homens da noite: os árbitros (excelentes); Bento, Mira e Câmporas, pelo Barreirense; Belo, Vala, Oliveira Duarte e Gregório, pela Académica; Lua (um treinador que sabe o que quer e o que deve dizer aos seus comandados), C. Baptista e Leiria, pelo Braga; e Fonseca, Messias, V. Martins e Torres, pelo Benfica.

EQUIPAS E MARCADORES

O primeiro encontro foi arbitrado por Maximino Afonso, de Lisboa.

ACADÉMICA — Cardoso; Artur, Alhinho, Belo e Feliz; Simões e Vala; O. Duarte, Gregório, José Manuel e Serafim.

BARREIRENSE — Bento; Murraças, Mira, Bandeira e Patrício; Valter e Vicente; José João, João Carlos, Câmporas e Serafim.

Golo de João Carlos, aos 2 minutos da segunda parte.

*

Para a «final», dirigido pelo árbitro Fernando Leite (Porto), as equipas alinharam:

BENFICA — Fonseca; Marques, Calado, Messias e Toni; V. Martins e Matine; Praia, Torres, Aguas e Diamantino.

BRAGA — Antenor; Agostinho, Leiria, Sibrão e José Manuel; C. Baptista e Miranda; Palmeira, Alido, Lua e Bino.

Marcadores: Torres (55 m.), Lua (71 m.), Diamantino (100 m.) e C. Pereira (116 m.).

CARNEIRO JACINTO

Torres. Para ele foi a despedida. O grande jogador do Benfica e da selecção nacional vê-se coagido a trocar a Luz pelo Bonfim. Troca por troca, que nisto do futebol é cada vez mais assim. Mas há muitos a pensarem que para além da saudade que deixa nos adeptos benfiquistas Torres deixa, também, em aberto um lugar que não será fácil preencher. E que a sua saída da Luz é prematura, 'até mesmo inconveniente. Entretanto, aqui o vemos após a vitória de ontem, que ele ajudou a construir. Como tantas outras vezes fez, no decurso de uma carreira excepcionalmente brilhante. De uma carreira que ainda não chegou ao fim

O F. C. PORTO PROCURA ELENCO DIRECTIVO

Amanhã, pelas 21,30 horas, no Ginásio do F. C. do Porto, á Rua Alexandre Herculano, vai reunir a assembleia delegada do clube a fim de tomar conhecimento da exposição que a comissão encarregada de indicar os três presidentes para o futuro elenco dos corpos gerentes do F. C. do Porto deseja apresentar e os resultados negativos que obteve, apesar do seu intenso labor. Paralelamente, devem ser tomadas decisões sobre as directrizes a adoptar para regularizar o mais rápidamente possível a vida do clube.

ALBERTO MATOS NOVO «RECORD»

Alberto Matos, o magnifico atleta do Sporting, acaba de estabelecer em Verona (Itália), um novo «máximo» nacional nos 400 metros-barreiras, fixando-o em 51,2 segundos. O feito ocorreu durante o torneio Internacional de Atletismo, por convites, que está a decorrer em Verona. Matos classificou-se em terceiro lugar, depois dos americanos Bob Steel (50,5 s.) e Melvin Bassett (50,6 s.).

HOJE À NOITE

CICLISMO — Sorteio da ordem das equipas no contra-relógio inaugural da Volta a Portugal, ás 21 e 30, na Federação.

Entrega do diploma de mérito desportivo a Joaquim Agostinho, em Torres Vedras ás 21 e 30.

NATAÇÃO — Torneio Nadador Completo (2. jornada) na piscina dos Olivais, ás 21.

Damasceno Covão. Homem do ciclismo a quem o ciclismo deve (impulsos) e dá (prazer), ele será o director principal da XXXIV Volta a Portugal em Bicicleta

A MAIORIA ESTÁ DE ACORDO

ESTEJA TAMBÉM DE ACORDO AO APLICAR

OS SEUS CAPITAIS EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

PREÇOS DESDE 140 CONTOS A 1.000 CONTOS

MAIS DE 50.000 CONTOS EM PROPRIEDADES PARA ESCRITURA IMEDIATA

MAIS DE 250.000 CONTOS DE PROPRIEDADES EM CONSTRUÇÃO PARA VENDA

INFORMAÇÕES

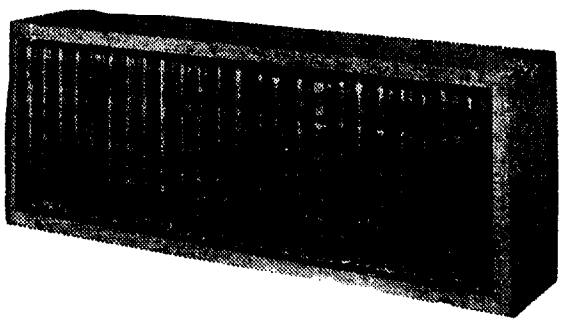
J. PIMENTA, S.A.R.L.

P. Marquês de Pombal 15 Telfs 45843 47843 Lisboa

LIVROS DE BOLSO

Valorize a sua biblioteca COM LIVROS DE BOLSO comprando uma série de 24 volumes no formato de 16,5×11 cm, encadernados em balacuir e apresentados numa ESTANTE DE BOA MADEIRA, tudo por 600$00 — importância que pode ser liquidada em 12 prestações mensais de 50$00

48 volumes, numa ESTANTE DUPLA, tudo por 1200$00 em 20 prestações mensais de 60$00



Para a escolha das obras remeteremos, sem qualquer compromisso, a quem a solicitar, uma lista das mesmas

Entrega imediata das obras e respectiva estante contra o primeiro pagamento

OFERTA EXCEPCIONAL

15 VOLUMES A ESCOLHA, ENCADERNADOS EM BALACUIR, PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 60$00

Entrega das obras contra o primeiro pagamento

ALEXANDRE HERCULANO
AQUILINO RIBEIRO
CAMILO CASTELO BRANCO
JÚLIO DINIS
STEFAN ZWEIG

e outros autores — cerca de 300 volumes — constam de uma lista que remeteremos a quem a solicitar à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO
ou à FILIAL:

AV. ALMIRANTE REIS, 102, R/C., DT.º — L I S B O A - 1

RECORTAR ESTE CUPÃO E REMETER A

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Alberto Aires Gouveia, 27
— P O R T O —

(D. L.) — Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso a lista das obras e um impresso-proposta para a sua aquisição na modalidade de PAGAMENTOS SUAVES.

Nome ... ...

Morada ... ...

No CARREGADO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Casa Violante.

CP NOVO SERVIÇO NA REGIÃO SUL

Brevemente a C. P. vai pôr à disposição do público um novo esquema de serviço na Região Sul:

✻ LISBOA—ALENTEJO

DIÀRIAMENTE

- **Uma automotora directa, em cada sentido, de Lisboa (Santa Apolónia) a Évora e Beja.**

  Viagem sem trasbordo do centro de Lisboa às capitais alentejanas.

- **3 ligações directas, em cada sentido, de Lisboa (Terreiro do Paço) e Barreiro a Évora e Beja, com correspondência para Reguengos de Monsaraz, Estremoz, Vila Viçosa e Moura.**

✻ LISBOA — ALGARVE

3 VEZES POR SEMANA, EM CADA SENTIDO

- **1 ligação rápida de Lisboa (Terreiro do Paço), Barreiro e Setúbal a Albufeira, Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António-Guadiana, com correspondência para as principais estações do Barlavento.**

  Comboio automotor, provido de ar condicionado e acompanhado por assistentes de viagem.

DIÀRIAMENTE

- **2 ligações directas em cada sentido, de Lisboa (Terreiro do Paço), Barreiro e Setúbal ao Algarve.**

- **1 ligação nocturna, em cada sentido, de Lisboa (Terreiro do Paço), Barreiro e Setúbal ao Algarve.**

NOS FINS DE SEMANA

- **1 ligação directa ao Algarve e regresso.**

✻ LISBOA — SINES

DIÀRIAMENTE

- **1 automotora semidirecta em cada sentido.**
- **Ligações aos directos do Algarve.**

✻ LITORAL DO ALGARVE

DIÁRIAMENTE

- **3 automotoras directas, em cada sentido, de Vila Real de Santo António-Guadiana a Lagos, servindo apenas as principais estações do percurso.**
- **Numerosos serviços locais de automotoras e comboios.**

✻ TRANVIAS ENTRE LISBOA, BARREIRO, SETUBAL E PRAIAS-SADO

- **Serviço intenso durante todo o dia.**

Oportunamente será anunciada a data deste novo serviço.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

CRUZEIROS AÉREOS A ANGOLA

Promovidos e subsidiados pela AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR e PROVÍNCIA DE ANGOLA

2 A 17 DE SETEMBRO

14 dias por 11.500$00 ou 8.500$00

12 A 25 DE OUTUBRO

12 dias por 11.000$00 ou 8.500$00

Inscreva-se IMEDIATAMENTE

INFORMAÇÕES: Agência-Geral do Ultramar — Lisboa
Av. Ilha da Madeira

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Ofer.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	455$	454$	—
Consolidado 5%	469$	465$	470$
Consolidado 5 1/2%	—	583$	—
Centenários 4%	1.324$	324$	—
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	575$	—
Externo 2.ª Série C	—	585$	600$
Externo 3.ª Série	700$	700$	—
Externo 3.ª Série C	—	700$	—
Caixotes 3.ª Série	—	150$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P L 5% 56	—	—	880$
A P L 5% 58	—	—	880$
C P 4 1/2% 65	—	825$	850$
C P 5 1/2% 67	—	960$	—
C U P 6%	945$	945$	—
C U P 6% 58	—	915$	—
Gás Elect 4% 48	—	—	850$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	870$	—
Gás Elect 5% 54	—	870$	—
Gás Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	—	840$
Gás Elect 5% 62	—	960$	—
Gás Elect 5% 63	—	960$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	980$	—
M E A Alentejo 5%	—	—	—
M E Cávado 5%	—	720$	745$
M E Cávado 6%	980$	975$	—
M E Douro 5%	—	700$	715$
M E Douro 6%	980$	970$	—
M E Norte Port 5%	—	—	—
M E S Estrela 5%	—	—	—
M E Zêzere 5% 55	—	780$	—
M E Zêzere 5% 57	—	770$	—
Lisnave 6%	—	945$	950$
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	970$	—
Moçambique 5%	—	—	680$
Nac Elect 5%	—	—	750$
Nitratos 5%	—	720$	750$
Nitratos 5% 60	—	720$	730$
Petrodulmec 5%	—	—	855$
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	935$	—	940$
Sacor 5% 60	—	830$	840$
Siderurgia 5% 2.ª	—	720$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	810$	805$	—
T A P 4%	—	895$	—
Termoelect Port 5%	—	750$	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	925$
U E P 4 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	73$	73$	—
U E P 5% 60	—	730$	740$
U E P 5% 63	—	—	—

Ultramarinas	Ofer.	Compra	Venda
Ag a Tomé e Príncipe	—	195$	200$
Banif	—	—	130$
Buzi	—	71$	72$
Cabinda	185$	180$	188$
Diamantes Angola	1.950$	1.945$	1.955$
Ind e Revest	—	—	—
Ind de Moçambique	—	570$	700$
Moçambique	179$	178$	180$
Sonete A	—	—	400$
Sonete B	405$	405$	407$
Zambézia	—	62$5	65$
Diversas			
Cidla	—	—	7.000$
Com Geral	—	—	—
Com Ind	—	8.200$	9.000$
Soc Navegação	—	—	—
T A P	1.650$	1.650$	—
Ind Aliança	1.460$	1.460$	1.475$
Nac Navegação	—	—	—
Petrodulmec	1.125$	3.700$	3.800$
Port e Colónias	—	1.120$	1.135$
Port Celulose	—	970$	—
Port Pesca	—	—	3.800$
Port Tabacos	558$	—	—
Sacor	3.820$	556$	560$
Siderurgia Nac	2.530$	3.800$	3.820$
Sacor	3.250$	2.520$	2.540$
Tabacos de Portugal	—	3.242$	3.250$
Tapadouro	—	1.480$	—
U E P Azeite	590$	6.100$	6.200$
Agua Elect e Gás		580$	600$
Aguas Lisboa p	—	390$	—
Aguas Lisboa 54	—	410$	425$
Aguas Lisboa 56	—	390$	—
C P Electricidade	1.140$	1.140$	1.145$
C P Electricidade n	1.125$	1.125$	1.130$
C P Electricidade 969	—	—	—
Elect Beira	—	1.670$	1.700$
Gás Electr	372$5	372$	372$5
M E Alto Alentejo	187$	187$	190$
M E Norte Portugal	228$	—	—
M E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	—	194$	195$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	—	—
F I D E S	—	127$9	131$7

	Ofer.	Compra	Venda
ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.			
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS			
Rua do Ouro, 52-54—LISBOA—Tel 366066/7			
Telex ALMEIRO — Telex 471 ALAPI P			
A C Ç Õ E S			
Bancos:			
Agricultura	2.138$	2.135$	2.140$
Alentejo	1.140$	—	1.140$
Angola	4.240$	4.240$	4.280$
Burnay	—	—	—
Crédito Predial	7.200$	7.200$	7.250$
E Santo	6.690$	6.680$	6.700$
E Santo 1.ª	—	—	—
Fonsecas & B	—	25.000$	27.000$
Fomento	—	2.850$	2.890$
L & Açores p	—	—	—
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.535$	6.530$	6.560$
Portugal n	—	3.600$	—
Portugal p	—	—	4.200$
Totta Aliança	7.180$	7.160$	7.180$
Ultramarino n	—	—	4.150$
Ultramarino p	—	4.410$	4.480$
Seguros			
Alentejo	—	140$	142$
Douro	—	—	—
Mundial	980$	975$	985$
Sagres	—	3.000$	3.600$
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	700$	750$
Ag Cassequel	685$	685$	690$
Ag Incomati	—	—	1.900$
Ag Neves	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	15-7-71	21-7-71	22-7-71
GERAL	151,6	151,6	152,0
METROPOL.	149,0	149,1	149,5
ULTRAM.	170,9	169,8	170,2

PAISES	Compra	Venda
Africa do Sul — Rand	35$00	37$50
Alemanha — Marco	8$00	8$35
América:		
— Dollars de 1 a 4	27$80	28$30
— » de 5 a 20	28$20	28$70
— » de 50 a 000	28$30	28$80
Argentina — Peso Novo	4$00	5$50
Austria — Schilling	1$ 4	1$19
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	3$50	4$80
Canadá — Dólar	27$30	27$90
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$85	8$20
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	5$35	5$65
Suécia — Coroa	3$85	4$15
Suíça — Franco	6$85	7$10
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino — Barra	37$50	39$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 231278

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO LUIZ

(Grupo C - M. 14 anos)
Às 21.30 — 5.º Filme do Festival
VOANDO PARA O RIO DE JANEIRO
Às 15.15 e 18.15:
4.º filme do festival
VAMOS DANÇAR (M. 6 anos)

EDEN

2.ª SEMANA
Grupo B — M 10 anos
As 15.15, 18.30 e 21.30
O mais fantástico dos filmes fantásticos
Considerado uma obra-prima do Cinema
KING-KONG

APOLO 70

Tel. 763319
Av. Júlio Dinis
Às 14.30, 16.45 e 21.45
A REVELAÇÃO DO CINEMA CHECOSLOVACO
«OS AMORES DE UMA LOIRA»
Uma obra-prima de MILOS FORMAN
(Grupo D — 18 anos)
3.ª SEMANA
Às 19: TARZAN E A COMPANHEIRA, de Cedric Gibbons, com Johnny Weissemuller e Maureen O'Sullivan (M. 10 anos)

CARROS E PASSAGEIROS DO CONTINENTE PARA INGLATERRA E VICE-VERSA

Comunica-nos a CP, que graças a acordos estabelecidos com os Caminhos-de-Ferro Franceses e Ingleses, podem reservar-se em Portugal lugares para carros, autocarros e passageiros nos Car Ferries e Hovercraft («barco-«voador») que asseguram a ligação Continente/Inglaterra/Irlanda e vice-versa, através do Canal da Mancha, quer os interessados sigam no Auto-Expresso Lisboa/Paris, quer desejem apenas a ligação citada.

SÃO JORGE

Grupo D - M. 18 anos T. 54153
Hoje, ESTREIA, às 21.30 h.
A mais «desopilante» farsa
AGÊNCIA DE VIGARICES
com Sidney James, Kenneth Williams e Charles Hantrus.
As 15.15 e 18.15: A FUGA (M 10 anos).

POLITEAMA

Tel. 426305
Começa Hoje o Ciclo SEMANA DO BOM COWBOY
c/ 4 SESSÕES a preços especiais
Às 14.30 e 17 horas:
SARTANA REZA PELA TUA MORTE
(Col.) c/ John Garko
Às 19.30 e 22 h.:
OS ABUTRES TEM FOME
(Col.) c/ Clint Eastwood e Shirley McLaine
(Grupo B — Maiores de 10 anos)

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 838743
Às 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Julie Christie, Michael Sarrasin e John Hurt, na história de uma mulher que queria apaixonar-se...
CONVITE AO PECADO
Technicolor
Portentosa realização de Peter Wood
(Metro: Estação Picoas)

VOX

Às 21.45 h. Tel. 720808
ESTREIA
(Grupo D — M. 18 anos)
MORAL PRIVADA
Um filme de Luigi Comencini com Philippe Leroy e Paola Pitagora
AR CONDICIONADO

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
Um violento ajuste de contas
VERTIGEM DUM ASSASSINO
com Silva Koscina e Marcel Bozzoffi.

MONUMENTAL

Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
Grupo B (M. 10 anos)
em 70 m/m
AS SANDÁLIAS DO PESCADOR
c/ Anthony Quinn-Oskar Werner

SATÉLITE

(Adultos) Tel. 562282
Às 15.30, 18.30 e 21.45
22.ª SEMANA
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy Schneider
Situado no edifício do Monumental

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 821933
As 21 horas
VIVO PARA TUA MORTE
RESGATE HUMANO

LUMIAR

Tel. 795296
(Grupo B - M. 10 anos)
ZINGARA
— CANÇÃO CIGANA
CADA BALA TEM UM NOME

ROYAL

(Adultos) Tel. 865037
Às 15 e 21 h.
O TERROR NO CASTELO DOS MORTOS VIVOS
O ULTIMO TRIUNFO

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30 h.
ARABELA
com Virna Lisi, James Fox e Margareth Rutherford

LIDO

Às 21.30 h. (M. 17 anos)
COMECEM A COMBATER SEM MIM
com Eva Aulin e Hugh Griffith

CASINO ESTORIL

(M. 10 anos)
Às 21.30 h.
GIGANTES NO INFERNO

TIVOLI

(Grupo B-10 anos) Tel. 58595
As 3 e 6.15 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite
Audrey Hepburn e Peter O'Toole na famosa comédia
COMO ROUBAR UM MILHÃO

ESTÚDIO 444

As 15.30, 18.30 e 21.45 (adultos)
DESERTO VERMELHO
com Monica Vitti e Richard Harris TECHNICOLOR

EUROPA

Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
(Grupo D — 18 anos)
Remy Sohneider e Maurice Ronet em
«QUEM?»

ALVALADE

Tel. 717480
2.ª SEMANA
Grupo B - M 10 anos
As 15.30 e 21.45
Um magnífico filme de Alfred Hitchcock
SOB O SIGNO DE CAPRICÓRNIO
com Ingrid Bergman, Joseph Cotten e Michael Wilding
Technicolor

BERNA

(M. 10 anos) Tel. 776098
2.ª SEMANA
As 18.30 e 21.45
Woody Allen e Janet Margolin
na sensacional comédia colorida onde o imprevisto... acontece sempre!
O INIMIGO PÚBLICO
Um êxito de gargalhada!
— Ar condicionado —

LIZ

As 21.30 (17 anos) Tel. 48560
MACHO CALLAHN
SETE VEZES MULHER

CONDES

As 14.15 16.30 18.45 e 21.45
2.ª SEMANA
(Grupo D M 18 anos)
As núpcias sobrenaturais de vampiros sanguinários
AMORES DE VAMPIROS
com Jonathan Fried e Crayson Hall

ODEON

As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
Em 14.ª Semana de Sensação
O ARROJADO FILME
A PISCINA
com Alain Delon e Romy Schneider
(Col.) (Grupo D - M. 18 anos)

AVIS

As 21.45 h. Tel. 47163
(Grupo C — M 14 anos)
ROMEU E JULIETA
Vhiting TECHNICOLOR
com Olivia Hussen e Leonard

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Só as borboletas são livres» (17 anos)
GIL VICENTE — As 22: «Ivone — princesa de Borgonha» (17 anos).
VILLARET — As 21 e 45: «A Capital» (4 anos)
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «Querida mamã» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — As 19: «4 dólares de vingança» (10 anos).
CINEARTE — As 21: «Vidas proibidas» (17 anos)
IDEAL — As 21: «Salário do medo» (17 anos).
SALÃO LISBOA — As 21: «O dia mais longo» (12 anos).
PARIS — As 21: «O assunto era rosas» (10 anos)
ARCO ÍRIS — As 21: «O alto, o baixo e o gordo» (12 anos).
JARDIM — As 21: «O espadachim da capa negra» (10 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «Torpedos do inferno» (17 anos).

Linha de Cascais

CARCAVELOS — Vitória-Cine — As 21 e 30: «O querido Joe» (17 anos).
OEIRAS — Oeiras-Cine — As 21: «O morto «a» o outro» e «Duelo de morte» (10 anos).
PAREDE — Royal-Cine — As 21: «Quando digo que te amo» (17 anos).
ESTORIL — Casino — As 17 e 45 21 e 30: «Gigantes no inferno» (10 anos, Paláclo — As 21 e 30: «Onde está o Jack» (17 anos) Esplanada — As 21 e 30: «Mais morto que vivo» (12 anos)
CASCAIS — S. José — As 21 e 30: «Os insaciáveis» (17 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D. João V — As 21 e 30: «Amores perdidos» (17 anos)
VENDA NOVA — Cine-Portugal — As 21 e 15: «King, o homem secreto» e «O prazer de matar» (10 anos)
MEM MARTINS — Cine-Chaby — As 21 e 30: «Novas sementes» (17 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — As 21 e 15: «Quero matar-te de frente» (10 anos.
COSTA DA CAPARICA — Copacabana — As 21: «Seduzida e abandonada» e «Luz que cega» (17 anos)

PORTO

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «A luta de um homem» (17 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «West Side Story» (17 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «Jovens fugitivos» (18 anos)
SÁ DA BANDEIRA — As 21 e 30: «A grande parada» e «Submarino X-1» (10 anos)
ÁGUIA D'OURO — As 21 e 30: «Os mandos de Elisabeth» (17 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «Aqueles dias contigo» (17 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «Crime no Bosque» (17 anos).
ESTÚDIO — As 21 e 30: «Paixões» (17 anos
CARLOS ALBERTO — As 21 e 30: «Os cavaleiros mascarados» e «A desforra de Sandokan» (10 anos)
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «José do Telhado» (10 anos).
JÚLIO DINIS — As 21 e 30: «Amor bruto» (7 anos).
OLÍMPIA — As 21 e 30: «O invencível Robin dos Bosques» (10 anos)
CINEMA DO TERÇO — As 21 e 30: «A Internacional do Crime» (10 anos)

COIMBRA

AVENIDA — As 21 e 30: «A rapariga do auto-stop» (17 anos).
ESPLANADA DOS BOM. VOLUNTÁRIOS — As 21 e 45: «O acossado» (17 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO A

AJUDA — Moura, Travessa da Memória, 55 (tel. 630944)
ALCÂNTARA — Bairrão, Rua Prior do Crato, 25 (tel 661321).
ALVALADE — Zilda, Av. da Igreja, 9-D (t 71 1780) * **S. João de Deus**, Rua Pedro Ivo, 1-A (t 725 40) * **Roma** Avenida de Roma 85-B (tel 772466)
AMOREIRAS — Britânica, Travessa da Légua da Póvoa, 5-B (t. 689250).
ANJOS — Confiança, Avenida Almirante Reis, 46 (tel 42453) * **Renascença**, Rua Damasceno Monteiro 104-A (telefone 831504)
AREEIRO — Garantia, Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (t 727300) * **Imperial**, Aven. Guerra Junqueiro, 30-B (telefone 726860)
AVENIDAS NOVAS — Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45 (tel 773043) * **Dalva**, Avenida Duque de Ávila, 125 (t. 45225).
BAIRRO ALTO — Barreto, Rua do Loreto, 30 (tel 327284).
BAIRRO DA LIBERDADE — Salutar, Rua B, 75-A (tel 633694)
BAIXA — Teixeira Lopes, Rua Áurea, 54 (tel. 324816) * **Oliveira**, Rua da Prata, 240 (t 32 14 15).
BENFICA — Alegria, Estrada de Benfica, 80-A (tel 780511) * **Lavinha**, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. á Rua da Casquilha), 28-A (t 708242) * **União**, Estrada de Benfica, 592/4 (tel 700092)
CAMINHOS DE FERRO — Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90 (tel. 847019)
CAMPO DE OURIQUE — Lobel, Rua Infantana 16, 98-B (tel. 688807).
CAMPOLIDE — Pinto, Rua de Campolide, 11 (tel 682610).
CASTELO — Ziler, Rua de S. Tomé, 54 (telefone 862835)
CHELAS — Banha, Estrada de Chelas, 173 (tel. 382241).
CHILE — Veral, Rua Morais Soares, 109 (tel. 40632)
ENCARNAÇÃO — Ascensão, P. do Norte, 11 (ao Bairro da Encarnação) (telef. 311216)
ENTRECAMPOS — Alcântara, Avenida da República, 74-A (t 771379).
ESTEFÂNIA — Mundial, Largo D Estefânia, 9 (tel. 45578)
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B (tel 666971).
LAPA — Paiva da Costa, Rua da Lapa, 105 (tel. 664414)
LUMIAR — Central do Lumiar, Rua do Lumiar, 77 (tel 790480) * **Douro**, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (tel 791131).
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (telef. 311237)
PICHELEIRA — Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (tels. 728395-720703)
PICOAS — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (tel 553468)
POÇO DO BISPO — Freitas, Rua Zófilo Pedroso, 11 (tel 381136)
REGO — Baptista, Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C (tel 771873)
SANTA APOLÓNIA — (Ver Caminhos de Ferro).
SANTA MARTA — Fernandes, Rua de S. José, 107 (tel 326476)
SANTO AMARO — Correia de Azevedo, Rua Luís de Camões, 42-B (telef. 638625) * **Biotifar**, Rua D João de Castro, 27-B (tel. 638824).
S. BENTO — Castro, R. de S. Bento, 199-A (telef. 660513)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (tel. 48642).

Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (tel 234137).
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30 (tel 224020)
ALMADA — Macedo Henriques, Rua Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (Te 27 297)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional, 74 (Tel 2243021
BARREIRO — Central — Av Alfredo da Silva, 48 (Te 2273207)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est das Barrocas, 50-A (Telefone 2760 82.
MOITA — Silva Rocha, P. da Republica, 16 (Tel. 239029).
MONTIJO — Montepio, Rua Almirante Reis, 93 (Tel 230035)
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (Tel. 229471).
SETUBAL — Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Tel 22408) * **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco (Tel 23211).
SEIXAL — Seromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel 2218580).

Linha de Sintra

AMADORA — Amadora — P. 28 de Maio, 3-A (tel. 935518) * **Carmelo** — R. Elias Garcia, Lote 28 (tel. 933308) * **Helénica** — R. Elias Garcia, 2 (t 9336 3) * **S. Jorge** — R. Pedro del Negro, 5 — Reboleira (tel. 938708)
DAMAIA — Lemes — Rua de Goa, 21-A (Tel. 971121)
QUELUZ — Zeller, Rua da Republica, 83 (Telefone 950045) * **Correia**, L. do Mercado, 3 (Tel 950906).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034)
MEM MARTINS — Química, Est Mem Martins, 285 (tel 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (tel. 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque (Tel 980058)
COLARES — Colares — Abreia (tel. 299088).

Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nifo — Av. Comb. G. Guerra, (tel 212070)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (tel 242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes, 4 (t. 2432039).
OEIRAS — Alcântara Guerreiro — Bairro Residencial Dr. Augusto de Castro — Lote 10 (telef. 2430591).
PAREDE — Crincho — Av da Republica, 87 (Tel. 2471204.
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (tel 263052).
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (tel. 261186).
CASCAIS — Marginal — Av Marginal (tel. 280078) * **A. Costa** — R. Freitas Reis, 24-C (tel. 280214).

PORTO

Antero de Quental, Rua Antero de Quental, 520 (Te 45048) * **Azevedo**, Rua do Mercal, 503 (Telefone 52344) * **Constituição**, Rua da Constituição, 93 (Telefone 49083) * **Correia de Araújo**, Rua de Santa Catarina 459 (Tel. 25644 * **Cruz**, Rua Costa Cabral 082 (Tel 40041) * **Guarani**, Rua Pedro Hispo 367 (Tel 62250) * **Herculano**, Rua Alexandre Herculano, 384 (Telefone 27943) * **Liga Ass. Soc. Mútuos**, Rua do Bonjardim 286 (Tel 21711) * **Magalhães**, Rua de Serpa Pires, 566 (Tel 63561) * **Nova de Monsanto**, Rua de Monsanto, 48 (Telefone 490889) * **Ribeiro** da Liberdade, 34-37 Tel 24133) * **Gondarém, Júnior, Sucr.ª**, Rua do Firmeza, 99-A (Tel 23849) * **Sampaio**, Rua de Cedofeita 636 (Tel 21782) * **Sanil**, Rua do Paraíso, 214 (Tel 23935) * **Vitália**, Rua de Gondarém, 360 (Foz).

COIMBRA

São Sebastião, Rua António Jardim (tel. 28802).
Silcar, Rua Ferreira Borges (tel. 22923).
Paiva, Praça do Comércio (tel. 23231).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

MISSÕES DO PLANO DA REGIÃO CENTRO

apontadas em Coimbra pelo dr. João Salgueiro

COIMBRA, 22 — O subsecretário de Estado do Planeamento Económico, iniciou hoje, nesta cidade, a sua anunciada visita oficial á Região do Centro, onde vem presidir a reuniões com os membros dos grupos de trabalho que, no ambito da Comissão de Planeamento da Região do Centro, vão estudar em conjunto problemas relacionados com a agricultura, industria, infra estruturas e turismo.

O dr. João Salgueiro que chegou acompanhado de técnicos do seu departamento, foi recebido na Camara Municipal, onde se realizou uma sessão em que usaram da palavra os engs. Araujo Vieira, Engrácio Carrilho e Costa Lobo, respectivamente, presidentes do Municipio, da Comissão do Planeamento Regional e responsavel pelo Plano Director de Coimbra.

Terminada a sessão, foram empossados os diversos grupos de trabalho da Comissão de Planeamento da Região do Centro.

No final, no uso da palavra o dr. João Salgueiro, depois de assinalar o lançamento dos primeiros grupos de trabalho da Região do Centro e o inicio das actividades organizadas da respectiva Comissão de Planeamento, disse: «*A tarefa fundamental da Comissão consistirá naturalmente na elaboração do plano de desenvolvimento regional: um esquema conjunto de realizações capaz de assegurar a médio prazo o progresso económico e social para os 2 milhões de pessoas que constituem a população das Beiras. Não será demais acentuar as exigências de realismo e eficácia que o plano deverá respeitar se quisermos evitar a frustração e as perdas de tempo que sempre resultam de se confundir planeamento autêntico com a simples justaposição de aspirações e de hipóteses de trabalho vagas e imperfeitamente equacionadas. Exigências paralelas de realismo e de eficácia que resultam de haver que procurar simultaneamente corresponder tão de perto quanto possível aos anseios e ausências das populações; assegurar o melhor reconhecimento e aproveitamento dos recursos existentes; traduzir as diversas metas em projectos e programas de realização assegurada, e custos e benefícios quantificados: e integrar as realizações regionais no esquema global de desenvolvimento adoptado para o conjunto do País.*

«*Mas tambem não será demais salientar que um plano de desenvolvimento regional só poderá assegurar a validade dos meios e objectivos que contempla quando resultar de um método de trabalho que garanta ampla e efectiva participação de todos os que de vem contribuir para a fundamentação e escolha das finalidades gerais e das metas concretas, para a inventariação, estudo e programação das iniciativas, e para a mobilização dos meios humanos, financeiros e institucionais necessários á respectiva realização. O plano da Região Centro só será, portanto, possivel se resultar — na sua preparação como na sua execução — da participação simultanea das populações, dos empresários e dirigentes do sector privado, de competências técnicas suficientes, dos responsáveis e técnicos da Administração nacional e local.*»

Mais adiante, o dr. João Salgueiro afirmou:

«*A Universidade de Coimbra, em comparação, por exemplo, com as de Lisboa e Porto, tem mostrado muito menores relações com os sectores produtivos e com a tecnologia moderna, certamente causa e consequência da menor atracção económica que a cidade exerce. Essa certamente uma das grandes coordenadas do Plano da Região; traduzir a realidade tradicional em parâmetros de futuro, dinamizando a implantação de novas actividades produtivas que tornam o lugar até há poucos anos ocupado pela agricultura, e orientando a sua localização de acordo com os objectivos de crescimento regional, em ordem ao desenvolvimento auto-sustentado e harmónico das vastas áreas que abrange e das suas populações. Tarefa de futuro que impõe a definição de um esquema capaz de captar a imaginação das populações, dos empresários, das novas gerações. Que impõe, tambem a descoberta e construção das iniciativas concretas — de modernização, fomento económico, de progresso social, de expansão urbana, de dinamização cultural — capazes de dar vida própria á Região em escala suficiente para dispensar a maioria dos seus naturais de buscar no exterior condições de promoção. Para que a juventude, os trabalhadores, os quadros técnicos, sintam que aqui deve ser vivido o seu futuro. O trabalho da Comissão, a definição do Plano de Desenvolvimento Regional, é uma obra de esperança. De confiança na vocação das Beiras como região de progresso económico e social e na vocação de Coimbra como sua capital e como elemento autónomo de polarização dinamica.*»

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

REVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS — Em Portugal Continental, o ceu estava muito nublado no litoral para norte do Tejo e em algumas regiões do Centro e pouco nublado ou limpo nas restantes regiões; o vento era fraco. TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 H. — Coimbra, 20º; Faro, 24º; Funchal, 20º; Lisboa, 20º; Penhas Douradas, 13º; Portalegre, 6º; Porto 19º. TEMPERATURAS EXTREMAS — maxima, Evas 30º,5; minima, Penhas da Saude 8º

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Periodos de céu muito nublado nas regiões do Norte e Centro e possibilidade de chuva fraca ou chuvisco no litoral a norte do Tejo; céu pouco nublado ou limpo nas regiões do Sul; vento fraco ou moderado do quadrante Oeste; neblinas matinais.

Amanhã.
Nascer ás 6 e 28
Ocaso ás 20 e 57

Hoje Dia 30 Dia 6 Dia 13

MARÉS:

PREIA-MAR — **Hoje:** 4 e 23 (3,8 m); 6 e 4 (4, m). **Dia 23:** 4 e 58 (3,8 m); 7 e 20 (4,2 m.). **Dia 24:** 5 e 37 (3,8 m). 7 e 53 (4, m)

BAIXA-MAR — **Hoje:** 9 e 36 (1, m); 22 e 0 (0,9 m). **Dia 23:** 0 e 3 (1,0 m); 22 e 45 (0,9 m). **Dia 24:** 10 e 44 (1,0 m); 23 e 17 (1,0 m)

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

38 001.. 4 200 000$
26 443.. 420 000$
34 570.. 240 000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

38 000.. 12 870$
38 002.. 12 870$

PRÉMIOS DE 12 CONTOS

1345	4634	6347	6833	7309
7516	8768	9434	13761	13978
16048	16698	16923	16993	18023
18041	20778	22489	24796	25241
27618	29385	31805	32656	33162
35398	36448	42315	42740	43617
44964	45302			

PRÉMIOS DE 480$00 (centenas)

26401 a 26500 34501 a 34600
38002 a 38100

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três algarismos finais sejam 141 ou 381, são premiados com 1260$00, em cada bilhete; os terminados em 198, 395, 664 ou 730 são premiados com 960$00.

Por sua vez, os numeros cujos dois ultimos algarismos sejam 10, 48 ou 77, são premiados com 600$00. Por ultimo, todos os restantes numeros cujo algarismo final — terminação — seja 1 têm direito a 300$00 de prémio também em cada bilhete

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

De vez em quando

Mantendo uma tradição que vai já na dezena de anos (ou pouco menos), a Junta de Turismo da Costa do Sol promove, a partir de hoje, a sua Feira de Artesanato, no habitual recinto de Cascais. Supomos que, à semelhança dos anos anteriores, as entradas no referido recinto serão pagas e, sendo assim permitimo-nos uma sugestão: que a receita obtida seja totalmente empregue numa eficiente campanha em prol da despoluição das praias dos Estoris. Haverá quem diga: mas a receita, certamente, nem sequer chega para mandar limpar uma piscina. Ora, o certo é que por algum lado (ou por qualquer verba) se há-de começar, pois se não se começa virá perto o dia em que ninguém poderá tomar banho em qualquer das praias entre Algés e o Guincho.

V. D.

CONFIRMA-SE A EXISTÊNCIA DE CÓLERA EM ESPANHA

GENEBRA, 22 (F. P.) — Confirma-se a existência de cólera em Espanha. A notícia é oficial.

As análises do laboratório confirmaram que é mesmo de cólera que sofrem os doentes em observação na região de Saragoça.

OS «GRECOS» DE ESTREMOZ

A notícia caiu ontem nas redacções e agitou os meios artísticos e a curiosidade publica, sempre interessada nestas coisas de arte quando surge um nome célebre. Os dois quadros encontrados na igreja de Santa Maria do Castelo, bem perto do local onde morreu a Rainha Santa dizia a notícia precipitada da ANI. E até dava as pinturas como assinadas e invocava peritos que não citava.

A classificação de perito é sempre relativa. Depende da competência que se lhe reconheça...

O que há de inteiramente exacto é terem sido descobertos dois quadros antigos um representando a Asunção de Nossa Senhora, outro a sua Coroação. Estavam cobertos por uma tela grande Magnini, pintor italiano que viveu em Estremoz nos finais do século passado e não no século XVIII.

PORQUÊ GRECOS?

A atribuição das pinturas a El Greco não parece ter qualquer base, muito menos a da assinatura de que ninguém fala a não ser a informação primeva. Quanto aos peritos só perante a autoridade deles, só sabendo-se quem são, se pode saber o crédito que merecem.

Mas nada nas pinturas indica que sejam de Greco. É pena? Pois é. Mas é igualmente pena que não sejam de Rafael ou do Velasquez ou de outro maioral das artes.

QUEM SÃO OS «PERITOS»?

Nada se pode afirmar positivamente sem um exame consciencioso das pinturas. E esse exame não pode ser feito em Estremoz, no local onde se encontram. Há que os trazer para a oficina de restauro do Museu Nacional de Arte Antiga. Já em tempos houve um relatório dessa oficina de restauro sobre as pinturas da igreja de Santa Maria do Castelo. Mas nos dois quadros nem se falou então

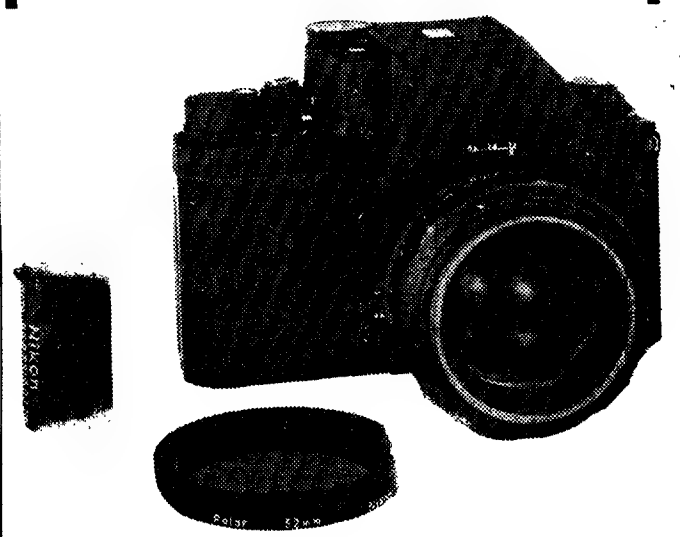
«Ora a verdade é que nós não sabemos nada do caso», disse-nos esta manhã o artista e mestre restaurador Manuel Guimarães Reys Santos.

Um exame técnico é indispensável para se verificar do valor das telas e sua origem provável.

Outro esclarecimento convinha também ser dado: quem foram os «peritos» chamados a pronunciar-se pela agência noticiosa e qual o crédito que merecem como peritos de arte.

Nikon no Laboratório Espacial

As camaras e objectivas NIKON vão desempenhar um importante papel nos estudos da camada de ozone a efectuar no laboratório orbital do espaço SKYLAB-NASA, cujo lançamento se prevê para 1972.



As camaras NIKON PHOTOMIC FTn equipadas com motor e magazines especiais para filme, serão equipadas com a objectiva NIKKOR AUTO 1:1,2/55 mm para trabalharem através das escotilhas do alojamento da tripulação.

Outras séries de fotografias serão tomadas através de um postigo especial que só permite a passagem da luz ultra-violeta e, para efectuar tal tarefa, os técnicos do espaço usarão a modernissima objectiva 1:2/55 UV desenhada recentemente. As fotos recolhidas servirão para determinar o grau de eficácia dos métodos empregados contra a poluição.

A NASA só poderia escolher um equipamento fotográfico da mais alta qualidade para este fim e por isso a marca NIKON foi a seleccionada.

E SÓ ISTO NA
CASA DA SORTE
DEPOIS DE 13 SEMANAS SEGUIDAS
DE
PRÉMIOS GRANDES
vendeu hoje aos seus balcões
MAIS UMA VEZ
TODOS OS PRÉMIOS GRANDES
SORTE GRANDE — 38.001
4200 CONTOS
2.º Prémio — 26.443 — 420 contos
3.º Prémio — 34.570 — 240 contos
Mais três bilhetes com a MARCA DA SORTE DA
CASA DA SORTE

HOJE, NAS PÁGINAS CENTRAIS, EDUARDA DIONÍSIO INICIA O NOSSO INQUÉRITO

A (NOVA) CRÍTICA EM QUESTÃO

SUPLEMENTO LITERÁRIO

671 ■ 22 DE JULHO ■ 1971

AS FILHAS DO SOLDADO CHUEH

Por José Vaz Pereira

Pouco ou nada conhecemos do cinema checoslovaco que é (ou foi) juntamente com o húngaro a escola mais em evidência na Europa Central. Lembramo-nos apenas de **Cerny Petr**, também de Milos Forman, que nos visitou por ocasião do III Festival Internacional de Cinema de Lisboa (a propósito, quando é que isso recomeça? devemos ser talvez o único país sem um certame desse género). E recordamo-nos igualmente que a obra de Forman desiludiu muito boa gente. Porque vinha do socialismo e, como certos remédios, era amarga. Não tinha amanhãs que cantavam. Tinha supermercados com gente triste e conflitos de gerações. Chato quando devia ser heróico. Quando o filme tinha afinal o inesperado, no meio duma sociedade em que reinava ainda um estalinismo anacrónico. O inesperado, aqui, era sensibilidade, respeito humano, ausência dos dogmas sonoros mas, lá como cá, vazios e inoperantes.

Sobre as democracias populares é uso dizer-se que elas construiram a «base industrial do socialismo». Mas essa base industrial» não decapita a humanidade das pessoas embora lhe provoque traumatismos que os burocratas da planificação nem sempre prevêem. Forman fez um filme sobre essa centelha que sobreviveu. Até porque tinha de continuar, arranjar, como numa obra de outro realizador checo, «coragem para cada dia». **Os amores de uma loura** é a história duma sonhadora numa linha de montagem de sapatos. A fábrica produz sapatos e emprega 2000 operários. Há problemas. Forman só tem tempo para nos contar um.

A maneira de Forman fazer cinema tem uma tal espontaneidade que quase automàticamente torna insinceros os filmes sinceros que conhecemos. «Talvez — explica o realizador — tenhamos atravessado uma época demasiado hipócrita para nos darmos agora ao luxo de filmarmos sem sinceridade». A renascença cinematográfica checoslovaca que floriu, nos meados dos anos 60, com criadores como Forman, Chytilová, Weiss, Kadár, Brynych, Schorm prefaciava a contestação do «socialismo que veio do frio» se bem que, posteriormente e por razões bem conhecidas, o processo fosse interrompido.

Praga 68 provocou o êxodo dos cineastas. Muitos deles, incluindo Forman, trabalham no estrangeiro. É possível que alguns não regressem. E não nos julgamos enganar, dizendo que Forman está nesse número.

Numa sociedade em que o realismo perdeu o fôlego, estratificado por regras dogmáticas, Forman dá-lhe novo alento. E a fórmula parece simples: basta humanizar, sem pieguice, uma visão realista das relações e das coisas. Basta, em vez de autómatos ou de heróis sorridentes que pensam, em cada segundo da sua vida, na construção do socialismo, utilizar o tremendo potencial comunicativo dos homens e das mulheres que fazem a vida de todos os dias, tão diferentes das personagens dos romances e filmes que se candidatam a prémios oficiais.

E o cinema de Forman aparece tão fluidamente humano que dir-se-ia que alguém se esqueceu duma câmara que entretanto ficou a filmar apanhando indivíduos, grupos e multidões com a naturalidade e a melancolia e a vivacidade da própria existência. **Os Amores duma loura** pode irritar, desiludir, fazer sorrir. É, no entanto, difícil duvidar da sua veracidade. Todas as sequências vêm impregnadas dum tal vigor que desmantela qualquer tese sobre o artificialismo. A preparação, que deve ter sido cuidadosíssima, não se vê, não se sente. O filme acontece como acontece a vida e nesta simbiose de realidade-cinema Forman parece aproximar-se, como notaram alguns comentadores, de Jean-Luc Godard. Embora se possam, igualmente, descobrir laços com o comovente Ermano Olmi, de **O Emprego**.

Forman: só existe um dia baço

Um ponto polémico é o humor de Forman. Não há dúvida que ele maneja, com bastante à vontade, a carga cómica que existe em muitas situações humanas. Sob este aspecto e eclipsando o que de melhor se terá feito na idade dourada de Hollywood, as sequências das atribulações dos três reservistas tímidos no baile popular, a persiana que insiste em perturbar o momento de intimidade de dois amantes e finalmente a discussão grotescamente absurda duma família na mesma cama podem considerar-se exemplares.

Mas repare-se que o humor (e essa sensação algo incómoda persistiu durante toda a visão do filme) funciona como uma arma de dois gumes. Por outras palavras, descobre, constantemente, a infinita amargura que existe para lá do riso. Não há dúvida que a comicidade dos três soldados toscos é também a tragédia de três homens sós, que a persiana recalcitrante sublinha a insegurança emocional dos jovens amantes e que a disputa, no leito, de Milda com os pais chama a atenção para o clima de Andula (a rapariga loura) que chora, ao lado, num quarto vazio.

Por tudo isso nos pareceu bem amargo o humor da obra de Milos Forman. Sob os rostos sonhadores ou banais das operáriazinhas, nas máscaras cansadas dos burocratas, no soldado de óculos que rasteja à procura da aliança, nos país que parecem ter renunciado à crepitação da vida diante do aparelho de TV sente-se a cólera e esse ruído surdo que antecede as grandes tormentas.

Forman que filma tão brilhantemente a superfície dá a entender que não tem bom ouvido para os rumores subterrâneos. «É — como reflectia outro cineasta checoslovaco — para nós, Kafka é a realidade». Apesar da grande autonomia que foi concedida aos institutos de cinema mesmo ainda durante o regime de Antonin Novótny, a lembrança de Kafka faz pensar duas vezes se a duplicidade não continua a ser a melhor defesa. Até porque um cineasta checo foi buscar um quinto cavaleiro do Apocalipse (os quatro são a Fome, a Peste, a Guerra e a Morte) para o título do seu filme. E «o quinto cavaleiro era o Medo».

«Os amores de uma loura»: o amor nem sempre aparece à luz do dia

Cont. na pág. 7

OS CRISTÃOS-NOVOS PORTUGUESES E A INQUISIÇÃO

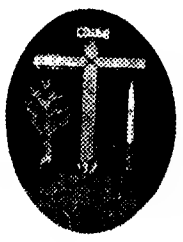
TRÉPLICA AO SR. ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA/POR I. S. RÉVAH

(Continuação)

O Sr. A. J. Saraiva teve pouca sorte. O primeiro ataque às suas teses simplistas e ridículas veio de um crítico muito atento à história das lutas sociais: José Alcambar (*O Estatismo e a Inquisição. Notas críticas ao livro «A Inquisição portuguesa» de António José Saraiva*, Régua, 1956). Este crítico mostrou que se podia aplicar o esquema da luta de classes ao problema em discussão, de maneira não simplista, sem se cair no ridículo de negar dogmàticamente a existência de uma etnia neocristã e de uma religião criptojudaica em Portugal, do século XVI aos nossos dias. José Alcambar afirma que a grande burguesia cristã-nova não foi ao contrário do que pretendia o Sr. Saraiva, a grande vítima da Inquisição. «É a pequena burguesia que mantém o ideal cristão-novo e fornece à Inquisição a sua matéria processual» (p. 11). Quanto a mim, toda a relação demasiado *estreita*, estabelecida entre classe social e fé religiosa, é uma afirmação dogmática e subjectivista, sem relação com a realidade histórica cristã-nova. Havia Cristãos-Novos na nobreza, na grande burguesia, na pequena burguesia e no povo. Houve criptojudeus (e, depois da expatriação, judeus) e católicos em todas estas classes cristã-novas; mas é verdade que foram raros os Judaizantes entre os Cristãos-Novos pertencentes à nobreza peninsular. Reconheço no entanto (já o reconheci em 1958 e em 1960) que J. Alcambar foi o primeiro a reduzir a pó as afirmações ridículas do Sr. A. J. Saraiva, utilizando para isso o trabalho de S. Schwarz, e lembrando muito oportunamente os exemplos dos Cristãos-Novos portugueses que fundaram *nos fins do século XVI* a comunidade judaica de Amsterdam, e lutaram *nos séculos XVII e XVIII* para obter, o que dificilmente conseguiram, e contra a Igreja, o reconhecimento oficial das comunidades judaicas estabelecidas no Sul da França.

O quimérico ente chamado David sentenciou na última parte do Diálogo: «A crítica de José de (*sic*) Alcambar ao primeiro livro de Saraiva é infinitamete mais penetrante do que tudo quanto Révah escreveu, a ele tem talvez razão no que respeita a uma época já tardia da história da Inquisição». Magnífico exemplo da táctica de desorientação do leitor, constantemente utilizada no Diálogo! Mas, oh, céus! Se J. Alcambar tem razão pela parte que toca a uma época já tardia da história da Inquisição, mais razão tem ainda, por força, no que respeita às épocas precedentes. Logo não podem as teses do Sr. Saraiva deixar de ser classificadas de ridículas.

Se existe a possibilidade de J. Alcambar ter razão quanto a uma época já tardia da história da Inquisição, como é que o mesmo fantasma, queremos dizer o Sr. David, teve a ousadia de sustentar na primeira parte do Diálogo que «o simples uso do senso comum mostra que já na época das reformas de Pombal o Judaísmo estava completamente extinto e o Marranismo representava uma sobrevivência fóssil, *sem significado religioso* (o sublinhado é nosso)? Depois da leitura do opúsculo de J. Alcambar só a má-fé permite escrever: «Indicámos as razões pelas quais nos parece que o Judaísmo deixou de ser praticado em Portugal, a não ser excepcionalmente, em famílias muito tradicionais, e que não se misturaram com os Cristãos velhos. *Estas últimas devem ter constituído uma boa parte das primeiras vagas de emigração*, e puderam judaizar além-fronteiras. Elas foram os primeiros núcleos de Judeus portugueses na Turquia, em Marrocos, *na Itália, na França, nos Países-Baixos*» (*Inquisição e Cristãos-Novos*, pp. 217-218; o sublinhado é nosso). A má-fé consiste em atribuir às «primeiras vagas de emigração» cristã-nova e fundação das comunidades judeo-portuguesas de Hamburgo, Amsterdam e Livorno (que foram organizadas um século depois da conversão forçada de 1497), de Londres (que começou a organizar-se um século e meio depois da conversão), do Sul da França (que foram reconhe-



cidas oficialmente mais de dois séculos depois da conversão)... Todas estas comunidades foram fortificadas até o fim do século XVIII (três séculos depois da conversão) pela chegada incessante de Cristãos-Novos vindos de Portugal ou da Espanha.

Em 1958 M. Viegas Guerreiro publicou o vol. IV da *Etnografia portuguesa* do grande José Leite de Vasconcelos, volume que elaborou na base dos materiais do autor, mas ampliados com nova informação. Logo no início do capítulo «Cristãos-Novos do nosso tempo em Trás-os-Montes e na Beira; suas práticas judaicas» discorda das «ideias» do Sr. Saraiva. Cito: «Quando este [*isto é*, o Santo Ofício] instalou em todo o País a sua máquina repressiva, havia mais de três dezenas de anos que os pseudoconversos observaram ocultamente os preceitos da sua fé, e se tinha organizado e criado raízes esse culto clandestino. Convém não esquecer, evidentemente, que muitos foram os que se identificaram com todas as formas do viver cristão, mas *errado é afirmar-se que a assimilação foi quase total, que ficou sem sentido o proclamado zelo religioso da Inquisição portuguesa, que este foi puro pretexto para o aniquilamento de uma burguesia luso-judaica endinheirada*» (pp. 162-163; o sublinhado é nosso). Depois de resumir as páginas do opúsculo de A. J. Saraiva sobre o processo inquisitorial e os autos-de-fé, M. Viegas Guerreiro escreve: «Apesar disso e da legião dos condenados, que ano e ano desfilava ante seus olhos, amigos e parentes, irmãos, filhos e pais, muitos eram os Cristãos-Novos que se mantinham fiéis à sua crença. Nem a pregação, que se fazia mais para alívio da consciência ou por mera formalidade, do que por sincera convicção no êxito do processo, nem os mais horríveis tormentos tiveram força bastante para arrancar no coração dos pseudoconversos o seu amor ao ideal judaico. *Judaizaram sempre, como provam copiosamente os processos que se lhes moveram.* O terror sob que viviam foi tal e tão prolongado, que ainda depois de abolida a Inquisição as suas práticas religiosas se realizavam em sigilo: pouco depois e pelo tempo adiante até os nossos dias, e, o que mais é para admirar, em plena febre do triunfo republicano» (pp. 163-164).

Todo o capítulo referido (pp. 162-235) é um excelente estudo *científico* do criptojudaismo português no século XX. Já citei, na entrevista Silva-Révah, o juízo categórico de José Leite de Vasconcelos, depois de uma visita à sinagoga de Bragança em 1932: «Visitei a sinagoga ou esnoga e fiquei com boa impressão da excelente ordem com que se executou o serviço religioso, e *é notável sob o aspecto histórico. Admiro-me de como se pôde manter por tantos séculos, quase sempre agitados, este grupo étnico firme e sem indício de secar*». Esta afirmação do maior conhecedor das realidades étnicas portuguesas põe em relevo o carácter ridículo das «ideias» do Sr. Saraiva. No entanto o descarado Sr. David entende que a citação do texto de José Leite de Vasconcelos é, da minha parte, «uma astúcia de estilo», e produz um argumento decisivo: «O mesmo Leite de Vasconcelos regista que *desde cerca de 1910 o número de Israelitas tem vindo sucessivamente a diminuir* em Portugal (*Etnografia*, IV, p. 237)». Para provar a grosseira má-fé do Sr. David basta dizer que a frase parcialmente citada se encontra no capítulo intitulado «Nova emigração judaica em Portugal, dos meados do século XVIII em diante»; *não tem nada que ver com a história dos Cristãos-Novos portugueses; não se refere a Portugal inteiro* (como pretende o fantasma falsificador), *mas ao número de Israelitas... de Faro*, número que diminuiu devido à «emigração de grandes famílias para outros centros, principalmente *Lisboa* e Gibraltar» (p. 238).

A HISTORIOGRAFIA SIMPLISTA DO SR. A. J. SARAIVA E A CRÍTICA (1969-71)

David, ente da razão, ou da sem-razão, afirma que, no livro de 1969, «Saraiva teve o cuidado de evitar o esquematismo do primeiro livro, onde a Burguesia e a Classe-dirigente podiam aparecer como blocos homogéneos e rígidos». Depois de inventar inexistentes diferenças dogmáticas entre os dois livros, o sr. David conclui: «Não parece que isto seja uma aplicação simplista da teoria da luta de classes; e embora Saraiva esteja hoje convencido de que se tem abusado dessa teoria (porque uma grande parte da realidade histórica não cabe dentro dela), o esquema proposto em 1955, e desenvolvido em 1969, ainda lhe parece a melhor chave para explicar o aparecimento e a história da Inquisição portuguesa». Não sei se muitos leitores do *Diário de Lisboa* ficaram convencidos com este admirável raciocínio: uma teoria, em que não cabe uma grande parte da realidade histórica, é ainda a melhor chave para explicar o aparecimento e a história da Inquisição portuguesa! Sei, em contrapartida, que o *simplismo* do esquema «desenvolvido em 1969» foi revelado por vários críticos, alguns dos quais, por limites de sua competência, se deixaram enganosamente seduzir por outros aspectos do libelo demagógico do sr. Saraiva.

No n.º 310 de *Vértice* (Julho de 1969) o sr. Jofre Amaral Nogueira examina o «complexo de ideias novas» que contém «Inquisição e Cristãos-Novos» e declara: «O modo como vêm expressas é directo e claro, mercê de um ordenamento perfeito dos assuntos e da utilização do aparelho documental de uma forma convincente e natural, sem o aspecto de pesada erudição» (p. 489). A descrição demagógica do funcionamento da Inquisição, feita pelo sr. Saraiva convenceu o sr. Jofre Amaral Nogueira: «Não podem ficar dúvidas, após esse exame, do modo como eram tornados artificialmente cristãos-novos muitos que o não eram de facto» (p. 491). No entanto, depois desta adesão, o sr. J. Amaral Nogueira destrói completambente o resto do libelo do sr. Saraiva, no qual vê a aplicação simplista de um esquema teórico: «Temos para nós que António José Saraiva adoptou *posições muito extremes e simplificadoras da realidade*, ao querer dar uma forma mais nítida e breve ás suas teses» (p. 493; o itálico é nosso). «O que há de verdade nas imagens desses tempos, traçadas pelo autor, é indiscutível. Mas, ao que supomos, *houve exagerado simplismo em muitos casos*» (p. 494; o itálico é nosso). Sem conhecer a imensa documentação inquisitorial, em que poderia fartamente fundamentar os seus juízos, o sr. J. Amaral Nogueira não aceita as principais teses saraivianas: «a identificação excessivamente plena... do alto capitalismo com os Cristãos-Novos» (pp. 495-496); o pretenso «desaparecimento dos Cristãos-Novos, como tais, em resultado da reforma pombalina da Inquisição» (p. 496). O crítico lembra oportunamente que: «uma teoria da história, que apenas se fundamenta no desenvolvimento do fenómeno económico, ou mesmo socioeconómico, realiza uma visão parcelar dos factos» (p. 498). A conclusão de toda a crítica podia ser esta: «Por mais que se queira, não se consegue «encaixar» a Inquisição na tensão de forças económicas em cuja dependência o autor do livro a colocou» (p. 499).

(Continua)

JOSÉ GOMES FERREIRA

acaba de sair:

O IRREAL QUOTIDIANO (histórias e invenções)

304 pp. — 55$00
Edição Especial de 200 Exemplares, numerada e assinada pelo Autor 150$00

Uma publicação da PORTUGÁLIA EDITORA

JOÃO PERRY:
SER ACTOR EM PORTUGAL

2 — BACALHAU COM TODOS

Entrevista conduzida por Carlos Porto

João Perry: «Prefiro o teatro de celebração»

C. P. — *Lembras-te que tínhamos ficado nas pateadas... Mas parece que as pateadas acabaram.*

J. P. — Talvez tenham acabado. Eu acho que as pateadas também já não resultam. Agora é preciso desaparafusar cadeiras, levar uma lâmina e abrir os estofos. Durante três dias aquela cadeira não está lá. É a única forma.

C. P. — *Pelo que tens dito, concluo que preferes o teatro ritual, de cerimónia, ao teatro dialéctico.*

J. P. — Prefiro, de facto, o teatro de celebração. Não cerimonial porque me faz lembrar um pouco a linha grotowskiana; não esse tipo de teatro de que eu aliás gosto; mas tenho a impressão que sendo um teatro para um número tão reduzido não será o ideal para nós, por enquanto. E quando for o ideal, felizmente já não existirá, já estará ultrapassado. O que há de bom na nossa época é que nada se pode agarrar e o teatro é uma óptima condição para isso. Quando o contradizem é quando se torna ainda mais nojento e mais viciado. Do teatro não fica nada. É a verdadeira arte revolucionária. Dele só ficam fotografias. Não se fixam estilos. Quem é que sabe como representavam os actores da Grécia? Há notícias de que se dá conta mas na tradição oral a interpretação de cada um varia muito. Eu posso dizer como representava o Raul de Carvalho mas isso pode não corresponder nada ao facto de como ele representava.

C. P. — *Mas agora ficam documentos filmados.*

J. P. — Sim, mas isso é horrível. Servem para um arquivista que tem uma mentalidade borolenta. Essas pessoas são ratos, são pessoas perfeitamente doentes; querem guardar tudo, guardar o passado, guardar fichas, ver como é que se fazia. Há sempre o perigo de viciar, há sempre o perigo de um rato de sacristia que vai querer logo fazer uma recuperação daquele estilo. Enquanto está a tentar recuperar não se avança nada.

C. P. — *Pode-se estudar sem tentar recuperar, só para saber como foi.*

J. P. — Pois. Mas isso nunca acontece porque há sempre a tendência para copiar. Fazer igual, vestir o fato que a sr.ª D. Tal usou ou pôr o figurino que um amigo pôs. O respeito, a veneração, o regresso ao figurino velho, recomeçam.

C. P. — *Desde que haja criadores autênticos esse problema não se põe.*

J. P. — Mas esses criadores têm que surgir. Enquanto houver copiógrafos esses criadores ficam paralisados.

C. P. — *Isso depende da situação político-social.*

J. P. — Já reparaste que as reproduções dos quadros atrasam... um tipo que tem uma reprodução em casa está a atrasar a evolução da pintura, está a preencher com um estímulo o que não pode comprar, uma coisa que não pode ter. Quando esse indivíduo puder comprar, compra um contemporâneo e se for doente transforma-se num coleccionador e nessa altura tem de ser destruído também para que tudo avance. E isso é que é fascinante.

C. P. — *Quer dizer: o teatro é importante na medida em que é destrutível.*

J. P. — Por ser uma arte que está sempre a renovar-se.

C. P. — *Que acabe.*

J. P. — Nunca acaba. Sobretudo o teatro é uma verificação criadora formidável que pode reunir tudo. Pode ser o ritual comum de todas as (chamadas) artes.

C. P. — *Mas em Portugal as formas de teatro mantêm-se imutáveis.*

J. P. — Em Portgual, há tanta coisa que se mantém imutável...

C. P. — *Ligas, pois, o teatro ao contexto social e político.*

J. P. — É uma verificação (trágica)? Não o é porque em certos sistemas estamos tão viciados que não vai ser difícil dar-se uma mudança. Quando for possível o teatro fazer uma celebração ao nível da rua; por exemplo, no Rossio começar uma acção teatral que se desloque de um lado para outro. Eu tinha estudado um espectáculo para fazer agora, que não tem muito a ver com as minhas determinações, mas por dentro dos condicionalismos, da proposta feita e da minha inépcia, tentaria fazer uma coisa dentro da escala ao meu alcance. O que eu desejo, é a forma utópica que não é acompanhada pelo meu conhecimento. Possivelmente não conseguirei fazer aquilo que quero; quando passar á execução farei uma coisa mais para cá, mais atrasada porque será aquilo a que poderei de facto lançar-me. Porque o meu conhecimento não vai até tão longe. Vou tentar adquirir coisas, conhecimentos, trocar ideias, entrar em diálogo.

C. P. — *Estás a referir-te à tua ida aos Estados Unidos.*

J. P. — Pois, a minha ida aos Estados Unidos. Estamos sempre a adquirir coisas novas; os condutores da pesquisa estão sempre a dizer que não sabem nada. Realmente isso já é uma coisa tão salutar. Não se saber nada é um movimento tão alegre. Fazer-se infantilmente uma acção. Saber que não se sabe porque já se sabe muito. Quando se começa a saber muito tem-se a noção de que se sabe pouco. É uma contradição muito orientalista e autêntica.

C. P. — *Imaginemos o teu regresso dos Estados Unidos. Tudo correu bem, vens satisfeito com o que aprendeste — e depois? Entras outra vez na rotina?*

P. J. — Suponhamos que chego cá e tenho quatro ou cinco pessoas interessadas em fazer um espectáculo comigo, que eu posso subsistir monetàriamente, pagar a minha renda de casa porque eu não tenho ninguém que ma pague. Eu vivo à minha custa desde os meus 18 anos. É um facto: não tenho fortuna pessoal por isso tenho que aguentar o dia-a-dia. Isso para mim não é nada trágico. Só é trágico por me obrigar a submeter-me a certas coisas para obter esse dia-a-dia que devia poder alcançar de outra maneira. Mas enfim... há uma série de coisas que eu aceito, portanto tenho de aceitar sofrer as consequências dessas deficiências. Vou tentar, pois fazer um trabalho vou tentar, mas é tudo muito relativo. Não sei se logo a seguir irei para o Peter Brook... Fui convidado mas não sei ainda datas.

C. P. — *Não devias ter já ido?*

J. P. — Não. Só no final da temporada. Ficaram de me dar uma resposta até

meados da Primavera. Possìvelmente, dar-ma-ão mais tarde. O que vou fazer não sei. O que eu me proponho fazer não é uma acção pessoal. Não vou fazer esta aprendizagem para mim. Como actor, tenho escalas ainda a atingir, claro, mas o degrau que atingi no género que atingi já me chega. Não me interessa, dentro do teatro tradicional subir mais, fundamentar carreira, cimentar situações, ganhar mais dez, ou três, ou quatro contos. Interessa-me muito relativamente porque sei que isso é um engano da máquina. A máquina dá imensas coisas e dentro de 5 anos estou dentro dela e nessa altura nada me fará sair porque estarei contaminado. Quando voltar, e se conseguir trabalhar, fazer alguma coisa, se for possível. Eu gostava mais de ensinar, ter um grupo de pessoas para com elas trabalhar em pesquisas. A Fundação tal... ou estas pessoas propõem-se trabalhar dez horas por dia em pesquisa. Juntávamo-nos, trabalhávamos uns com os outros, eu com as coisas que conheço, eles com o material que têm inconsciente, ou consciente, e que querem efectivar. Experimentar mas nada de dizer: vamos fazer um espectáculo daqui a trinta dias. Não me interessa isso, não me interessa a fabricação de espectáculos. interessa-me um trabalho de conjunto, um trabalho em diálogo, de umas pessoas para outras, ganhamos confiança e criamos amor pela acção do teatro, pela acção do cerimonial em si; reunir uma comuna de pessoas que não se queiram alienar a esta máquina que devora toda a gente. Mais cedo ou mais tarde, escultores, pintores, músicos, bailarinos, cantores, faremos uma comuna de animação dos outros, de animação das cidades de celebração, não sei, estamos integrados na Cidade para dar alegria, para estimular... seremos tão importantes como a água e a electricidade.

C. P. — *Para ensinar a Cidade a assumir essa alegria?*

J. P. — Estimular-lhes a alegria de viver. Não podemos estar a pensar em lugares onde Exposições de galerias onde se dá tantos contos por um quadro. Os câmbios loucos de pintura que há neste país em que se vende mais caro do que em qualquer outro sítio, atingem somas exorbitantes que não têm relatividade nenhuma com os do estrangeiro. Todas essas viciações, mais cinco anos e tornam-se arcaicas, devoram-se a si próprias. A páginas tantas entraram na máquina, são piranhas a comerem-se uns aos outros. É necessário que quando nos encontramos metidos nessa máquina sair dela e se houver ainda forças denunciar-lhe o jogo, destruí-la. Viver ao seu lado é perigoso quando se não lhe pertence.

É muito irritante. No «Easy Rider» eles matam aqueles dois tipos porque eles significam a liberdade e a liberdade é tão agressiva como uma estalada para pessoas que vivem a rotina do dia-a-dia, a opressão diária, a não-possibilidade de dar um berro, de sair pela porta fora. A liberdade dos outros é um insulto.

C. P. — *Não sei se já falámos nisto: as tuas relações com os encenadores como é que se procesam? Tu obedeces, discutes?*

J. P. — Depende muito porque há vários tipos de encenadores. Há encenadores que... isto é muito chato de dizer... Eu vou já dizer de que é que me vão acusar para as pessoas que lerem a entrevista ficarem a saber e terem a noção do ridículo dessas acusações. Vão acusar-me de que estou a profanar a profissão, de que estou a dar à informação conhecimentos que deveriam ficar dentro da própria classe. Porque o sentido que o actor profissional de teatro deste país tem é de clã. O clã não diz mal do clã; o clã não diz mal de si próprio perante outras pessoas que não façam parte do mesmo, não denuncia o que se passa dentro dele. Acontece que essa não-denúncia é uma atitude muito hábil dada pelos directores do clã para cada vez enfraquecerem mais os componentes e lhes facilitar a direcção.

C. P. — *Mas dentro do clã destroem-se uns aos outros.*

J. P. — Claro que se destroem, mas destroem-se de pais para filhos. São como uma família burguesa que anda à chapada em casa mas no restaurante portam-se todos muito bem. É uma atitude que pretende ter o chefe da família; isto é, enfraquecer os seus próprios elementos através de uma vida em comum pretensamente saudável. É a mentira. O que eles querem é que as pessoas vivam todas muito bem para que o público depois ouvindo um separadamente pense que aquele é que é o doido porque os outros dão-se todos muito bem, aquele é que o chalado, a ovelha negra, porque os outros são todos formidáveis, são uns senhores e senhoras e pessoas muito respeitáveis, quando só não se espetam facas porque iriam parar aos bancos da Judiciária e tinham que se justificar e porque também não são tão corajosos como isso.

C. P. — *Isto vinha a propósito das tuas relações com os encenadores.*

J. P. — Ah! pois, as minhas relações com os encenadores são muito dispares, naturalmente. Porque normalmente peço, exijo muitas condições. Por exemplo: silêncio total durante os ensaios e espectáculos; tempo para me concentrar no que estou a fazer. Coisas que parecem profundamente ridículas aos encenadores, a alguns encenadores claro. Desnecessárias porque — dizem eles — isso nunca se fez. Ora o Stanislavski nasceu... em... não me lembro. Eles invocam o Zacconi, os Rosas, o Brazão, o Chaby. O Zacconi, podia representar e dizer graças para fora de cena, ou o Rosas isto... Mas eu não sou eles. Não

Cont. na pág. 7

acaba de sair
sem flores nem coroas
de Orlando da Costa
Peça em três actos com um estudo cenográfico de João Abel Manta em extra-texto
2 da colecção
6
Anfiteatro
uma edição Seara Nova

INQUÉRITO

A (NOVA) CRÍTICA EM QUESTÃO

PORQUÊ um inquérito à Crítica?, à possibilidade ou a uma possível Nova Crítica?

A questão levantou-se em França, há já alguns anos, e demarcou-se através de uma violenta polémica iniciada por Roland Barthes e Raymond Picard. Não cremos que hoje, quase dez anos depois, muitas das questões então propostas se possam considerar definitivamente encerradas. Seria aliás absurdo que o estivessem. Aquilo a que polèmicamente se usa designar por Nova Crítica não ultrapassou ainda uma fase meramente experimental — construção de uma linguagem que, falando de uma outra linguagem, lhe desse voz sem a ela se sobrepor; elaboração de um método de leitura que, informado pelas mais diversas disciplinas das ciências humanas, encarasse o texto na sua especificidade e nele procurasse mostrar a arquitectura de símbolos que tornam possível a sua significação; determinação, enfim, do sistema de relações que o texto não deixa de estabelecer com a ideologia que o provoca e internamente o articula.

Em Portugal, como nos diz Eduarda Dionísio, com quem hoje iniciamos a série de depoimentos, é ainda difícil falar da existência de uma **Nova Crítica** nos mesmos termos em que a questão há alguns anos se pôs em França. O facto de alguns o terem tentado fazer, esquecendo muitas vezes os limites e a específica orientação com que uma actividade crítica aqui terá de exercer-se, muito contribuiu para a distorção ou para o desvio que vieram a sofrer algumas das questões fundamentais que a essa **Nova Crítica** dizem respeito.

Espectacularmente, porém, algumas polémicas aqui eclodiram e nas quais principalmente se falava de crítica (impressionista, universitária, científica, estruturalista, nova, tradicional, etc., etc.). O observador atento, medianamente sereno, perguntaria decerto o que é que estávamos a discutir — tão difícil se tornava na verdade definir concreta e correctamente qualquer daquelas designações.

Decerto no que se discutia a crítica era quase sempre apenas um pretexto. A verdadeira questão, essa bem mais séria, centrava-se para o observador no seio da ideologia ou até, quantas vezes, em meras desinteligências pessoais. Certo porém é que, com questões bem ou mal colocadas, a polémica se espalhou através das páginas literárias, das revistas, dos jornais, muito pouco através do livro. Na confusão que daí resultou necessário portanto se tornava abrir a claridade possível e colocar os problemas nas dimensões que lhes são devidas.

Deste modo, evitando a esterilidade e a violência sem sentindo de algumas dessas polémicas, pareceu-nos que a realização de um inquérito — tão vasto quanto possível — seria a melhor forma de possibilitar a reflexão serena e rigorosa que os acontecimentos estavam exigindo de nós.

Há alguma gente que faz crítica, hoje. Alguns fazem-na como sempre a fizeram; outros procuram fazê-la de um modo diferente. Entre uns e outros as diferenças marcam decerto formas diversas de encarar a finalidade da crítica e o objecto sobre que incidem as suas formas de conhecimento. São essas diferenças que nos interessam, porque é através delas que se desenhará o lugar da viragem que neste momento nos importa.

Em separado, fazemos publicar as 8 questões sobre que incide o nosso inquérito e bem assim a relação dos nomes convidados a depor. Porque no suplemento «Literatura & Arte» do jornal «A Capital» foi anunciado a 23 do mês passado um inquérito de certo modo semelhante ao que hoje iniciamos (embora se aludisse a opção da «qualidade» relativamente à «quantidade»), cumpre-nos informar que enviámos o questionário aos nossos convidados nos primeiros dias de Junho, não anunciando desde logo a iniciativa para melhor a podermos estruturar. Como é natural, eximimo-nos de extrair pùblicamente quaisquer ilações sobre a possível coincidência.

AS RESPOSTAS DE EDUARDA DIONÍSIO

EDUARDA DIONÍSIO, com quem hoje iniciamos a série de respostas, exerceu crítica durante algum tempo na revista «Seara Nova», foi um dos organizadores do volume colectivo **Situação da Arte** (Pub. Europa América, 1968) e é colaboradora do «Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária», onde publicou, no primeiro fascículo, um interessante trabalho sobre os romances de Augusto Abelaira. É professora no Liceu Camões e fez parte do Grupo de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa dirigido por Luís Miguel Cintra.

As suas respostas poderão a alguns parecer algo negativas, talvez até um pouco pessimistas. Para nós, no entanto, dentro da sua fria serenidade, as respostas de Eduarda Dionísio apareceram-nos com aquela lucidez que faz doer — precisamente porque desmontam a artificialidade de uma situação que nos arriscávamos a viver como **real.** São por isso particularmente importantes os seus comentários sobre a possibilidade aqui de uma crítica nova e sobre a orientação a dar a uma actividade que, dita crítica, é normalmente exercida apenas através de órgãos de informação.

AS PERGUNTAS QUE FIZEMOS

1. — Considera que existe uma Nova Crítica Literária em Portugal?
2. — Quanto a si, o que a distingue dos métodos e processos anteriores?
3. — Crê que se poderá estabelecer (ao menos ao nível simbólico) um ponto de ruptura?
4. — Mais do que um conflito entre gerações, acredita que a polémica verificada entre uma «velha» e uma «nova» crítica, traduz na verdade diferentes modos de encarar o objecto de arte e suas relações com o espaço em que necessàriamente se inscreve?
5. — A possibilidade de uma crítica nova está hoje ligada à utilização que ela possa fazer de algumas das disciplinas científicas em que procura apoiar-se. Quanto a si, o que de radicalmente novo lhe trouxeram algumas dessas disciplinas?
6. — O que é criticar? Tem a crítica uma função imediata?
7. — Acredita ser através da crítica que verdadeiramente se completa o processo de produção iniciado pela escrita?
8. — Fale-nos de como pessoalmente encara a prática da crítica e do que através dela procura atingir.

1.

UMA PRIMEIRA dificuldade na resposta: «nova crítica» hoje remetemo-nos para França — um país em que desde a escola se pratica, com muita frequência e métodos precisos, um exercício chamado «explication de texte» (uma espécie de comentário de texto) — e, em França, remete-nos para uma crítica profissional para-científica, nomes consagrados, livros «difíceis», revistas muito dá «especialidade», seminários, «altos estudos», também para polémicas a nível «universitário» e — o que é importante — associa-se necessàriamente a expressões como «nouveau roman» ou «nouveau théâtre»; «crítica literária em Portugal» — com razão ou sem ela — põe-nos a falar de páginas literárias de jornais diários ou de secções de revistas de cultura onde existem rubricas mais ou menos constantes (pouco constantes) raramente manuidas por profissionais. Parece, pois, impossível conciliar os termos «nova crítica» e «crítica literária em Portugal» e responder se sim ou não, existe uma «nova crítica literária em Portugal»: estamos a falar de duas realidades longínquas e separadas por um abismo. Querer que exista uma «nova crítica» em Portugal é querer o impossível.

Mas talvez com a pergunta se pretenda chegar a outro lado: saber se há actualmente em Portugal uma nova maneira de criticar literatura, ou seja, se a par da crítica dita «tradicional» há as obras duma maneira diferente. Acho então que sim. Mas não se pode dizer criticar *duma* maneira diferente, sim de maneiras diferentes.

Infelizmente, muitas vezes, apenas isto alerta o leitor para essas maneiras diferentes: a utilização dum vocabulário pretensioso e mais ou menos desconhecido; a citação de certos autores que começam por ser exóticos e acabam numa curiosa vulgarização.

2.

PRECISAMENTE por isso — porque a nova crítica não é um bloco (fala-se até numa chamada «nova nova crítica») — e a crítica tradicional também não é difícil (como foi difícil responder à pergunta anterior e será às outras) enumerar o que as distingue. Podem lembrar-se os temas, mais repetidos: tentativa de não julgar, nem descrever, nem explicar, mas de interpretar; tentativa de chegar um *sentido* do texto através duma *leitura* desse mesmo texto; tentativa de empregar métodos científicos, através da utilização de conhecimentos provenientes das mais diversas ciências humanas, banindo por um lado o chamado «impressionismo» e por outro a chamada «crítica universitária». Mas acontece isto: o que acabei de escrever não será defendido em conjunto e da mesma maneira conforme se pensar por exemplo em Barthes, Todorov ou Doubrovsky e pelo menos as palavras «científico» «interpretar» e «leitura» levantariam dentro da própria «nova crítica» a mais acesa polémica.

É que, tal como a crítica

A QUEM ENVIÁMOS AS PERGUNTAS

Adolfo Casais Monteiro
Afonso Cautela
Alexandre Pinheiro Torres
Álvaro Salema
António Quadros
António Ramos Rosa
Armando Ventura Ferreira
Arnaldo Pereira
Arnaldo Saraiva
David Mourão Ferreira
Eduarda Dionísio
Eduardo Prado Coelho
Eduardo Lourenço
Ernesto Melo e Castro
Fernando Guimarães
Fernando Luso Soares
Fernando Moreira Ferreira
Gastão Cruz
J. A. Osório Mateus
João Gaspar Simões
João Palma-Ferreira
João Rui de Sousa
Jorge de Sena
José Bento
José Palla e Carmo
Jacinto Prado Coelho
Júlio Conrado
Joffre Amaral Nogueira
Liberto Cruz
Luís Miranda Rocha
Luiz Pacheco
M. S. Lourenço
Manuel Alberto Valente
Manuel Gusmão
Manuel Poppe
Maria Aliete Galhoz
Maria Alzira Barahona
Maria de Lourdes Belchior
Mário Dionísio
Nuno Júdice
Oscar Lopes
Ruy Belo
Serafim Ferreira
Taborda de Vasconcelos
Urbano Tavares Rodrigues
Vergílio Ferreira
Vitorino Nemésio

gente (nova) que critique tradicional, a «nova crítica» não existe; ou, se existe, existe nas próprias contradições e negações. É que, justamente porque se trata de «leitura», o «sujeito» (crítico) terá uma importância fundamental na «descoberta» da obra e na «aplicação» do método «científico»; é que, porque não se trata de descrever a obra mas de a «recobrir» a crítica passará a ser uma obra tão «literária» como a obra criticada; é que, porque se vão utilizar métodos e conhecimentos de várias ciências, o texto pode muito bem desaparecer como texto e apenas surgir dele outro.

Mas tenho que interromper e forçosamente perguntar: a que «nova crítica» me estou eu a referir? A «nova crítica» de que se fala (e que se discute) ou á «nova crítica» que se «pratica»? A «nova crítica feita e sobre a qual se reflecte em França ou às nossas «novas críticas» portuguesas? Provàvelmente a nenhuma.

A «nova crítica» é uma realidade incómoda: um modo serve para a sua explicação — o condicional. Assim:

— a «nova crítica» falaria do texto sem o descrever, nem julgar, mas dando-lhe um *sentido;*

— a «nova crítica» falaria do texto numa linguagem que não se distinguiria muito da do próprio texto, com a consciência de que ela própria está a ser um texto;

— a «nova crítica» falaria do texto criticado por processos e com conhecimentos derivados de ciências humanas, *tentando* que o novo texto fosse uma descoberta científica, mas que teria isto de especial: necessàriamente subjectiva.

E reparo: foi impossível falar de métodos e processos, sem falar de finalidades e objectos.

3.

QUANDO se pensa em crítica «tradicional» — e através disto completa-se o resposta anterior — há várias imagens (não coexistentes) que invariàvelmente surgem: o emprego de adjectivos valorativos (encomiásticos ou depreciativos); a obrigatoriedade de resumir a intriga da obra, o julgamento das personagens e dos seus sentimentos muitas vezes como se de pessoas se tratasse; as referências biográficas ao autor como explicação da obra; o historicismo e o enquadramento social dos autores e das obras. Em suma: um afastamento do próprio texto e sobretudo da «literatura», do «objecto de arte».

Mas não só esta ideia é incompleta e inexacta (será quase exacta se pensarmos no nosso país e nas nossas páginas literárias), como muitas vezes a «nova crítica» não anda muito longe (se bem que através de outra linguagem) destas atitudes: a «explicação de texto» francesa, clássica, tradicional, nas escolas, nos liceus, tem, segundo Pierre Clarac, não a função de explicar o que é de difícil compreensão, mas de revelar as intenções do autor; e acontece que na «nova crítica» a par dum desejo de restrição do objecto da crítica (o texto e os textos, e não a pessoa do autor, a

Cont. na pág. seguinte

NOVIDADE

URSS

APONTAMENTOS E REFLEXÕES DE VIAGEM

Henrique de Barros

Esc.: 35$00

*

LIVROS HORIZONTE, LDA.

Rua das Chagas, 17-1.º-Dto.

Telef. 36 60 17 — LISBOA-2

Prontuário das Letras

Crónica quase em férias

O Prontuário das Letras, que semana a semana faz o que pode para manter os seus leitores (muitos? poucos? enfim, alguns) informados sobre o que se passa, vai de férias. Está mesmo quase na praia, onde descansará parcialmente destas lides de caneta. Entretanto promete não faltar, embora a informação, essa sim, tenha que ser um pouco de ouvido e menos actualizada do que é hábito. Vários livros vão escapar — nada a fazer... Que o leitor, condescendente, desculpe esta máquina de notícias: o Prontuário precisa de retomar fôlego à beira da água.

Ah, mas não se pense que a época vai morta. Dos lados de Bertrand chegou um novo livro de Augusto de Castro, académico de duas Academias — das Ciências de Lisboa e Brasileira de Letras. Título «O mundo não começa amanhã». Feixe de crónicas, constitui a sua 34.ª obra. No suplemento Artes e Letras do «Diário de Notícias» lia-se a semana passada, pela pena de Natércia Freire, que Augusto de Castro é um *mestre da crónica e um mestre da língua.*

A par de outros elogios, Natércia Freire alinha estes, que são raros no comezinho panorama crítico dos suplementos literários: «Para lá da grande arte da sua prosa, das grandes audácias do seu estilo, as quais pulsam ao ritmo dos temas — que na sua maioria já nem são actuais porque são futuros —, uma generosa visão dos homens, um lírico enternecimento perante a potência dos grandes sentimentos. Sobretudo, uma expressão de vitoriosa intemporalidade, que tudo e todos trespassa, mas sem lutas. Como se ao seu génio literário tivesse sido concedida a graça de tornar amáveis todas as grandezas e misérias da soberba ou humilde condição humana.»

Antero: opção para assinantes

Ofensiva Sá da Costa

À boca das férias a Sá da Costa informa que o próximo lançamento dos seus Clássicos, agora em nova série, constará das «Obras completas» de Antero de Quental tradução revista da «Odisseia» e mais volumes das «Obras completos» de António Sérgio. Atenção, pois, ao Outono de 1971.

Condições especiais são propostas aos assinantes da colecção: dez por cento sobre o preço de capa. Mas também pode haver assinantes (e aqui está a novidade) só para as obras de Sérgio e Antero. Os dois Sérgios já saídos têm tido venda invulgar, podendo dizer-se que começamos a assistir a uma redescoberta (ou descoberta, no caso dos leitores jovens) do grande pensador, cuja estatura cívica dá um peso ainda maior à obra já de si importantíssima que nos legou.

Recordações de Maio

Entre os últimos lançamentos da Europa-América figura «Uma vida em cinco dias», do actor, dramaturgo e advogado Costa Ferreira. Tema: Maio de 1968 em Paris, onde o autor se encontrava nessa altura. É um curioso, e em muitos passos corajoso, testemunho. Porque não só de notas de reportagem é feito o livro: sacudido nos seus mais fundos alicerces, Costa Ferreira interroga-se, desfibra-se com um vigor implacável. Eis o homem poblematizado, abalado pelo sismo da franqueza a qualquer preço.

Recordações de Maio parecem também marcar o volume «Educação nova e mundo moderno», que a Arcádia incluiu agora na sua Biblioteca de Bolso. A obra é dirigida por Gaston Mialaret, presidente do grupo (francês) Nouvelle Education, e tem a colaboração, entre outros, de Gustave Monod, Roger Gal e Claude-François Unger.

A «esquerda» americana

Leitores interessados em ver claro no conspecto político norte-americano têm agora à sua disposição um livro essencial: «Há uma esquerda nos E. U. A.?», de Marcel Rocques (Estampa, colecção Praxis). O livro data de finais de 1968, imediatamente após o acto eleitoral que colocou no poder o eterno «loser» Richard Nixon, mas Marcel Rocques possui uma capacidade de análise prospectiva fora do vulgar e os acontecimentos dos três anos seguintes não o desmentem. Servido por um estilo voluntàriamente leve, acessível às grandes massas, «Há uma esquerda nos E. U. A.?» pode (e deve) entrar em muitas bibliotecas.

Outro lançamento da Estampa, este nos seus Clássicos de Bolso, é o «Itinerário em que se contém como da Índia veio por terra a estes reinos de Portugal», de António Tenreiro Conimbricense, nobre de raiz, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e grande viajante pelas terras do Oriente. Tenreiro chegou a estar na Pérsia como embaixador português junto do xá. O seu «Itinerário» vale sobretudo pelo propósito de «contar» civilizações diferentes, o que António Tenreiro faz com a minúcia dos bons seiscentistas. Em tempo: este relato data de 1560, tendo tido, logo em 1565, uma segunda edição.

Remarque: 1.ª edição póstuma

Remarque póstumo

Na Alemanha Ocidental acaba de ser lançado um romance de Erich Maria Remarque, «Schatten im Paradies» («Sombras no Paraíso»). Trata-se da primeira edição póstuma dos inéditos do escritor, falecido a 25 de Setembro do ano passado. A crítica mostra-se entusiasmada, comparando o Livro ao famoso «Nada de novo na frente ocidental.»

A (NOVA) CRÍTICA EM QUESTÃO

Cont. da pág. central

época, a literatura) e do objectivo da crítica («apenas» dar um sentido ao texto e não julgá-lo, corrigi-lo, descrevê-lo, etc.), vamos encontrar uma imensa tolerância quanto aos processos e as formas dessa crítica, o que fará surgir fronteiras muito pouco claras entre a sociologia da literatura (Goldmann), a psicanálise da literatura (algum Barthes, Weber) e a crítica literária pròpriamente dita, acabando esta por falar de assuntos e realidades presentes na crítica tradicional.

Então, encontrar um ponto de ruptura? Difícil de distinguir na teoria, desaparece quase completamente na prática, o que pode parecer estranho de dizer e perceber se nos lembrarmos da polémica Barthes-Picard. Mas talvez haja sobretudo isto: uma ruptura de linguagem. Talvez no momento em que o crítico toma consciência de que para criticar a obra, ele não pode ser inteiramente «claro», que tem que ser sempre um pouco «confuso», porque ao criticar ele «assume» a obra (que é essencialmente ambígua), porque está ele próprio a realizar uma obra de características literárias e não a falar de (haverá uma 1.ª pessoa e não uma 3.ª), ele passe a ser um «novo crítico»

4.

A «VELHA» CRÍTICA (não digo os «velhos» críticos) considera a obra literária um produto directo dum indivíduo inscrito num meio (ou dum meio por intermédio dum indivíduo) e um produto completo que é fornecido ao leitor que terá perante ele uma posição passiva de consumidor. A «nova crítica» considera a obra literária um produto muito indirecto desse meio e desse indivíduo, que mantém com eles relações complexas e sobretudo um produto incompleto antes de terminado o circuito de comunicação, ou seja, antes de ser lida e criticada.

No fundo, há apenas isto: a tomada de consciência (passada á prática) da especificidade da literatura, da escrita, por parte da «nova crítica», a literatura seria uma linguagem, feita de «signos linguísticos, em situação especial, que fogem à «norma», consistindo essa fuga no aproveitamento exacerbado das características do signo linguístico. Quer isto dizer que a «velha crítica» (coitada) não tinha percebido essa especificidade da escrita, uma coisa que se nos mostra a cada passo ser evidente? Quer dizer principalmente que a «nova crítica» dá o papel principal (como assunto) a um problema que os «velhos» críticos tinham muitas vezes percebido, mas também tinham muitas vezes posto entre parênteses ou colocado numa posição diferente na sua hierarquia de valores.

5.

«RADICALMENTE NOVO»? Não acredito que exista alguma coisa «radicalmente nova». Claro que os conhecimentos vindos da psicanálise, da sociologia, da economia, da antropologia, etc. etc., etc., são importantes, mas, segundo penso, mais como preparação do crítico do que para «aplicação directa» na actividade crítica. No entanto, parece-me que é sem dúvida a linguística que maior influência tem tido na modificação da crítica literária. Com certeza porque está em vantagem em relação às outras ciências: diz respeito à literatura de dois modos — a literatura *utiliza a língua* como material; e sobretudo a literatura, *como a língua*, é uma linguagem, um meio de comunicação e de tal forma que a «ciência da literatura» viria a ser um ramo da teoria geral da informação (Doubrovsky).

E talvez o que a crítica literária deva fundamentalmente à linguística (e às outras ciências) é a insistência na ideia de *estrutura* e de *sistema*. Mas ainda aqui, nada de «radicalmente novo».

6.

QUE TEM SIDO criticar? Julgar, descrever, explicar. Mas criticar onde? Para quem? *Criticar* terá o mesmo significado quando a crítica é feita num livro, num artigo de revista, numa recensão de jornal? Volto à distinção inicial: o «espaço» e o público contam: há níveis de crítica. Daqui têm surgido numerosas confusões e situações mais ou menos ridículas.

Que é criticar? Actualmente, a crítica não julga, nem descreve. Explica, talvez. Mas esta palavra soará muito «herética»: a crítica «dá um sentido a uma forma» (Doubrovsky); a crítica «recobre» Barthes e «reestrutura» a primeira obra (Raymond Jean); a crítica «decifra» (Jean Roudaut); a crítica será uma «leitura» (Todorov), mas não será uma leitura, porque será uma «escrita» (Barthes). Sobretudo, não será nem uma «projecção», nem um «comentário» nem uma «poética», nem uma «interpretação», nem uma «descrição» (Todorov).

Mas será possível continuar a julgar que alguma destas afirmações é aplicável à nossa realidade? Algum destes autores terá pensado em páginas literárias e secções culturais onde a crítica *existe* (ou deveria existir) *para* alguma coisa de prático e preciso? Terá pensado em países em que as pessoas saem das escolas das universidades, das faculdades de letras *sem saberem ler?*

A crítica não julga: sempre terá tido que haver um julgamento quando se escolhe a obra a criticar; sobre uma obra «má», que não é «objecto de arte», será difícil encontrar alguma coisa a dizer (a não ser que é má e porquê). A «nova crítica» põe de lado todo um processo que leva a eliminar determinadas obras. Por vezes, nos jornais, nas revistas, é necessário falar de livros maus. A crítica que falar deles *terá que julgar.*

A crítica não descreve: a crítica raramente aparece em Portugal isolada em livro, em revistas «da especialidade»; aparece, sim, quase sempre, em «órgãos de *informação*»; parece-me que sem deixar de ser crítica, ela deve também informar, de uma maneira ou de outra, mas mais ou menos objectivamente, sobre o livro em questão. Essa crítica *descreverá.*

A crítica é uma «leitura», uma «reestruturação», etc., etc.: sim. Será sobretudo isso: mostrar uma maneira possível de alguém ver («ler», «assumir»...) uma obra. Mas aparece como uma maneira de ver a obra em que o centro seja a *obra*, e não o *crítico* a ver a obra...

Acho que a mais urgente «crítica literária em Portugal» (não falo de «crítica» nem de «nova crítica») tem a função de julgar, informar, explicar. É essa a sua função imediata; no fundo, e por enquanto, tentar substituir duma maneira muito diferente o que devia ter sido feito *na escola.*

7.

NÃO SEI se «o processo de produção». Que se completa qualquer coisa, sim. Mas isto não é verdadeiro duma maneira igual para todas as obras. Há obras que «exigem» mais a crítica do que outras. Para isso mesmo chamou a atenção Raymond Jean nos debates de Cerisy em 1966: há uma literatura que conta com a crítica, com o papel activo e criador do leitor e do crítico.

Essa função crítica, aliás, pode começar e estar contida na própria obra quando o autor se desdobra e reflecte criticamente sobre o que escreve. Nisto insiste particularmente Butor, por exemplo. Seria então talvez a ocasião de falar da abolição de fronteiras entre a criação e a crítica...

Mas mais importante será apontar uma situação que se cria e que me parece extremamente perigosa: a do crítico fascinado pelo seu novo papel e estatuto (concedido mais pelas suas longas e laboriosas leituras de crítica do que de literatura) e que passa a ter como principal motivação mostrar que é muito inteligente, que vale tanto ou mais do que o autor em causa, que a sua crítica é tanto ou mais importante do que a obra em causa. E até pode ser... Mas não é em exercícios mais ou menos líricos, filosóficos, ou eruditos, que se pode ver completar o «processo de produção iniciado pela escrita».

8.

TENHO FEITO muito pouca crítica e escolhido bastante antes de a fazer. Não se trata duma actividade crítica regular, o que condiciona necessàriamente o significado da resposta.

Ao escrever uma crítica, procedo da mesma maneira do que ao fazer um comentário de texto, dum texto longo. Na escola (no liceu) um aluno deveria estar apto a fazer (num determinado nível) a «crítica» dum livro. Acho que a crítica deve seguir *um* método (seja ele qual for) de comentário de texto e, consequentemente, falar sobretudo do texto, da obra. Por isso julgo lamentáveis as longas introduções em que o crítico mostra que é muito culto, citando, teorizando, filosofando. Penso que a crítica deve *explicar* a obra (no mesmo sentido em que se fala em França de «explication de texte») e que para isso não precisa necessàriamente de a descrever. Pelo contrário, como diz Todorov, o primeiro trabalho será alterar a ordem aparente do texto e procurar «*nós*», «charneiras».

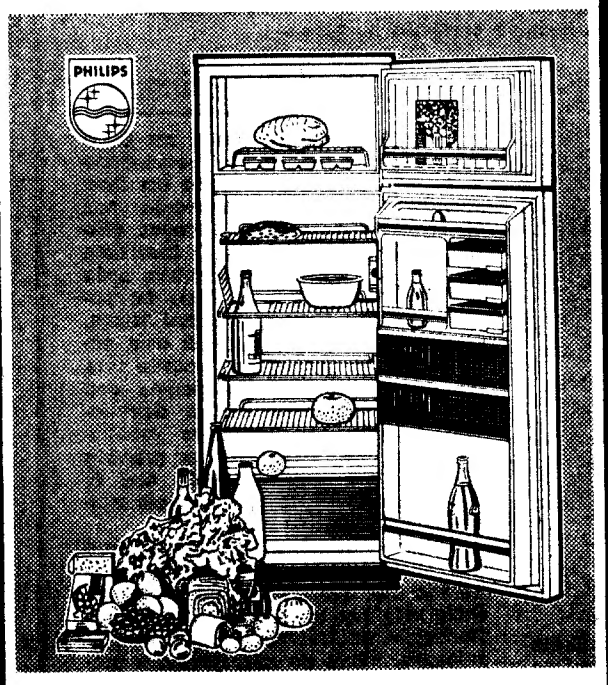
Acho que o crítico literário em Portugal, que é um crítico de jornal, tem que ter em conta para que escreve e para quem escreve. Isto distingue-o (continua a distingui-lo) do «escritor» e por isso deve fazer um esforço para ser «claro» (o que não quer dizer simplista ou «acessível», naquele triste sentido que se lhe dá). A clareza consistirá em fazer-se entender por um leitor médio que deveria perceber o que o crítico pensou do livro, o que o crítico leu no livro, e ao mesmo tempo um pouco o que o livro «é». Penso ainda que o crítico se deve «apagar» (nisto se parece com um encenador) não se exibindo a pensar ou a sentir mas esforçando-se por mostrar a obra através da sua personalidade crítica. Não será, aparentemente pelo menos, um «fazedor de arte»

E este esforço de «clareza» e de «modéstia» para quê? Para ajudar a criar um público de literatura, mais do que para criar um público de crítica. Talvez para ajudar um público que lê — e provàvelmente chamar-se-á a isto «paternalismo» — a ler «melhor» porque, em princípio um crítico deveria ler «melhor» do que um leitor que lê apenas (como em princípio, um professor deveria saber «melhor» do que um aluno), mostrando ao leitor o que há de literàriamente importante nas obras, o que é literatura e o que não é, criando no público um «gosto» literário que, como se sabe, é indissociável do resto...

EDUARDA DIONISIO

Eduarda Dionísio: a «nova crítica» não existe

no espaço desejado o frio apetecido



faça num só dia as compras para toda a semana

Agora pode escolher o dia e o momento para fazer as suas compras. É possível que não ocupe todo o espaço que o frigorífico Philips lhe oferece, mas pode ocupar de outra forma o tempo precioso que perdia nas suas compras diárias.

TORNE MAIS ÚTEIS OS SEUS DIAS ÚTEIS

tenha em sua casa um frigorífico

PHILIPS

ARTES VISUAIS: OS ONZE DA BRASILEIRA

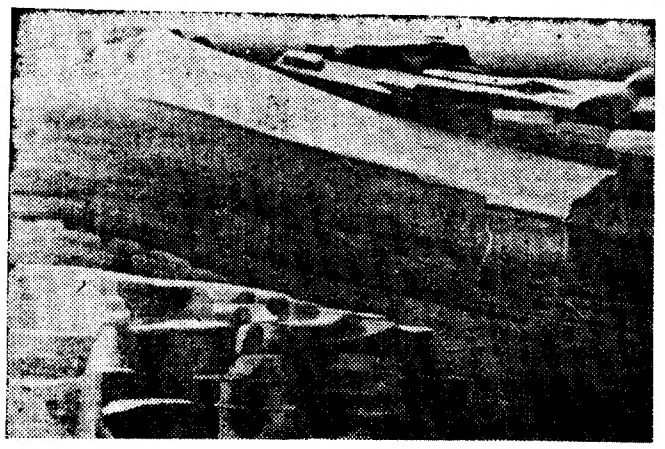
Cont. da pág. 8

paralelismo com o quadro de Almada, como que vestindo um uniforme da crítica, eles também expostos ao fumo e aos vapores do café, inevitàvelmente clientes da Brasileira. Mais do que ninguém, Francisco Bronze está vingado (voltou a entrar apesar do «reservado o direito de admissão») e alguns dos artistas frequentadores do café têm, desta feita, um pretexto mais concreto para o seu feiticismo escarnecedor. Augusto França, sempre atento ao sentido das jogadas, não se esqueceu de se antecipar: **Que isso sirva de satisfação aos artistas não escolhidos e de justificação ás suas interessadas críticas — e a alguma caricatura imitada daquela que, em 1926, o Francisco Valença fez ao quadro do Almada. E que de castigo nos sirva, a nós, escolhedores, este pélourinho da «Brasileira» — que para sempre nos evitará o viver feliz só em escondimento alcançável...»**

É caso para dizer que o sociólogo e o historiador completam o crítico.

Escreveu por seu lado Rui Mário Gonçalves, um dos quatro retratados:

Se cada um dos quatro membros da comissão terá ficado como eu, derrotado em alguns pontos do seu critério — os críticos estão cada vez mais diferentes nas suas opções — a verdade é que o resultado final é apesar de tudo bem positivo. O retrato considera que as onze pinturas são um testemunho válido, não pròpriamente de **toda** uma época, mas dos próprios autores. E reflecte: **Mas quantos gumes terá esse testemunho?**



Hogan: densidade metafísica

«OS ONZE DA BRASILEIRA»

Dos jornais: **Pena é que essa eleccão que fizeram não tenha ido para um café moderno. A Brasileira ficaria com o grupo do Orfeu. Porque é que os modernos não criaram o café deles próprios?**

Os onze da Brasileira estão bem, as obras não desiludem nem iludem, e a tradição do processo foi recuperada á letra apesar da diversidade das formas. **No actual grupo há uma muito maior diversidade de concepção pictórica.** De facto, e o problema já foi levantado, resta saber se uma prática actual da construção do ambiente, da resolução interior do espaço arquitectónico, se pode ajustar a esta simples recuperação de um processo praticado há quase cinquenta anos. A dúvida que se põe, para além do indesmentível interesse que há no tipo de comunicações proposto, **especialmente para o público que não vai ás galerias** ou que não se informa sobre o fenómeno estético contemporaneo, é se não teria sido preferível encontrar uma outra forma de participação dos artistas actuais na circunstancia aberta com a retirada dos anteriores quadros da Brasileira. Não é a escolha dos artistas que se discute, nem o facto de eles terem sido solicitados a dar uma nova contribuição ao espaço até há pouco ocupado de determinada maneira: o que se discute é a perspectiva em que foi colocada essa contribuição. **O condicionamento imposto não residiu apenas no formato do quadro:** o condicionamento foi o mesmo de há 46 anos e o que se pediu aos artistas (não a uma equipa de artistas) foi que produzissem quadros (de cavalete) para afixar em onze bocados de parede do café A Brasileira. A ausência de tema ou de programa parece resumir toda a actualidade **técnica** da iniciativa, o que é perfeitamente absurdo. Talvez fosse difícil encontrar (e resolver) outro programa — um programa que não fosse a ausência de programa. Mas a verdadeira originalidade referida aos nossos dias (originalidade dos compradores, dos escolhedores e, por fim, dos artistas) estaria de acto e com certeza a esse nível.

Seja como for, uma pequena colecção de pintu-

Calvet: pormenor do quadro para a Brasileira

ra moderna portuguesa (e apesar de tudo significativa) orna e distingue de novo a Brasileira. É caso, mesmo assim, para nos congratularmos. Quanto aos críticos responsáveis pela escolha, retratados por Niklas, José Augusto França acha-os tristes (achando-se a ele crónicamente menos), banhados num inevitável queixume que os punge. Porquê?

As filhas do soldado Schveik

Cont. da pág. 1

INDIVIDUALISMO CONTRA DIGESTÃO

Que fazem, em 1965, as filhas do soldado Schveik? Forman sabe que, mais do que as estatísticas industriais; elas pensam no amor. Mas esse amor nem sempre aparece à luz do dia e é mais uma vez maldito ante a falta de abertura da família e a secura moralizante dos burocratas e dos chefes partidários. A moção votada no Lar (com tanto de cómico como de triste) vem lembrar-nos como está isolada a ingenuidade romântica da heroína.

As sequências seguintes provam que o individualismo recebe o seu castigo e Milos Forman terá hoje, porventura, já compreendido que a personalidade individual perde força quando embate contra forças obscuras e que fazem da digestão tranquila um ideal quer se trate de sociedades que se baseiem na esperança de dias melhores ou na perspectiva gananciosa e alienante de haver mais dinheiro. E perde força porque os manipuladores do poder assentam o seu império não nos loucos que persistem em amar ou em criar, mas naqueles que por nada trocam a tranquilidade das suas digestões.

Terá a heroína de **Os Amores de uma Loura** compreendido isto? Os últimos planos, as confidências com a amiga dizem-nos que não, pois as ilusões persistem.

E os reservistas? Seria erróneo interpretar a sua obsessão de «ir com as raparigas» durante a festa como uma simples pândega de maridos fora de casa. Na aventura fugaz

Milos Forman

os homens parecem ver um antídoto contra dias de caserna e de família igualmente cinzentos. Com os seus capotes gigantescos, os seus olhares mornos, a tristeza vencida dos seus gestos (mesmo os mais cómicos) os seus óculos e as suas pequenas manias lembram grandes pássaros desajeitados com asas demasiado pesadas para se aventurarem a voar.

Do outro lado, pois há nitidamente um outro lado, as raparigas alinham fealdades e bonitezas com as decisões e indecisões das mesas do homem. E não escolhem. Esperam, entre garrafas e sonolência, por ser escolhidas. O responsável da fábrica preside a uma festa sem fogo e tenta a comunicação onde só existe um diabaço.

O 6.º cavaleiro chamava-se Tédio.

Os Amores de uma Loura. Realização de Milos Forman. Intérpretes principais: Hanna Brejchova (Adula) e Vladimir Pucholt (Milda).

JOSÉ VAZ PEREIRA

João Perry: ser actor em Portugal

Cont. na pág. 3

me interessa nada o que eles faziam porque não acredito nesses métodos.

Os cenários são feitos de papel e eu digo: não sou capaz de representar em cenários de papel, quando me mandam encostar contra uma parede porque a parede fica toda a tremer e isto não tem graça nenhuma. As pessoas fazem troça porque eu preciso de cenários reforçados para não os rebentar e porque eu magouo os colegas e representar não é viver, e outras coisas assim. Ora isso, é tão arcaico que nem vale a pena justificar-me. As condições que eu peço ao nível internacional, ao nível do teatro mediano internacional são coisas que parecem larachas. O silêncio. Chateio-me quando o electricista que, coitado, está na sua actividade de «naif» espreita para dentro da cena, com um carpinteiro que me fala quando estou a concentrar-me para entrar em cena ou quando me perguntam coisas. Quase que desisti de tentar seguir um regime de respeito por mim próprio. Não é possível, não aguento. As pessoas não levam a sério o acto de estar em cena, não o fazem por mal, mas interferem, desejam sorte, dizem que há um projector apagado, tudo serve para interferir, mas como o espectáculo em si já é tão ridículo, tão arcaico, tais factos só sumàriamente me interessam . Sabes gostava de ser encenador.

C. P. — *Porque é que não és?*

J. P. — Porque não me deixam, dizem que sou insuportável.

C. P. — *Mas já te ofereceste para isso?*

J. P. — Já, já estou farto de dizer, até já tive colegas que me disseram que gostariam imenso de trabalhar comigo. Alguns mais velhos, entre eles dois que já me dirigiram como encenadores.

C. P. — *Porque é que não encenas tu o «Calígula», em vez de vir um espanhol qualquer?*

J. P. — Qualquer? E porque é que não vamos à lua tomar o pequeno almoço?

C. P. — *A ida à lua depende de uma série de factores científicos, técnicos, económicos, políticos — não é bem a mesma coisa. Tratar-se-ia de um acto simples de boa-vontade, de inteligência.*

J. P. — Mas para quem esse acto? para o Teatro Nacional?

C. P. — *Pois.*

J. P. — Ah! Bom! Para já, se isso alguma vez pudesse acontecer só admitiria encenar se me fosse possível escolher os actores e implantar as minhas condições. Assim seria possível encenar no Teatro Nacional ou em qualquer outro teatro.

C. P. — *Para isso seria necessário que aceitassem a tua rebeldia, se assim lhe posso chamar.*

J. P. — Não: a minha ordem, a minha nova ordem.

C. P. — *Ou isso.*

J. P. — Os meus horários, a minha forma (chamemos-lhe assim para tornar a coisa bem trágica) a minha forma (ditatorial), criar um regime para fazer uma peça que é programada para ser consumida. Dentro desse regime de horários em que as pessoas trabalham, fazem exercícios antes de trabalhar, porque não creio ser possível sair do restaurante ou de casa, onde há filhos, problemas, e entrar num teatro e só o facto de passar a porta se está logo dentro do que se vai fazer. Porque tem de haver um tempo, tem de haver uma adaptação ao sítio onde se está. Teatro não é pròpriamente um trabalho de encher chouriços. É necessário que haja um clima de adaptação, que se discuta, é necessário discutir os textos para que se saiba o que se vai fazer, haver consideração pelas ideias dos colegas que vão participar no espectáculo. Ninguém está interessado no actor: o actor continua a ser um badameco, uma pessoa que não é chamada para nada. Não se discute a peça, não se discute qual é a visão que cada um tem da personagem, não se discute nada.

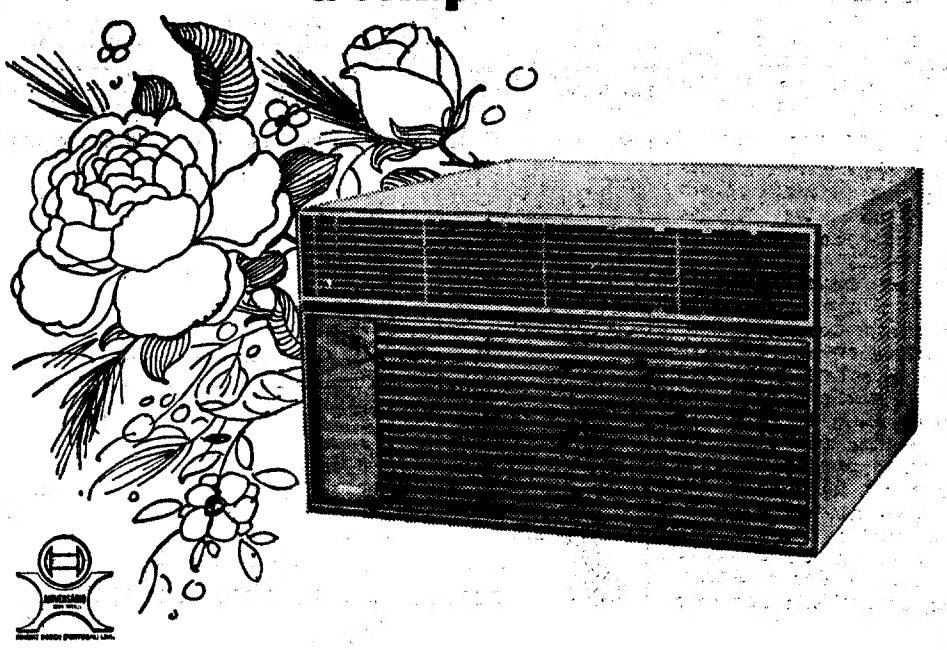
C. P. — *Como é que se processam as coisas? Quando se resolve fazer uma peça, o que é que se passa?*

J. P. — Bem a peça, se está toda traduzida. Se não lêem só o 1.º acto; começa a ensaiar e a marcar passados dois dias; por vezes não se sabe quem é a personagem, o que vai fazer no 2.º acto ou no 3.º acto, mas isso não importa.

C. P. — *O encenador nem sequer faz um discursozinho de apresentação?*

J. P. —Às vezes diz que tem muito prazer em dirigir toda a gente. Outros preguntam se já conhecem a peça, se há quem não conheça fica sem conhecer. Isso até poderia ser um método. Dir-se-ia desconhecer-se o 3.º acto como se desconhece o dia de amanhã. Simplesmente, quem vai viver o dia de amanhã levou a vida inteira a construir uma acção interior. E o que faz o dia de amanhã está numa linha relativa com o que ficou para trás. O actor não sabe. Começa a viver aos 27, aos 58 anos uma personagem sem saber o que é que lhe aconteceu para trás porque não teve tempo para inventar e não tem dados para isso e sem saber o que é que lhe vai acontecer no 3.º acto que é o amanhã. Fica completamente doido. Só pode saber fazer caretas a mais ou a menos. Então vai-se para o virtuosismo, três gritos no 1.º acto, quatro no 2.º, três lágrimas no 3.º. E pronto, já está! Bacalhau com todos.

ESPIRAL
ar condicionado
BOSCH
a temperatura do conforto



OS ONZE DA BRASILEIRA

Por ROCHA DE SOUSA

NAQUELE DIA, na manhã já cheia de firmeza de um Verão reconciliado e luminoso, os empregados bancários, os homens de balcão e os comerciantes, alguns chefes, patrões e outra gente dispersa sem história visível, habituais frequentadores (entre as oito e as nove) do café «A Brasileira», puderam contemplar os onze novos quadros ali postos de um momento para o outro, sem plebiscito e sem cerimónia, destinados a substituir uma geração queimada pelo fumo e apeada da prateleira pela força inexorável do tempo. Onze pinturas feitas de fresco, pagas por igual e sancionadas pela crtica, orginadas neste nosso tempo alfacinha e alinhando pelas paredes (ao alto, por cima dos espelhos) a heterogeneidade dos modos de ser e ver dos artistas escolhidos. Quase um museu em miniatura, popular ou a popularizar, um caso raro numa cidade sem museu de arte moderna, um exemplo de como os artistas podem integrar-se no quotidiano, contando histórias ou fazendo a história, imolando-se por fim à acção do fumo, dos vapores, do tempo — e à transitoriedade inevitável das vozes.

«RENDER DE SÉCULOS NA BRASILEIRA» «OUTRA GERAÇÃO, ESTES QUADROS»

Dos jornais: **Escrevo estas notas como quem faz um apelo para que as iniciativas deste género se multipliquem. Já o tinha feito a propósito da sede da Fundação. Os artistas portugueses merecem-nas e o público também. Que sejam as entidades particulares que estão mais atentas do que o Estado, é outra história, ou é já a História.**

O público avoluma-se e diferencia-se ao longo das horas, na Brasileira. O público é essa gente de cabeça levantada (por quanto tempo?), assimilando a lição da história, a passagem do tempo, a dádiva dos artistas seus contemporâneos, também fregueses daquele café, homens do mesmo lugar e da mesma circunstância, que se servem das mesmas cadeiras e das mesmas chávenas.

São eles, por ordem alfabética: António Palolo, Carlos Calvet, Eduardo Nery, Fernando de Azevedo, João Hogan, João Vieira, Joaquim Rodrigo, Manuel Baptista, Nikias Skapinakis, Noronha da Costa e Vespeira.

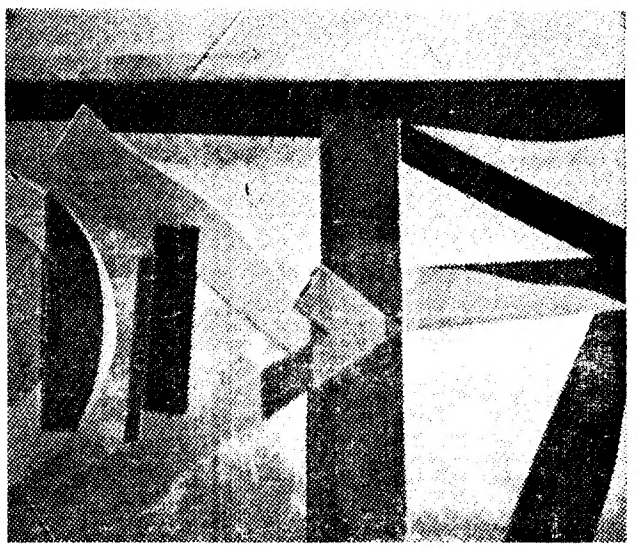
Outras pinturas, portanto. Outras pinturas **contra** as de 1925, as que foram usadas e gastas pelo público, pagas ao preço de milhares de «bicas» e de milhares de cigarros, cegadas pela degeneração física e um pouco também (ou muito) pela lenta e longa indiferença que o hábito gerou. Estiveram lá, no alto das paredes, muito para além da brevidade do seu destino, desconhecidas aos olhares de hoje, quase como certas obras sacras que testemunham mudamente, na escuridão das capelas, a rotina secular dos templos.

Dos jornais. **Os quadros que se mantiveram quase 45 anos colados (na acepção verdadeira do termo) aos espaços que os novos quadros ocupam agora, parecem ter cumprido a sua missão. Isto embora o hábito e a rotina pudessem ter impedido muitos frequentadores da Brasileira de lhes abandonar os olhos. Quantas pessoas terão, em 45 anos de exposição, atentado verdadeiramente nos quadros de Almada, de Eduardo Viana, de Jorge Barradas, de António Soares e dos outros companheiros destes, num café onde, também por tradição, as solicitações são muitas?** afirmou-se hoje, frente à representatividade (também discutível?) dos onze testemunhos resultantes da nova encomenda.

Dos jornais: **As paredes da Brasileira do Chiado voltaram a vestir-se de quadros. Pelos 2 escudos habituais da «bica», o frequentador deste café vai ter à disposição dos olhos 11 quadros de «pintores de Lisboa e representativos da pintura actual».**

A generosidade do homem da rua ou do noticiário dos jornais, **aqui e agora**, talvez sofra um inevitável confronto negativo com as opiniões qualificadas do futuro, daqui a 45 anos, se a Brasileira ainda puder resistir quase meio século ao avanço das dependências bancárias e à fragmentação dos núcleos urbanos lisboetas. Um crítico, em 1971, repensando o valor estético dos quadros antigos, considerou apenas modernos os de Almada e Viana. As pinturas agora propostas, afinal presas a um compromisso de encomenda semelhante ao de há 45 anos, imobilizam-se nas condições do mesmo espaço, são testemunho de uma modernidade por vezes hesitante e pouco agressiva: **a confiança** (dos compradores) **é em geral mais inspirada pelo talento do que pela irreverência da invenção.** João Vieira, com a modernidade dos seus plásticos coloridos e dos seus sinais violentos, poderá ser menos moderno daqui a 50 anos do que o menos moderno João Hogan, com a solidez e a densidade metafísica da sua paisagem perturbadora. E Noronha da Costa apressou-se a «auto-patinar-se», é já brumoso e definitivamente «antigo», ilude com tons escuros a curiosidade do

Nikias: os seleccionadores (da AICA) perpetuados



João Vieira: modernidade dos plásticos

espectador e a paciência futura daqueles que tiverem de o restaurar.

«O PREÇO OU A MEDIDA DO CONSUMO»

Quem comprou e por quanto foram vendidos os onze quadros de 1926? Joachim Mitnitzky, o comprador, **o homem que pagou mais caro por um quadro português (1300 contos por «Pessoa», de Almada),** esqueceu-se depressa do montante da transacção, **uma vez que** (tal) **transacção já foi feita há alguns meses...** Aos quatro contos de 1925 (por cada quadro) opõem-se os vinte contos de hoje e uma experiência (saborosa e imprevista) dos valores que estão em jogo: os artistas actuais, de comum acordo, decidiram que no contrato figurassem as seguintes cláusulas: **os quadros não podem ser alienados sem o consentimento do artista e só pode haver alguma substituição com o consentimento de todos os restantes.** Para além da legitimidade de tais exigências, quase se poderia afirmar que os artistas enfim se sentiram irmanados nos mesmos interesses (morais, estéticos e financeiros), reconhecendo-se em bloco representantes de uma conjuntura cultural hoje definida no nosso país. Ou hoje sociològicamente indefinida, se se quiser. Os outros artistas, os antigos, tinham os seus quadros colados às paredes pelo contrato do tempo: alguns desses quadros **saíram da Brasileira** (diz-se) **com bocados de parede agarrada.** Mitnitzky esclarece: **Nesse tempo, não havia os cuidados que há agora. Espero que isso não aconteça aos quadros que vão para lá.** A referência parece de ordem técnica, mas não deixa de se tornar numa espécie de ironia se nos lembrarmos de todas as nuances dos cuidados hoje tomados. O tempo, por seu turno e apesar disso, acabará por nos revelar quais os cuidados que foram esquecidos em 1971.

«OS QUADROS DA BRASILEIRA» «NÓS, NA BRASILEIRA»

Se nem toda a gente sabia quem seleccionou os onze da Brasileira, Nikias Skapinakis encarregou-se de «perpectuar» os seus rostos no próprio quadro que lhe foi encomendado.

Foram eles, por ordem alfabética: Francisco Bronze, Fernando Pernes, José Augusto França e Rui Mário Gonçalves.

E ali ficaram na parede, agrupados como membros da AICA e pelo

Cont. na pág. 7

ASPECTOS
DO NOSSO TEMPO
EM
«ANTICOISAS & TELECOISAS»
DE
ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Mais uma edição FIGUEIRINHAS
Pedidos às LIVRARIAS

EXPOSIÇÃO/FEIRA
LIVROS DE BOLSO
PORTUGUESE-ESTRANGEIROS
NA QUADRANTE
DE 12 A 31 DO CORRENTE

NOVIDADES
PORTUGÁLIA EDITORA

MEMÓRIA DESCRITIVA
Ruy Cinatti
Colecção
Poetas de Hoje
n.º 31

POESIAS
(séculos XIII-XX)
Antologia
organizado
por
Branquinho
da Fonseca

O IRREAL QUOTIDIANO
(histórias e invenções)
José Gomes Ferreira
Obras de José Gomes Ferreira
O ULTRAMAR PORTUGUÊS DEPOIS DA RESTAURAÇÃO
Jaime Cortesão
Obras Completas de Jaime Cortesão — Vol. XX
O PRÉMIO (5.ª ed.)
Irving Wallace
Col. Contemporânea, n.º 54
BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS:
Brigitte e a Primavera de Maria Inês
Brigitte, Cuidados e Alegrias
Em Família